

Cliff McNish

O SORTILÉGIO



ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



O SORTILÉGIO

Cliff McNish

Tradução
ANGELA MELIN

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original THE DOOMSPELL

Copyright do texto © Cliff McNish, 2000

Copyright das ilustrações © Geoff Taylor, 2000

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 - 4º andar

20011-040 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2507-2000 - Fax: (21) 2507-2244

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil / Impiesso no Brasil

preparação de originais

ELIZABETH LISSOVSKY

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros - RJ.

M429s

McNish, Cliff

O sortilégio/Cliff McNish; tradução de Angela Melim. - Rio de Janeiro:

Rocco, 2005.

Tradução de: The doomspell

ISBN 85-325-1877-X

1. Literatura infanto-juvenil. I. Melim, Angela. II. Título.

05-0912 CDD- 028.5 CDU-087.5

Para Rachel, é claro

1
A BRUXA



A Bruxa desceu as escadas escuras do Palácio. Era uma noite gelada. A neve caía selvagem do céu e o vento uivava feito lobo faminto.

— Que noite deliciosa! — alegre, a Bruxa soltou um suspiro.

Apesar do frio de amargar, usava um vestido preto fino e os pés estavam descalços. Uma serpente se agarrava apaixonadamente a seu pescoço, ocasionalmente piscando os olhos vermelho-rubi em meio às rajadas de neve.

A Bruxa caminhava sem fazer esforço, saboreando esmagar o gelo sob os dedos dos pés, enquanto um homem, ao lado, lutava para acompanhar o ritmo. Ele tinha menos de um metro e meio de altura e mais de quinhentos anos de idade. Rugas em forma de arco dos dois lados dos olhos faziam com que parecessem ter sido muitas vezes cortados fora e reinsertados. Arrastando os pés, descia os degraus íngremes do Palácio. Só apareciam o nariz, grande e achatado, e o queixo quadrado. A barba rala tinha sido cuidadosamente enfiada embaixo de três cachecóis.

— Então, como está minha aparência, Morpeth? — perguntou a Bruxa.

Ela fez relampejar um rosto de mulher bonita.

— Eu vou convencer as crianças — ele respondeu, cerrando os dentes. — Por que se preocupar com parecer bonita, Dragwena? Em geral, você não se importa com o que elas pensam.

A Bruxa voltou à aparência normal: pele vermelho-sangue, olhos tatuados, as quatro dentaduras, duas do lado de dentro e

duas do lado de fora da boca torcida de cobra. Morpeth observou as fileiras de dentes batendo umas nas outras, disputando a melhor posição para comer. Umas poucas aranhas de olhos cor de púrpura fervilhavam por entre as mandíbulas, limpando os restos de sua última refeição.

— Ah, mas esta noite está chegando uma criança especial — disse a Bruxa. — Não quero assustá-la cedo demais.

Morpeth desceu o restante dos degraus gelados da torre-olho. Era o ponto mais alto do Palácio, uma coluna fina furando o céu. Abaixo, os outros edifícios dentados do Palácio se misturavam à neve, a pedra preta espetada para o alto, como membros de besouro. Morpeth botava um pé na frente do outro com cuidado. Preferia não escorregar. Se caísse, a Bruxa esperaria até o último instante possível para resgatá-lo. Naquela noite, tinha reparado que Dragwena estava excepcionalmente entusiasmada. Enrolando delicadamente as aranhas na língua, ela riu. Era uma risada feia, aguda, desumana — como a própria Bruxa. Pelas narinas em formato de pétalas de tulipas cortadas, ela farejou ansiosamente o ar.

— Noite perfeita — ela disse. — Frio, escuridão e os lobos aí fora. Não está sentindo o cheiro deles?

Morpeth grunhiu, batendo os pés para se manter aquecido. Não conseguia sentir o cheiro dos lobos nem vê-los, mas não duvidava da palavra de Dragwena. Suas pálpebras triangulares, orladas de osso, abriram-se, tornando a se esticar para trás, embaixo dos ossos da bochecha. Todos os detalhes noturnos eram sempre nítidos para a Bruxa.

— E o melhor da noite ainda está por vir — ela suspirou. — Logo estarão chegando novas crianças. Não há dúvida, será como sempre, um pouco intrigadas, mas agradecidas por estarem recebendo nossa atenção. O que vamos fazer com elas desta vez? — Ela fez uma careta e todas as quatro dentaduras avançaram ameaçadoramente. — Vamos amedrontá-las até a morte? O que acha, Morpeth?

— Talvez elas sejam inúteis — ele respondeu. — Faz muito tempo que não chega uma criança especial.

— Acho que hoje vai ser diferente — disse a Bruxa. — Tenho acompanhado esta há algum tempo, na Terra. Ela tem o dom, seu poder vem crescendo.

Morpeth não respondeu. Apesar de ser doloroso passar qualquer tempo que fosse na companhia da Bruxa, hoje queria estar ao lado dela. Se uma criança especial chegasse, desejava saber quase tanto quanto ela, mas por motivos diferentes.

Continuaram descendo a torre-olho. Embaixo, uma carruagem esperava, conduzida por dois cavalos pretos nervosos. A Bruxa geralmente voava para recepcionar as crianças novas, mas, por capricho, tinha decidido não fazer isso aquela noite.

Impaciente, acompanhou Morpeth, que descia devagar os últimos degraus.

Tão lento, ela pensou. Tão velho. Seria agradável matá-lo logo, quando não tivesse mais utilidade.

Empurrando Morpeth para dentro da carruagem, sussurrou um encantamento de pânico a cada cavalo. Estes dispararam, aterrorizados, em direção ao Portão.

2 O PORÃO



— O que está acontecendo? — Eric perguntou, mastigando os flocos de milho.

Rachel deu de ombros.

— Você sabe.

— O sonho outra vez?

— Hum... — Rachel deixou o cabelo escuro e longo balançar junto ao leite do café-da-manhã, e depois o sacudiu para o irmão.

— Deixe para lá — disse Eric.

Encostando o rosto ao de Rachel, abriu bem a boca e mostrou o leite e os flocos de milho babados sobre os lábios retesados.

— Ai, deixe de ser criança — disse Rachel. Eric riu.

— Para ser adulto como você? Não, obrigado.

Rachel ignorou-o, olhando fixamente o próprio prato intocado.

— Ontem à noite o sonho mudou — ela disse. — Desta vez havia...

— Crianças — completou Eric. — Eu sei. Eu as vi. Na neve, atrás da mulher.

A mãe deles estava por perto, mexendo o café.

— Isso outra vez, não! — ela suspirou. — Olhe, Rachel, você começou com essa bobagem de sonho. Agora Eric também entrou nessa. Eu gostaria que você parasse com a brincadeira. Nem tem graça.

— Por que não acredita em nós? — perguntou Eric. — Nós dois estamos tendo os mesmos sonhos. *Exatamente* os mesmos sonhos.

— Ontem à noite — disse Rachel — os meninos estavam tremendo atrás da mulher. Tinham grandes rugas em torno dos olhos. E estavam cobertos de gelo.

— Pareciam meio mortos — disse Eric.

— Ai, parem com isso, vocês dois — a mãe pediu. — Estou cheia desse absurdo todo.

— É verdade, mamãe — falou Eric. — A mulher no sonho é esquisita. Em torno da cabeça dela, a neve cai escura. E ela tem um colar de cobra no pescoço. Encara você.

— Ela está viva — disse Rachel.

— Vocês estão fazendo de propósito — disse a mãe, impaciente. — Conheço vocês dois. Pensam que eu sou boba? Vamos com o café-da-manhã.

Rachel e Eric fizeram silêncio, terminaram de comer e saíram da mesa. Era sábado, de modo que podiam fazer o que quisessem. Eric trotou para o porão, para brincar com os aeromodelos. Rachel, imersa em pensamentos, foi para o quarto ler, esperando que isso tirasse o sonho de sua mente. Como conseguiria convencer a mãe de que estavam dizendo a verdade? Pouco depois, olhando para cima, viu a mãe de pé, hesitante, à entrada do quarto. Talvez estivesse ali já há algum tempo.

— É sério esse negócio de sonho? — ela perguntou.

— É.

A mãe lançou-lhe um olhar penetrante.

— Mesmo?

Rachel retribuiu o olhar.

— Mãe, eu não ia inventar um troço desses. Não são sonhos normais.

— Se você estiver me enganando...

— Não estou. Estou dizendo a verdade.

— Hum... Está bem.

A mãe sacudiu uma bolsa.

— Vou fazer compras. Vamos falar desses sonhos com calma mais tarde. Onde está seu pai?

— Adivinhe, mãe.

— Na garagem, consertando o carro.

— De novo — disse Rachel.

As duas riram.

— Fique de olho em Eric para mim, por favor — a mãe pediu.

Rachel concordou.

— Pode deixar. Daqui a pouco vou lá vê-lo.

A mãe saiu e Rachel voltou ao livro, sentindo-se bem mais contente, pois alguém, além de Eric, começava a levar meio a sério seus sonhos. Do lado de fora, uns carros zuniram pela rua. Umas crianças gargalhando passaram correndo pela casa, excitando o cachorro do vizinho do lado. Papai soltou uns xingamentos da garagem - os ruídos típicos de uma manhã de sábado. A certa altura, Rachel soltou um bocejo e foi procurar Eric. Andou pelo corredor de cima e parou de repente.

O que ouviu não foi um ruído matinal de sábado. Foi um berro.

De onde? De baixo dela, sim. Mas não da cozinha nem da sala.

— Eric? — chamou, prestando atenção.

Sem dúvida, estavam gritando. Os gritos vinham das profundezas da casa. À medida que se aproximou do porão, a sombra de Eric, cor de laranja, mexeu-se contra a parede. Um incêndio?

— Saia! — berrou a voz de Eric. — Alguém me ajude! O que está me prendendo contra... me solte!

Rachel alcançou a porta escancarada do porão. Farejou o ar com cautela, examinando o lance íngreme de escada.

Lá dentro não havia chamas, mas o porão inteiro pulsava e ardia em luz carmesim. Era como se um grande pôr-do-sol tivesse se cansado do céu e invadido a casa. Rachel protegeu os olhos. Na parede, nos fundos do porão, um grande vulto negro foi sugado no meio do ar. Ela abriu a boca de espanto e caiu de joelhos. Onde estava Eric? Conseguia ouvi-lo, a ofegar. Seguindo os sons, deu-se conta de que o vulto negro *era* Eric. Seus dois pés batiam, o corpo alfinetado à parede.

— Rachel — ele gritou, ao vê-la. — Alguma coisa está me prendendo. Não consigo me soltar!

Ela desceu correndo os degraus do porão.

— O que é?

— Não sei! Estou preso! Não consigo ver!

Ele bateu na parede, atrás.

— Vamos, me solte!

Agarrando Eric pelos pulsos, a menina puxou com força.

Aí, Rachel viu a garra.

Era uma garra preta enorme, do tamanho de um cachorro. Enquanto Rachel a observava, a garra rasgou a parede do outro lado. Agarrou um dos joelhos de Eric. Alcançou sua perna e a puxou através dos tijolos, para fora do porão.

— O que está acontecendo? — gemeu Eric, notando a expressão atônita de Rachel. — Você está vendo? Não fique aí *parada!*

Uma segunda garra surgiu através dos tijolos. Envolveu o pescoço de Eric com três unhas verdes escalavradas, arrebatando toda a sua cabeça pela parede.

Rachel deu um pulo para a frente. Agarrou um dos braços de Eric e puxou, centímetro por centímetro, trazendo seu pescoço e rosto de volta ao porão.

— Puxe com mais força! — gritou a voz abafada de Eric. — Procure uma coisa qualquer para lutar!

Os olhos de Rachel dardejaram em volta, atrás de algo pontudo. Mas, fosse o que fosse, aquilo que se escondia além do porão não estava disposto a deixar Eric escapar. As garras negras de novo atravessaram a parede. Desta vez, esticaram-se em direção a Rachel. À medida que ela recuava, pairando diante de seu rosto, os dedos ossudos bateram nela *com força*.

Rachel caiu, e quase largou Eric.

No mesmo instante, as duas garras apertaram a cintura dele, arrastando-o completamente para dentro da parede. Por um momento, um de seus braços se projetou outra vez de volta ao porão, as unhas arranhando o chão enquanto ele tentava se agarrar a alguma coisa, qualquer coisa — antes que essa coisa fosse arrancada também.

Rachel recuou cambaleando, tremendo violentamente. Um tijolo solto caiu perto de seus pés, mas não havia sinal das garras. Limpou com a manga os lábios que sangravam.

— *Chame... papai!*

Dando meia-volta, subiu a escada do porão sem tirar os olhos da parede. Em cima, se virou e investiu em direção à porta.

Esta bateu, fechando-se na cara dela.

Rachel procurou a maçaneta e soltou um gemido — estava *quente* demais para se tocar.

Então, atrás, ouviu um barulho forte, chiado. A parede dos fundos ergueu-se e ruiu. Os tijolos pularam como dentes estilhaçados pelo chão.

Rachel, protegendo a mão com o macacão, puxou outra vez, com força.

— Está completamente trancada! — gritou, batendo na porta. — Não consigo abrir. Papai! Papai!

Um golpe de vento a fez voltar. Rachel girou. Viu que uma porta *nova* crescia dentro da parede dos fundos do porão. Não era uma porta comum. Era de um verde luminoso, em forma de olho, e se abria lentamente. Uma grande garra preta, os mesmos dedos gigantes que tinham batido em seu rosto, a abriam.

Por cima da cabeça, Rachel ouviu baques pesados.

— Papai!

— Quem está aí dentro? — ele perguntou. — Que confusão é esta?

— Somos nós — eu e Eric! Nós estamos... Tem uma coisa tentando entrar!

— Não estou conseguindo ouvir o que você está dizendo — ele berrou. — Que barulho é esse aí dentro? Que brincadeira é essa de vocês...

— Estamos presos! Socorro, papai!

Ele começou a bater na porta do porão.

Imediatamente, como se sentisse sua presença, a rajada de vento que entrava pela porta-olho transformou-se em furiosa tempestade. Abateu-se sobre a cabeça de Rachel, pegando toda a poeira do porão e jogando-a em seus olhos. Um banco de madeira rodopiou pelo chão. Os aeromodelos de Eric giravam loucamente no ar, batendo repetidamente de encontro ao teto.

Rachel mal conseguia respirar. O vento vinha como soco, entupindo sua boca e seu nariz de pó. Já não se ouvia papai.

— Onde está você? — gritou ela.

De repente, ouviu-se um som de machadada quebrando a madeira.

— Espere aí! — papai berrou. — Estou indo!

Rachel sentiu-se arrastada para trás. Empurrou os pés de encontro aos degraus do porão para firmá-los, agarrando-se ao umbral da porta com a ponta dos dedos. O machado de papai batia repetidamente na porta, mas esta era sólida demais para se romper. Largando o machado, ele enfiou a mão por uma fenda na madeira.

— Segure em mim, Rachel. Não solte, aconteça o que acontecer!

Ela agarrou o pulso dele. Aí, piscando para tirar a areia que machucava seus olhos, Rachel obrigou-se a olhar para trás. Viu que a porta-olho agora cobria praticamente toda a parede dos fundos. Duas garras a mantinham aberta e entre as garras, enchendo o espaço, encontrava-se uma vasta criatura negra com olhos verdes triangulares. O cabelo por sobre todo o seu corpo se eriçava ao vento. Da ponta de cada pêlo brotava uma minúscula cabeça de serpente. As cabeças de serpente agitavam-se para a frente, entrando pelo porão, tentando morder as pernas de Rachel. Rachel dobrou os joelhos e chutou, sempre agarrada à mão de papai.

A criatura no interior da porta-olho tentava abrir caminho, mas era grande demais para caber no porão. Então, pela primeira vez, uma boca ávida se abriu no meio da cabeça da criatura. De dentro da boca, entre quatro dentaduras, uma dúzia de aranhas de olhos cor de púrpura saíram correndo. Pelos cabelos do corpo, vieram se arrastando em direção a ela.

A boca sussurrou:

— *Rachel...*

Ela gritou e por um segundo apenas soltou a mão de papai.

Esse segundo bastou.

Imediatamente, a tempestade a apanhou e arrebatou através da porta-olho.

A criatura negra abaixou um dos ombros para deixá-la passar. Deu uma última olhada em torno do porão. Aspirou de volta à boca as aranhas. A última imagem que Rachel viu antes de deixar este

mundo foi sua imensa sombra passando e papai arrebatando a porta principal, com o machado no ar.

Ele chegou tarde demais. Com um guincho final, os tijolos do porão se recompuseram e a criatura puxou a porta-olho, fechando-a.

O pai de Rachel entrou correndo no porão, dando com as mãos nas paredes. Pedacos de móveis caíram, quebrando-se em sua cabeça. Ignorando a dor, bateu muitas vezes o machado na parede. Finalmente, quando já não tinha mais forças, deixou o machado cair. O único prejuízo que causou foi lascar uns tijolos da parede.

Ele olhou com ódio para a mão que tinha perdido a mão de Rachel, deu um chute no machado, no chão do porão, e pôs-se a chorar.

3 ENTRE OS MUNDOS



No momento em que foi sugada pela porta-olho, Rachel se viu rodopiar num vasto e escuro buraco vazio. Cobriu o rosto, esperando bater em alguma coisa. Em vez disso, foi simplesmente caindo sem parar na escuridão, aos trambolhões, por diversos minutos, mal conseguindo respirar, enquanto um vento gelado lhe fustigava a cabeça.

Em seguida, como se tivesse sido colocada embaixo dela uma almofada, Rachel deu uma freada abrupta. Seu corpo ficou pendurado, suspenso no espaço, oscilando suavemente. Em toda a volta, o ar estava ainda escuro, mas agora Rachel notava algo ainda mais densamente negro agarrando seu braço — a criatura do porão. Por um momento, seus olhos triangulares — cada um deles do tamanho do rosto de Rachel — a mantiveram sob um olhar firme. Então, a coisa afastou-se num impulso, o imenso corpo sem forma desaparecendo abaixo.

Assim que a criatura a soltou, Rachel tornou a cair de cabeça.

Muitos segundos de agonia depois, ela se forçou a parar de gritar. Sem pensar nisso conscientemente, botou os braços para fora, abraçando a escuridão. Aos poucos, o giro foi ficando sob controle, até ela ser capaz de dizer que agora só apontava numa direção — diretamente para baixo, os pés em primeiro lugar. Esticou os sapatos de encontro ao ar.

Desacelere, pensou, exercitando-se no ar como uma esquiadora numa descida.

Com apenas essa idéia em mente, o ar frio cortante tornou-se uma rajada de vento e essa rajada, simplesmente uma brisa ligeira, ondulando de encontro à sua cabeça e a seus ombros.

Concentrando-se, ela disse:

— Agora, *pare*.

Como se o ar em volta estivesse esperando o tempo todo ouvir essa ordem, seu corpo, numa guinada, parou de repente.

Eu fiz isso?, Rachel ficou imaginando. Como foi que fiz?

Mandou o corpo virar devagar. Instantaneamente, este a obedeceu, revolvendo-se num círculo perfeito e permitindo que ela desse uma espiada em volta. Rachel ficou de boca aberta, espantada. Ergueu a mão. Ficou tão próxima do rosto que conseguia sentir sobre ela a própria respiração, embora, na escuridão, a mão estivesse invisível.

Quero vê-la, pensou.

Imediatamente, sua mão cintilou enevoada, alguns centímetros à frente dos olhos. Rachel fitava-a maravilhada, remexendo os dedos.

— O resto — disse, alto.

E todo o seu corpo, entorpecido, se acendeu. Mais claro, pensou Rachel.

E seu corpo se tornou uma tocha na total escuridão em torno.

— *Que tudo se ilumine* — gritou Rachel.

Esperou que o espaço em volta explodisse em cores vivas. Em vez disso, tudo permaneceu escuro, exceto os milhões de átomos de pó que brilhavam junto a seu corpo, em corrente ascendente, por causa da brisa.

Ela tremeu. Como é que aquelas coisas incríveis podiam estar acontecendo? Sentiu dentro de si uma grande força, poderes estranhos e misteriosos, esperando para serem usados. O que poderia significar aquilo?

Rachel estudou o ambiente em volta. Estava pendurada num silêncio escuro, insondável. Não havia paredes nem tetos, não havia como dizer o quanto tinha caído ou a que distância poderia se encontrar o chão. O ar úmido de baixo corria suavemente por seu

cabelo. Eric não se encontrava à vista. Ela tentou chamar. Não havia outros sons.

O lábio de Rachel estava inchado no lugar em que a garra tinha batido. Uma pequena gota de sangue escorreu pelo queixo e pingou. Entortando os olhos, conseguiu vê-la por alguns segundos enquanto caía rapidamente.

Tinha de haver uma maneira de encontrar Eric...

— Onde está ele? — perguntou à escuridão e, imediatamente, sob os pés, viu um ponto móvel azul. *Conhecia* aquela cor: o macacão de Eric.

— Traga-o para mim — ordenou, mas, desta vez, sua ordem não foi obedecida.

A cor azul simplesmente foi diminuindo, caindo, mais longe a cada segundo. A criatura deveria estar ali fora, em algum lugar, Rachel sabia, talvez fixando seus olhos triangulares em Eric. Será que ele tinha a mesma capacidade que ela, ou estava apenas rolando sem parar, aterrorizado?

Lutando contra o medo de descer para onde quer que fosse, em direção à criatura, Rachel reuniu toda a sua coragem e ordenou a si mesma que *mergulhasse* em direção ao azul distante. Seu estômago revirou. No momento seguinte, o vento chicoteava sua cabeça para trás e Rachel movia-se rapidamente para baixo.

Mais depressa, disse a si mesma, e seu corpo obedeceu, o vento morno virando gelo de encontro ao rosto.

À frente, o vulto azul apareceu, mais próximo. Rachel desceu rapidamente, usando os braços como asas, e caiu ao lado de Eric. Segurando o corpo dele, que girava, fez com que ambos parassem. Eric estava inconsciente. A queda, o medo de cair ou o vento que lhe tirava o fôlego, o tinham feito desmaiar. Durante muito tempo ficou abraçada a Eric, até que ele acordou. Aí, permitiu que ele chorasse afundado em seu ombro e o consolou. Vários minutos ele ficou aninhado nos braços dela, ouvindo-a murmurar palavras e sons doces, até recuperar-se. Afinal, acanhado, virou o rosto em direção a ela. Um fio de baba pendurado da boca estava grudado a seu pescoço. Encarou-a.

— Rachel, você está... *cintilando*. O que está acontecendo?

Rachel ficou intrigada.

— Eu não sei, mas enquanto você estava desacordado eu fui fazendo umas experiências. Olhe isto.

Concentrando-se, fez o cabelo ficar vermelho, depois amarelo, depois voltar ao preto.

— Como consegue? — gaguejou Eric.

— Não tenho certeza - disse Rachel, nervosa. — Mas não vi muita coisa que eu não possa fazer.

Fez os lábios brilharem cor de ouro. Eric piscou diversas vezes.

— Sou capaz de fazer isso?

— Experimente — disse Rachel. — Simplesmente ordene a uma parte de você mesmo que se ilumine.

Eric apertou os olhos, concentrando-se. Seus lábios não brilharam. Tentou diversas outras vezes, sem efeito. Eventualmente, desistiu.

— O que está acontecendo? — perguntou, sério. — Estamos nos dirigindo para a coisa que nos arrastou para dentro, não estamos?

— Não, estamos simplesmente pairando por aqui. Rachel lambeu cautelosamente o lábio machucado.

— Mas acho que deveríamos tentar descer. Não podemos ficar aqui suspensos para sempre.

— Não desça, sua idiota — disse Eric. — Voe para cima, Rachel! Leve-nos de volta ao porão.

É claro! Por que ela não tinha pensado nisso? Rachel agarrou Eric e imaginou-os nos braços de papai. Não aconteceu nada. Tentou ela mesma subir somente uns centímetros. Também não conseguiu.

— Ótimo — lamentou-se Eric. — Suponho que aquela coisa quer que fiquemos por aí suspensos.

Espiou para baixo, desanimado.

— Você a viu? Eu sei que era grande.

Rachel contou o que tinha acontecido no porão, omitindo a parte dos cabelos-serpentes e aranhas. Após um longo silêncio, Eric disse:

— Se ela seguiu você até aqui, com certeza está esperando no fundo.

- Pode ser.
- Definitivamente.
- Hum.

Sem possibilidade de voar para o alto, Rachel deixou que os dois descessem devagar. Durante uns minutos, ambos olharam ansiosamente a escuridão, esperando a qualquer momento as garras negras surgirem das trevas.

— Espere aí! — falou Eric, abruptamente.

Apontou um tênue ponto de luz embaixo.

— Tem uma coisa aí embaixo. Está vindo em nossa direção. Olhe!

Rachel olhou na direção do dedo dele, onde uma minúscula mancha cinza, crescendo rapidamente, se formava.

Eric disse:

— A coisa é preta, não é?

Rachel concordou.

— Com olhos verdes.

— Talvez não esteja preta agora.

— Poderia ser uma outra pessoa qualquer, arrastada para cá junto conosco.

— Grande demais para isso — Eric disse.

Rachel viu que ele estava certo. O objeto cinza aproximou-se, espalhando-se, até cobrir todo o espaço abaixo deles. Não era outra criança. Era vasto e sem forma.

— Parece macio — disse Rachel. — Não acha?

Eric se pôs a chutar o ar.

— Vamos bater nele. Aquela *coisa* está lá embaixo! Faça com que paremos de nos mover!

Rachel tentou, mas eles simplesmente continuaram a flutuar através do cinza. Afinal, caíram, tão devagar que uma pena os teria ultrapassado. Um calafrio tocou a pele de Rachel, seguido de um golpe de vento gelado. O ar em torno não só estava mais frio como também pontilhado de luzes que piscavam.

— Parecem estrelas — sussurrou Eric, olhando em volta. — Tenho certeza de que são. Deve ser de noite. Nós devemos estar... nós devemos estar *do lado de fora*.

Assim que disse isso, aterrissaram suavemente sobre um manto de neve.

Uma lua cheia imensa, dez vezes o tamanho da lua da Terra, brilhava friamente no céu. Rachel procurava com atenção sinais de perigo. Árvores estranhas, torcidas, os cercavam. Cada árvore estava coberta por neve espessa, fazendo com que os galhos parecessem curvar-se, dando boas-vindas. A neve era cinza, não branca. Rachel esticou as mãos, atônita, para apanhar os flocos faiscantes que caíam do céu. Eles se dissolviam, lambuzando os dedos dela com um líquido escuro. Em toda a volta a mesma neve cor de cinza cobria o solo.

Eric disse:

— Puxa vida! Em que lugar do planeta estamos?

— Você não está na Terra — falou uma voz atrás deles. As crianças pularam. Ajoelhada na neve, sorrindo para eles, lá estava a mulher do sonho. Tinha olhos verdes luminosos, com cintilantes raias cor de púrpura e safira. O cabelo negro liso cascadeava por seus ombros e, em torno do pescoço gracioso, usava um elaborado colar de diamantes em forma de serpente. A serpente tinha dois grandes olhos vermelho-rubi, e Rachel os viu piscar. Junto a ela uma criatura corcunda, de cócoras, parecia um anão antigo.

— Quem... quem é você? — Rachel perguntou à mulher.

— Meu nome é Dragwena — a Bruxa respondeu.

Ela mostrou o homem.

— E este é Morpeth, meu criado. Bem-vinda ao mundo de Ithrea, Rachel.

Rachel se espantou.

— Como sabe o meu nome?

— Ah, eu sei muitas coisas — Dragwena respondeu. — Por exemplo, Eric está com medo de mim. Por quê, você sabe?

Rachel sentiu Eric se escondendo atrás das pernas dela.

— Não estou gostando disto — ele sussurrou. — Alguma coisa está errada. Não confie nela.

Rachel o fez calar-se, mas também se sentia cautelosa. Poderia aquela mulher ser de fato a mesma do sonho? Ela reparou que o anão tremia de frio, apesar das botas de neve, enquanto

Dragwena, de pés descalços, parecia estar à vontade, sem que o frio a afetasse.

— Nós caímos num túnel escuro — disse Rachel. — Uma criatura com garras negras...

— Ela foi embora — disse Dragwena. — Eu a assustei e ela correu.

— Mas como? — protestou Rachel. — Era imensa e...

— Esqueça as garras negras — disse Dragwena. —Vistam isto.

Morpeth ofereceu a Rachel e Eric casacos, luvas e cachecóis quentes. Rachel examinou as roupas, sabendo que, um momento antes, não estavam nas mãos do anão. As roupas cabiam perfeitamente em ambas as crianças. Rachel pôs um cachecol orlado de pele em volta do pescoço. Assim que tocou sua pele, sentiu o próprio cachecol *se* enfiando por seus ombros, aquecendo-os.

Estremeceu, imaginando o que mais poderia acontecer em seguida. Aquele mundo era mágico? Seria capaz de usar aqui os poderes que tinha descoberto entre os mundos? Quem era aquela mulher? Olhando para Eric, aninhado de encontro à sua cintura, viu medo nos olhos dele.

— Precisamos voltar para casa — disse Rachel com firmeza.

— Não se preocupe com isso — disse Dragwena.

Ela olhou para Eric.

— Qual a sua bala preferida?

— Não gosto de bala — ele disse, desconfiado.

Dragwena sorriu.

— É mesmo?

— Bem... — a expressão dele demonstrava confusão. —Talvez jujuba.

Rachel estranhou. Sabia que Eric *nunca* comia jujuba.

— Foi o que imaginei — disse Dragwena. — Olhem nos bolsos de vocês.

— Espere aí — reclamou Rachel. — Nós queremos ir para casa. Não estamos com fome. Oh!

Uma jujuba verde saiu se arrastando de um bolso do casaco novo de Eric. Foi deslizando pela manga e pulou no chão. Outra, azul, a seguiu. Daí a pouco, feito rabiscos, elas foram caindo dos

casacos das duas crianças e, retorcendo-se pela neve, tentando escapar.

Os olhos de Dragwena brilharam.

— Não as deixem escapar!

Eric, sem entender por quê, viu-se imediatamente a correr atrás das balas e a enfiá-las na boca.

Morpeth, de pé ali perto, gemeu por dentro. Viu que as jujubas eram, na realidade, aranhas com armaduras, que corriam para retomar seu lugar na boca de Dragwena. Como ele imaginou, a Bruxa tinha feito um encantamento nas crianças, para se divertir — e para testar Rachel.

Eric, cada vez mais frenético, esforçava-se para encontrar e comer as jujubas. Uma aranha com quatro dentes em serra andava dentro de sua boca. Mascava-a vorazmente enquanto procurava pela neve as outras, que poderiam ter se arrastado para longe.

Rachel estava tão fascinada quanto Eric com as jujubas. Aproximou uma dos lábios. Esta remexia o corpinho, desejando que ela mordesse sua cabeça suculenta. Mas a expressão de nojo na cara de Morpeth fez Rachel hesitar. Mesmo assim, sentia forte desejo de comer a bala. Rachel olhou para o infeliz Morpeth, para a mulher, que se sacudia de rir, e para a jujuba, implorando para ser comida. Afinal, com um esforço enorme, jogou a bala no ar. Esta aterrissou no vestido da mulher e correu em direção aos seus lábios.

Dragwena a puxou do queixo e ofereceu a Rachel.

— Não quer comer uma? — perguntou. — São deliciosas.

— Não — Rachel murmurou, incerta. — Quer dizer, sim, gostaria. Quer dizer, não gosto de jujuba... Quer dizer...

Olhou para Eric, a seus pés, ocupado, a devorar as balas.

— Quer dizer...

Tentou pensar em qualquer outra coisa que não as balas.

— O que queremos é voltar para casa.

Eric a ignorou.

— É isso, não é? Nós queremos voltar para casa agora.

— Ai, Rachel, cale a boca — disse Eric, o suco escorrendo da boca. — Não a escute, Dragwena.

Ele pôs a língua para fora.

— Rachel está falando bobagem, como sempre.

Rachel fitou Eric, sem acreditar. Há poucos instantes estava com medo da mulher. O que tinha acontecido para que mudasse de idéia? Olhou, nervosa, para Dragwena e o anão, suspeitando de uma imensa ameaça. Ela deveria tentar escapar? Mas isso significaria deixar Eric para trás...

A Bruxa lentamente se desdobrou, saindo da posição ajoelhada. Esticou os membros como um gato — braços e pernas — até ficar de pé, com mais de dois metros de altura. Pisando na neve na ponta dos pés, flutuou alguns centímetros acima do chão, em direção a Rachel.

— Vamos dar uma boa olhada em você — disse Dragwena.

Com os dedos, traçou um risco complexo sobre o nariz e as pálpebras de Rachel.

— Hum... Você é uma criança intrigante. Agora vejo: é o que eu esperava. *Mais* do que eu esperava. Responda a uma pergunta: Eric passou pela parede primeiro. Como foi que vocês dois chegaram juntos?

Embora tomada de cautela, Rachel sentiu-se compelida a responder a verdade.

— Simplesmente voei até onde ele estava. Foi fácil.

Dragwena riu.

— E o que mais você fez de fácil?

Rachel contou-lhe tudo o que tinha acontecido entre os mundos. Não conseguia se deter. Cada mínimo detalhe da viagem jorrou.

Dragwena, afinal, pareceu satisfeita.

— O que veio para você com tanta facilidade, nenhuma criança fez antes, Rachel. Nenhuma. E milhares chegaram antes de você. Milhares de crianças *inúteis*. Acompanhem-me.

De novo, Rachel não conseguiu parar. Inclinou-se e aceitou as mãos geladas que Dragwena oferecia. No fundo da cabeça, o instinto dizia a Rachel que resistisse, ficasse perto de Eric e fossem embora os dois. Em vez disso, se viu dando o braço casualmente a Dragwena. Morpeth segurou a mãozinha de Eric e seguiram todos juntos por uma trilha na neve como se fossem amigos que tivessem muitas vezes viajado por ela.

Os cavalos pretos e a carruagem estavam à espera. Dentro, Eric sentou-se junto a Morpeth, sem mais reclamar, as mãos calmamente dobradas sobre os joelhos. Morpeth olhava para o vazio à frente. Rachel mal reparava nos dois. Pelo contrário, ficou ainda mais próxima de Dragwena, a poucos centímetros, fascinada por sua aparência, voz e gestos. Rachel esqueceu que queria voltar para casa. Esqueceu completamente de casa. Não conseguia tirar os olhos da Bruxa.

Dragwena apanhou uns flocos de neve que caíam pela janela aberta da carruagem.

— Vamos voar?

Rachel concordou ansiosamente.

A Bruxa sussurrou alguma coisa aos grandes cavalos pretos. Instantaneamente, os cascos se empinaram no ar, em direção ao Palácio.

A CHEGADA AO PALÁCIO



Rachel nada lembrava do longo e frio vôo na carruagem. Durante a viagem, a Bruxa a segurou bem próxima de si e disparou perguntas. Rachel contou a Dragwena tudo sobre si mesma, segredos que nem suas melhores amigas conheciam. Falou da escola, dos pais, das cores favoritas. Contou à mulher tudo o que amava e odiava. Dragwena parecia especialmente interessada naquilo que ela odiava.

Quando a Bruxa já tinha descoberto tudo o que queria saber, o colar de cobra escorregou de seu pescoço. Enrolou-se no pescoço de Rachel e balançou delicadamente a cabeça para trás e para a frente, até que a menina caiu num transe profundo — um estado do qual somente a Bruxa poderia despertá-la.

Enquanto Rachel cochilava, a Bruxa lutava para conter sua excitação. Aquela menina era ainda mais forte do que esperava. Tinha aprendido a voar entre os mundos. Tinha resistido às balas, mesmo quando especialmente instada a comer uma.

Será que esta menina, pensava Dragwena, é aquela pela qual esperei tanto tempo?

Ela suspirou. Quantas meninas tinham se mostrado tão promissoras de início, para somente se provarem fracas demais, incapazes de dominar os difíceis encantamentos da Bruxaria? Talvez, afinal de contas, Rachel fosse apenas mais uma criança frágil...

A Bruxa levou a carruagem ao chão, abriu as janelas e chamou docemente seus lobos. Em instantes, galopavam ao lado, mordendo as pernas dianteiras dos cavalos, compartilhando sua diversão naquela noite.

Dragwena relaxou, deixando o rosto de mulher bonita. Os tocos das orelhas caíram para o fundo da caveira. A cara encheu-se de sangue e as pálpebras esticaram-se para os lados, encontrando-se na parte de trás da cabeça, a dominar cada detalhe do mundo com perfeita nitidez.

Num impulso, a Bruxa chutou o motorista do assento. Segurou as rédeas e chicoteou os cavalos sem misericórdia diversos quilômetros, os quatro conjuntos de dentes faiscando à luz da enorme lua de Armath.

Finalmente, a Bruxa puxou os freios dos cavalos aterrorizados que fizeram uma parada abrupta aos pés da escadaria do Palácio. Diversos anões, parecidos com Morpeth, aguardavam.

— Depressa, bobalhões! — falou Dragwena, com impaciência. — Levem-nos para cima!

— Mas... minha Rainha — um deles gaguejou. — O quarto não está preparado para hóspedes.

Ele olhou de viés para dois outros. Estes envolveram Rachel e Eric, ambos adormecidos, em cobertores quentes e subiram arrastando os pés as escadas do Palácio.

— Não está pronto! — gritou Dragwena. — De quem é a culpa disso, Leifrim? É sua?

Ele baixou os olhos.

— Não, é minha culpa — disse outro, uma criatura de cabelo vermelho com rosto de menina e olhos enrugados de velha. — Castigue a mim!

— Cale-se, Fenagel! — silvou Leifrim.

A Bruxa riu.

— Quem sabe eu deva castigar os dois. Pai e filha. O pai, por ser idiota, e a filha, simplesmente por abrir a boca.

Ela esticou o pescoço em direção à lua. Instantaneamente Leifrim foi projetado no céu escuro, suspenso a diversas centenas de metros.

— O que devo fazer com seu pai? — a Bruxa perguntou a Fenagel. — Isso merece uma punição severa ou só uma leve?

— Por favor, não o machuque — implorou Fenagel. — Ele só estava querendo me proteger. Fui eu que esqueci. Faço qualquer coisa que a senhora quiser.

— Criança — disse Dragwena —, você nada tem que eu queira. No meu reino, só eu posso esquecer, e eu nunca me esqueço de *nada*.

Leifrim foi jogado com força de encontro a uma árvore próxima, batendo os joelhos quando atingiu o chão. Por alguns instantes Dragwena divertiu-se observando-o no esforço de desemaranhar as pernas arrebitadas. Em seguida, levantando os braços, subiu da terra gelada, elevando-se nos ares em direção às luzes da torre-olho.

Assim que a Bruxa saiu de vista, Fenagel correu para o pai. Deitado ao pé da árvore, ele gemia alto.

— Psiu, papai — ela disse. — Está tudo bem. Ela foi embora.

Um outro homem, de barba curta pontuda, imediatamente se encarregou de examinar os machucados de Leifrim, ordenando a três outros que o levassem a uma pequena cabana de madeira, onde cuidaram dos cortes e fizeram talas para sustentar as pernas quebradas.

Fenagel olhou zangada para o homem barbudo.

— Você não podia ter feito alguma coisa para ajudá-lo, Trimak? Supostamente é nosso líder! Você só sabe falar sobre como devemos nos proteger uns aos outros da Bruxa. Mas só fez ficar ali parado, como os outros. Como pôde?

Trimak curvou a cabeça.

— Um ataque direto a Dragwena jamais vai funcionar — ele disse. — O seu pai sabe disso. Se eu fizesse qualquer coisa para tentar impedir a Bruxa, ele sabe que ela teria me matado.

Leifrim concordou e Fenagel, chorando, segurou as mãos do pai.

Leifrim sussurrou, em meio à sua dor.

— Nós não podemos fazer mal à Bruxa. Talvez alguma outra pessoa possa. Morpeth conseguiu mandar uma mensagem, através

da águia Ronnocoden, antes deles deixarem o Portão. Ele diz que essa menina nova, Rachel, resistiu a Dragwena. Não quis comer as balas que a Bruxa ofereceu. Acreditam? Eu fiquei tão entusiasmado com a novidade que esqueci de checar os preparativos. Burro! Dragwena não tolera falhas.

Fenagel olhou as pernas dele, arruinadas.

— É tudo minha culpa...

— Não se culpe — disse o pai. — Ninguém consegue evitar os castigos de Dragwena por muito tempo.

Trimak deu um passo à frente.

— Você está dizendo que essa menina, Rachel, resistiu, e que Dragwena a deixou viver?

— Sim — disse Leifrim, excitado. — Aparentemente, até mesmo a própria Bruxa feiticeira ficou impressionada. Rachel deve ser muito especial. Lembra-se da criança-esperança de quem lhe falei uma vez?

— A que virá do outro mundo? — perguntou Fenagel. — A criança morena que nos levará de volta à Terra. — Ela deu um meio-sorriso. — Aquilo não era só uma lenda?

— Psiu! — silvou Trimak. — Exatamente. É apenas uma lenda antiga. Cuide do seu pai.

Trimak deu instruções para preparar uma maçã e deixou a cabana.

Estava como sempre um frio de amargar do lado de fora. Uma tempestade se armava em todo o céu do norte. A oeste, umas poucas estrelas solitárias brilhavam. Trimak soltou um suspiro, desejando que sua luz faiscante parasse a tempestade. No sul, a vasta lua fria de Armath olhava para baixo de um modo funesto, as cicatrizes de sua superfície não oferecendo conforto.

Imagino, pensou Trimak, quantos séculos aquela lua olhou para o nosso planeta. Será que viu alguma vez um ataque bem-sucedido à Bruxa?

Nunca, ele sabia. Nunca.

Pegando um atalho perto da escadaria do Palácio, caminhou de volta para casa. Muranta, sua mulher, esquentou um pouco de sopa numa fogueira enquanto ele contava os acontecimentos da noite.

Ela estremeceu.

— Você acha que essa Rachel poderia ser a criança-esperança?

— Duvido muito — disse Trimak, querendo dispensar a conversa. — Temos visto tantas meninas virem e irem embora. Sempre parecem promissoras, mas ou Dragwena as destrói ou usa a força delas em seu próprio benefício.

Olhando no olho de Muranta, disse, com ar ameaçador:

— Sinto que a Bruxa esperou muito tempo a chegada desta menina. Talvez Rachel acabe virando outra Bruxa. Pense nisso! Seja como for, não consigo acreditar que essa Rachel vai poder nos ajudar.

Mas, secretamente, não duvidava de todo.

3 ENCANTAMENTOS



Rachel acordou tarde na manhã seguinte. Bocejou alto, enfiando os dedos dos pés em lençóis voluptuosamente convidativos.

— Bom dia, Rachel — disse uma voz rouca.

Ela se levantou num pulo.

— Quem é?

— Morpeth.

Morpeth! Imagens encheram a cabeça de Rachel — as garras negras no porão, o encontro com a mulher-cobra e o anão. O que tinha acontecido depois daquilo?

— Onde estou? — perguntou Rachel, tentando pensar com clareza. — Onde está Eric? O que vocês fizeram com ele?

— Seu irmão está em segurança — disse Morpeth. — Já tomou o café-da-manhã e está brincando por perto.

Ele beliscou o dedo do pé de Rachel.

— Você, ao contrário, dormiu demais, sua dorminhoca.

— Com quem Eric está brincando? — Rachel perguntou. — Outras crianças?

— É claro! Vocês não são as únicas crianças aqui. Nosso mundo está cheio de crianças. Ele está brincando de esconder, eu acho.

— Na neve?

— Tem lugar melhor? — Morpeth riu. — Tudo se parece. Lugares fantásticos para se esconder.

Rachel o encarou.

— Um mundo cheio de crianças? Por quê? De onde vêm todas elas? Não existe nenhum... adulto?

— Vou explicar isso depois — disse Morpeth. — Primeiro, deixe-me dar-lhe as boas-vindas de novo ao mundo maravilhoso de Ithrea.

E deu um belo sorriso.

— Você, nossa hóspede de honra, está no palácio de Dragwena. Só hóspedes especiais ficam nestes aposentos.

Rachel examinou a cama em que tinha dormido. Era enorme, um oceano de lençóis escarlate adornados com fervilhantes serpentes negras. Os olhos de rubi delas pareciam vigiá-la.

— Eu não sou especial — disse Rachel. — Sou simplesmente como todo mundo.

Examinou o pijama que estava usando: cabia perfeitamente nela.

— Este pijama não é meu. Quem...

— Uma criada despiu você ontem à noite — Morpeth contou.

— Criada?

— Você vai ter sua criada pessoal enquanto estiver aqui conosco. O nome dela é Fenagel.

Olhou para o outro lado do quarto, onde rondava uma menina, sem jeito. Rachel viu que ela tinha as mesmas rugas estranhas em forma de arco desfigurando os olhos, como as de Morpeth, tornando impossível dizer qual a sua idade. Cabelo vermelho cuidadosamente trançado emoldurava seu rosto pensativo.

Fenagel fez uma reverência.

— Às suas ordens, senhorita.

— Eu estou acostumada a me vestir — disse Rachel, encabulada.

— Dragwena nos mandou paparicar você — contou Morpeth. — Fenagel fará qualquer coisa que você pedir.

— Qualquer coisa que você pedir! — jorraram as palavras de Fenagel. — Eu não sou importante, senhorita. Sou apenas uma criada. Diga-me o que precisa.

Rachel não soube o que dizer.

— Eu não... preciso de nada. Não me chame de senhorita. O meu nome é Rachel.

— É claro, senhorita, quero dizer, Rachel.

— Está na hora de se vestir — disse Morpeth. — Vou lhe esperar na sala do café.

— Você sabe onde estão minhas roupas? — Rachel perguntou a Fenagel, depois que ele tinha ido embora.

— Oh, senhorita Rachel, a senhorita tem montes de roupas. Venha dar uma olhada.

Fenagel levou Rachel a uma área vizinha ao quarto de dormir. Era um guarda-roupa, mas tão grande que você podia andar no meio dele e não ver as paredes do outro lado. Para todo lado que Rachel olhava, penduradas em trilhos de centenas de metros de comprimento, havia roupas, milhares delas. E, à medida que seus olhos se banquetavam, viu que os vestidos se viravam em *sua* direção. Vestidos sedutores voltavam-se para receber sua atenção. Uma saia se agitava, sempre mudando de cor, ondulando prazerosamente quando Fenagel acariciava sua bainha. Diversos macacões se acotovelavam ao lado de blusas e fileiras de sapatos agrupavam-se à vista. A um olhar de advertência de Fenagel, cada par parava a uma distância respeitosa, permitindo que atraentes meias curtas, meias-calças e malhas dançassem entre eles. Finalmente, todas as roupas cercaram Rachel, formando um círculo ordenado, aguardando em silêncio sua decisão.

Rachel recuou um passo, olhando, maravilhada. Um audaz vestido branco com tachas — pedras preciosas a cintilar — de repente se lançou pelo ar, apertando-se contra o peito dela.

— Saia de mim! — gritou Rachel, jogando-o no chão.

— Não. Não. Experimente-o — Fenagel ria, abanando o dedo para uma blusa que tentava se arrastar pelo pé de Rachel. — O vestido não vai machucar você.

— Mas como podem as roupas...

— Ai, eu não sei! — disse Fenagel. — Dragwena faz isso tudo acontecer. Você vai usar esse vestido ou não?

— Eu posso... usar qualquer coisa que eu quiser?

— É claro, senhorita Rachel. São todas para a senhorita.

Superando seu nervosismo, Rachel rapidamente experimentou diversos modelos, pulando em meio às prateleiras de roupas e os

muitos espelhos enormes no salão.

Cada peça de roupa dava perfeitamente nela. Estava excitada demais agora para se preocupar com isso. O original vestido branco com pedras preciosas tinha se arrastado para um canto do cabideiro, desanimado, aparentando desamparo.

— Devo vestir você? — perguntou Rachel a ele, esperando que o vestido dissesse “sim”!

— Ele não sabe falar, mas quer que você o use! — gritou Fenagel. — Não é maravilhoso?

Rachel sentiu-se tentada. Mas, imaginando que talvez tivesse que andar na neve, acabou escolhendo um pulôver branco, calças pretas e um par de sapatos rasos cinza forte. Saiu do guarda-roupa na ponta dos pés, querendo adivinhar se os sapatos iriam lhe mostrar o caminho para o salão onde se tomava café-da-manhã. Quem a levou, porém, foi Fenagel — que não quis entrar.

— Você não vem? — Rachel perguntou.

— Não tenho permissão — disse Fenagel. — Quer dizer, eu já comi. Quer dizer... Quer dizer... Vejo-a mais tarde, senhorita!

E saiu correndo de volta pelo corredor, como se não pudesse esperar para se afastar do que quer que fosse que estivesse do outro lado da porta da sala do café.

Rachel se compôs e bateu delicadamente à entrada.

— Entre — disse Morpeth.

A sala do café a desapontou. Era pequena, não maior que a cozinha da casa dela, contendo somente uma mesa redonda simples com duas cadeiras. Não havia colheres ávidas nem pacotes de cereais se exibindo ou implorando atenção. Rachel sentou-se do lado oposto a Morpeth e tentou sorrir.

— Estou com fome — ele disse. — E você?

— Hum.

Rachel se deu conta de que não comia há séculos. Isso logo a lembrou de Eric.

— Eric tomou café? Onde está ele? Vai ficar com medo se não souber onde estou.

Morpeth riu.

— Acabei de vê-lo. Está se divertindo, fazendo um boneco de neve lá fora. Não mencionou você uma única vez! Pode ir encontrá-lo quando quiser. Vamos comer um pouco primeiro, não é? O que você gostaria?

— Tem algum cereal?

— Tenho. Todo tipo de cereal que você imaginar, além de torrada, ovos, essas coisas... E coisas que você, provavelmente, raramente come no café-da-manhã, como sanduíches gigantes de chocolate, de dar água na boca.

— Então vou querer sanduíche de chocolate!

— Bem — disse Morpeth, relaxando na cadeira —, eles não estão aqui como tais. Sabe, no nosso mundo, você simplesmente imagina qual o café-da-manhã que quer.

Rachel estava desconfiada, mas lembrou-se do guarda-roupa.

— Por exemplo — ele disse —, hoje quero uns ovos com salsicha, no formato de, deixe-me ver, no formato de *bules de chá*.

No minuto seguinte um prato quente de ovos mexidos e salsichas apareceu sobre a mesa. Cada salsicha parecia exatamente um minúsculo bule de chá, com bico, asa e uma barriga gorda.

Os olhos de Rachel se arregalaram quando Morpeth pegou uma. Tinha uma pequena tampa, como um bule de chá de verdade. Ele a enfiou na boca.

— Deliciosa — disse. — Experimente.

— Não sou capaz de fazer isso — Rachel falou, admirada. — Como foi que você fez?

— Você se esqueceu da mágica que usou entre os mundos? — disse Morpeth. — Este é um truque fácil para uma menina esperta como você.

Ele engoliu os ovos com um garfo que lhe apareceu nas mãos.

— Está vendo, este mundo é diferente daquele de onde você vem. Há mágica por toda parte.

— Toda parte?

— Absolutamente — disse Morpeth. — E está tudo esperando para ser usado. A mágica não agüenta ficar esperando para ser usada! Você só precisa de um pouco de prática. Só precisa saber o que quer e fazer a coisa aparecer.

Ele se inclinou na direção de Rachel.

— Feche os olhos — disse — e veja estes lindos sanduíches de chocolate no prato à sua frente. Vai funcionar, prometo.

Rachel fechou os olhos e imaginou os sanduíches. Viu-os cortados em pequenos triângulos, com montes de chocolate marrom escuro macio transbordando pelos lados. Mas, quando abriu os olhos, a mesa estava vazia.

— Aposto que você pensou nos sanduíches mas não os imaginou sobre a mesa, à sua frente. Estou certo?

Rachel concordou.

— Continue — ele insistiu. — Tente outra vez.

Rachel o fez e piscou os olhos de espanto quando surgiu um par de pontas de chocolate esperando para ser comido.

Morpeth os examinou.

— Promissor, mas você se esqueceu de uma coisa.

Acompanhando o olhar dele, ela reparou que o pão era de um cinza esbranquiçado.

— Eca! — ela disse. — Estão com uma aparência horrível!

— Não estão mal — ele grunhiu, dando uma mordida num bolo de creme fresco. — Você esqueceu de decidir de que *cor* queria o pão. Se queria pão branco ou pão preto, ou mesmo cor de prata. Entende? A mágica não sabe que cor de pão você quer. Só você sabe. Tente outra vez.

Rachel fez o pão branco e fofo. Sem manteiga — decidiu. Só montes de chocolate. Desta vez, o pão estava tentador.

— Não fique nervosa — disse Morpeth, mastigando um grande caramelo de maçã. — Experimente um.

Rachel pegou cautelosamente um dos sanduíches e deu uma pequena mordida.

— Aii!

Jogou-o na mesa.

— Está com um gosto horrível!

Morpeth riu alto. Grandes rugas apareceram-lhe em torno das bochechas e da boca.

— Não tem graça — Rachel disse.

— Ah, mas você se esqueceu de mais uma coisa!

— Esqueci? Não, não tenho certeza...

— Esqueceu de imaginar qual seria o *gosto* dos sanduíches!

— Oh.

Rachel se deu conta de que ele tinha razão. Rapidamente imaginou o gosto de pão misturado com chocolate e mordiscou uma ponta. Desta vez estava perfeito.

Morpeth pegou o outro sanduíche.

— Posso dar uma mordida?

Rachel concordou, imaginando como ele conseguia comer tanto.

Ele deu uma mordida grande e mastigou devagar.

— Ótimo, de lamber os beijos — suspirou. — Eu próprio não seria capaz de fazer melhor. Experimente uma outra coisa qualquer. Que tal uma fruta?

Rachel botou uma laranja no meio da mesa. Fez cara de intrigada, achando alguma coisa estranha.

— Olhe de perto — disse Morpeth. — Você sabe o que está errado. Não precisa que eu lhe diga.

Rachel olhou fixamente a laranja. Era redonda. Era da cor certa. Fez com que a laranja se virasse, lentamente, enquanto Morpeth, recostado na cadeira, a acompanhava, fascinado. De repente, entendeu o que estava errado: ela não tinha aqueles pontinhos que toda laranja tem. Estava lisa como uma maçã. Um instante depois, fez aparecerem os furinhos.

Morpeth apanhou a laranja da mesa e tentou, sem sucesso, descascá-la.

— Ai, me esqueci de fazer a casca de verdade — disse Rachel, aborrecida consigo mesma.

— Não tem importância — disse Morpeth. — Diga-me o que acha do meu próximo truque.

Uma maçã apareceu, em cima da laranja. Rachel botou uma banana em cima da maçã. Morpeth adicionou um pêsego. Rachel tacou um abacaxi em cima do pêsego. Continuaram até que a pilha de fruta estivesse impossível de alta, tocando o teto.

Rachel balançou a cabeça.

— Por que não caem?

— Porque não queremos que caiam.

Morpeth, excitado, enfiou mais quatro bananas na pilha. Juntos, construíram torres impossíveis de frutas, que cresciam para

cima e para os lados. Num impulso, Rachel espalhou as pilhas e fez todas as frutas flutuarem em torno de suas cabeças. Morpeth escondeu as bananas atrás dos abacaxis e Rachel arremessou os melões na parede, fazendo o sumo se espalhar por todo o chão.

Por fim, ela olhou a bagunça.

— Acho que temos que limpar isto tudo.

— Poderíamos — disse Morpeth. — Ou podemos imaginar isto limpo!

Rachel imaginou. Num instante o cômodo estava exatamente do modo como estava quando entrou.

— Posso modificar a sala também? — perguntou Rachel, sem querer parar.

— Mude o que quiser — insistiu Morpeth. — Mude tudo! Rachel pensou um pouco. Imaginou que a sala vazia era um enorme salão de jantar. Criou prataria e luzes de candelabro suspensas no teto. Na mesa, conjurou centenas de pratos, com montes de frango assado e batatas e milho doce e pudim Yorkshire.

— O que mais? — Ficou imaginando, tentando manter em mente todos os pratos de comida. Imaginou toda a sala feita de vidro cheia de peixes. Qual, *exatamente*, deveria ser a aparência do peixe? Caudas de peixes vermelhos ou caudas de filhotes de cachorro? Bocas feias ou bocas bonitas? Rachel decidiu-se por peixes esguios de lábios vermelhos, com exóticos brincos verdes pendurados nas guelras.

Quando ergueu a vista, a sala estava transformada. Ela, sentada numa estufa de vidro onde peixes prolíficos nadavam pelo ar. Mas persistia o desapontamento. Os brincos dos peixes tinham se tornado amarelos. Rachel os tornou verdes outra vez. Um segundo depois voltaram a ser amarelos — como se alguma outra coisa os estivesse influenciando. Rachel soltou um suspiro, notando que todas as luzes e pratos de comida que queria estavam faltando. Tinha se concentrado com tanta força no peixe que se esqueceu de mantê-los em mente.

— Ai, meu caro, não sou boa, sou? — ela perguntou.

Morpeth estava com cara de exausto, a ponto de cair da cadeira.

— Você está bem? — perguntou Rachel, com ansiedade.

— Estou ótimo, estou ótimo — ele murmurou. — Só estou um pouco cansado, criança-esperança.

E olhou para Rachel, sua expressão uma mistura de surpresa e... medo?

— O que significa isso? — Rachel perguntou. — *Criança-esperança?*

— Nada — disse Morpeth, depressa. — Absolutamente nada.

Rachel olhou desconsolada para a sala do café, reparando todos os defeitos de suas mágicas. Nada estava mais como tinha imaginado originalmente. Até os peixes começavam a tomar uma aparência fatigada e sem substância agora que ela não estava totalmente concentrada neles.

— Sou uma droga nisto — ela disse.

Morpeth observou um peixe nadando em torno de seus joelhos.

— Não. Esta sala está... surpreendente. Não está perfeita, mas com a prática você vai melhorar. Você tem um dom incrível.

Rachel enrubesceu.

— Verdade?

— Sem dúvida. Agora, está na hora de terminar seu café-da-manhã. Quero lhe mostrar os jardins do Palácio e, mais tarde, vamos fazer uma visita a Dragwena.

— A mulher-cobra que conheci ontem?

— Hum. Mas ela não gosta desse nome.

— Desculpe.

Rachel sorriu com esperança.

— Podemos brincar mais um pouco antes?

— Mais tarde — disse Morpeth. — Primeiro, quero levar meus velhos ossos para passear. Vamos ver se você consegue terminar seu café-da-manhã depressa.

Uma bandeja de torradas com todos os tipos de geléia apareceu perto de Rachel.

— Espero que goste de geléia.

— Ai, estou excitada demais para comer. Já sei... vou imaginar que estou satisfeita!

A torrada e a geléia encheram sua barriga.

Os dois olharam o prato vazio e caíram na gargalhada.

6

VIAGEM PELO CÉU



Morpeth conduziu Rachel e desceram um lance de escadas que saía da sala do café. Ele parou diante de uma enorme porta redonda feita de aço polido. Não tinha qualquer marca, sequer maçaneta ou ferrolho.

— Esta é a porta que dá no jardim? — Rachel perguntou.

— É.

Morpeth estendeu a palma da mão em direção à superfície de metal, que se abriu silenciosamente.

Rachel o examinou de perto.

— Você usou mágica, não foi?

Morpeth aquiesceu.

— Para que se necessita de uma porta grande com cadeado mágico para ir ao jardim?

— O perigo se esconde lá fora — disse Morpeth. — Lembra-se das garras negras? Também há lobos enormes, de olhos amarelos e com dentes maiores que o seu rosto. — Ele fez uma careta. — Você não ia querer que entrassem e lhe partissem ao meio com mordidas enquanto você dorme, ia?

Rachel deu um passo atrás, repentinamente amedrontada.

— Não quero ir lá fora.

— Não é preciso ter medo — ele a reconfortou. — Os lobos só vêm ao jardim à noite.

Rachel espiou cautelosamente fora da porta. Um lençol brilhante de neve cinza claro cobria o capim. Na distância, cercada por árvores de folhas triangulares, cintilava um lago congelado. Ela não viu lobos de olhos amarelos. Poderiam estar se escondendo atrás das árvores? E, imaginou, de repente, se só de *pensar* nele, ela fosse capaz de trazer um lobo à vida?

— Vou lhe mostrar que é seguro — disse Morpeth.

E correu lá para fora, rodando feito um carro, fazendo um grande círculo. Com sua voz rouca, gritou, o mais alto possível:

— Lobos, lobos, lobos, estejam vocês onde estiverem, eu tenho um barrigão para vocês comerem!

Rachel deu um passo tímido pelo jardim, depois correu feito um raio em direção a Morpeth, agarrando-o com força.

— Venha — ele disse. — Vamos apostar corrida até o lago!

Rachel correu velozmente, mas as pernas curtas e grossas de Morpeth eram um borrão — de tanta velocidade.

— Você não me pega! — gritava ele. — Sou mais rápido que o vento, mais veloz que um gato. Tão rápido que não dá para acreditar que sou gordo!

Ele corria em ziguezague pelo jardim, os braços abertos.

Rachel não conseguia alcançar Morpeth, mas sabia que podia derrotá-lo. Lembrando-se de sua viagem entre os mundos, simplesmente se imaginou aterrissando junto ao lago. Após uma momentânea corrente de ar, pousou confortavelmente junto à margem. Morpeth cambaleou e quase caiu em cima dela.

— Como foi que você fez isso? — ele perguntou, espantado, caindo junto a um tronco de árvore em formato de cogumelo.

— Foi fácil. Eu só pensei, como você me ensinou.

Morpeth sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não, eu não ensinei você a fazer isso. Eu jamais ensinei a você como se movimentar *de um lugar a outro*. Nem mesmo eu sou capaz... Só Dragwena consegue!

— Não foi difícil. Eu já tinha feito antes.

— Mas isso foi entre os mundos! Lá, Dragwena põe uma mágica especial, para ajudar todas as crianças trazidas a Ithrea. Você fez isto sozinha!

Ele olhou para Rachel com um ar de maravilhamento no rosto.

— Você é a criança-esperança.

— Eu sou o quê? Você disse isso antes, Morpeth. O que significa? O que é essa criança-esperança?

— Quero dizer... — Ele se corrigiu, recompondo-se. — Quero dizer... você é a menininha mais saíndinha que já conheci! Legal ter usado esse truque comigo! Venha, vamos patinar no lago Ker.

Ele pulou sobre o gelo, deslizando num par de patins vermelho vivo.

— Iúpi! — gritava Morpeth, fazendo círculos perfeitos numa perna só. — Venha comigo, Rachel. Isto é fantástico!

Ela rapidamente imaginou patins cor-de-rosa cintilantes nos pés e dançaram um alegre dueto sobre a superfície, como se tivessem ensaiado durante anos.

Finalmente, voltaram à margem do lago Ker para descansar. O Palácio acima deles, como uma torre. No interior de suas altas paredes, centenas de finas colunas negras e ameias com janelas minúsculas, de formato esquisito, de encontro ao céu. Todos os contornos eram rígidos, angulares, ameaçadores — a pedra absorvendo a luz do dia, como se a odiasse. Uma enorme torre comprida no meio do Palácio erguia-se, mais alta que as outras todas, feito uma agulha gigante furando o céu. No seu topo se encontrava uma grande janela, de cor verde e que formava... Rachel tentou descrever a forma. Parecia um olho. Onde tinha visto aquela forma antes?

— Quem construiu o Palácio? — perguntou. — Parece antigo e é tão escuro.

Morpeth estremeceu.

— Foi construído há muitos anos. É só isso o que sei. Mas sabia mais, muito mais do que isso. Sabia que Dragwena o tinha construído milhares de anos antes, quando chegou pela primeira vez a Ithrea. Ele não sabia por que a Bruxa tinha vindo. Ela não confiava a ninguém aquele segredo. Mas ele sabia que Dragwena odiava este mundo e também odiava todas as crianças que tinha tirado da Terra e escravizado — embora as tirasse sempre, buscando uma coisa qualquer que jamais explicava.

Uma noite, muitos anos antes, Dragwena tinha trazido Morpeth para a torre-olho do Palácio. Ela muito se deliciou explicando como

cada pedra, cada camada da parede, tinha sido arrancada das montanhas a mão — pelas mãos pequenas e feridas de gerações de crianças. Levou séculos de trabalho. A maioria das crianças morreu de fome ou de frio, carregando pedra pela neve, ou caiu das torres. A história durou muitos dias e noites. Com sua perfeita memória sem idade Dragwena lembrava de tudo, a forma exata da morte de cada criança. Obrigou Morpeth a sofrer também, compreendendo o que ela tinha feito. Apesar disso, ele era compelido a obedecer às suas ordens.

Morpeth soltou um suspiro, e pensou em Eric. Estava com a Bruxa agora, sendo provado e testado. O menino tinha uma qualidade incomum. Uma força, uma capacidade, embora diferente da de Rachel. Dragwena a sentiu instantaneamente. Se as habilidades de Eric não fossem suficientemente interessantes, Morpeth sabia, Dragwena logo descobriria e o mataria. O menino poderia já estar morto. O que deveria fazer em relação a Rachel? Como poderia esconder da Bruxa os dotes notáveis da menina? Agora mesmo, da torre-olho, deu-se conta, Dragwena estaria provavelmente observando cada movimento que ele e Rachel fizessem.

Rachel tinha estado a contemplar os jardins cobertos de neve do Palácio e além. Os únicos outros edifícios eram umas poucas choças simples em torno das muralhas do Palácio. Pequenas figuras curvadas, como Morpeth, deslocavam-se lentamente, saindo e entrando. Bem longe, imensos picos dentados se projetavam do solo.

— Aquelas montanhas ficam muito longe? — perguntou, excitada.

— Ah, as Montanhas Esfarrapadas! — disse Morpeth, levantando-se. — Por que não descobrimos? Vamos voar até lá e dar uma olhada.

Rachel riu.

— Podemos? Não temos asas?

— Ai, não temos? Então, teremos que *imaginá-las!*

Rachel achou que iriam brotar asas nos braços dele. Em vez disso, Morpeth simplesmente olhou para longe.

— Acho que hoje — disse — vou voar nas costas de uma águia marinha gigante. Olhe! Ei-la chegando!

Rachel acompanhou o olhar de Morpeth que mirava o céu cremoso de inverno. Da distância, embaixo, do outro lado do horizonte, um ponto minúsculo vinha rapidamente em direção a eles. Enquanto ela observava, o ponto crescia. Até que viu pela primeira vez as asas, depois uma cabeça pontuda e, por fim, garras curvas — cada uma delas maior que o próprio Morpeth — afundadas na neve ali perto.

Morpeth pulou, ligeiro, em suas costas.

— Vamos, Rachel, vamos embora!

Seu grande pássaro saltou no céu pálido.

— Não me deixe! — Rachel gritou.

— Você sabe o que fazer! Depressa, ou vou chegar primeiro que você nas montanhas!

Rachel se concentrou. Qual era a ave mais soberba? Outra águia? Uma pomba? Em sua mente formou-se a imagem de uma grande coruja branca como a neve, de bico amarelo, saindo da neve. Antes mesmo da coruja tomar forma completamente, ela se arqueou sobre suas costas, agarrando as penas do pescoço. Em segundos, Rachel elevava-se nos ares, centenas de metros acima do Palácio, o vento frio em carreira rápida através de seu cabelo.

— Vou pegar você! Vou pegar você!

A coruja de neve, obedecendo às ordens dela, rapidamente alcançou a águia de Morpeth. Empoleirados lado a lado, sobre suas mágicas aves de rapina gigantes, eles sorriram, fazendo careta um para o outro, esticando os pescoços para ver o que se estendia adiante.

— Vamos voar por cima do Palácio — Rachel disse.

— Não! Direto para as montanhas! Uma corrida! — a águia de Morpeth resplandeceu, subindo e afastando-se.

— Você não consegue voar mais depressa que eu! — gritou Rachel.

— Tente me alcançar! Use sua mágica!

Em minutos, desciam rapidamente por entre os picos das montanhas, mergulhando nos vales e disparando sobre os topos elevados.

Rachel queria liderar. Disse à coruja que esta era mais rápida que qualquer águia, que era a criatura mais veloz que jamais alçara vôo — impossível de capturar — e saiu feito um raio de luz no vasto céu. Morpeth a alcançou sem esforço. Várias vezes Rachel lutou para se distanciar, mas ele sempre alcançava a velocidade dela.

— Por que não posso ir na frente? — ela reclamou, em meio ao vento.

— Porque sou sempre capaz de me imaginar alcançando você!

— Então vou imaginar que você nunca será capaz de me alcançar! — Rachel sussurrou suavemente no ouvido da coruja e esta disparou na distância.

— Acabo de imaginar — riu Morpeth, alcançando-a mais uma vez — que não importa a que velocidade você voe, eu *sempre* serei capaz de alcançá-la.

Pôs-se lado a lado com ela.

— Você é capaz de imaginar alguma coisa que eu não conseguisse *já* imaginar? É capaz, Rachel?

Ela ponderou sobre isso até que Morpeth esticou o braço para indicar o arco da terra cintilando lá embaixo.

— Olhe aquilo! — Ele se maravilhou. — Olhe o mundo de Ithrea!

Rachel sentiu o coração desabalado e absorveu o ambiente em sua volta. A oeste e ao norte das Montanhas Esfarrapadas, ainda mais picos se apinhavam, cortados por rochedos que davam num mar sem fim.

— O oceano Endellion! — Morpeth gritou. — Um oceano de gelo!

A leste, tudo era neve cinzenta incessante, monotonia só rompida pelas torres do próprio Palácio. Ao sul, umas poucas manchas pretas que poderiam ter sido florestas misturavam-se sob a da neve.

Onde estavam as crianças que Morpeth tinha dito que viviam por toda parte, imaginava Rachel. Será que havia cidades cheias delas escondidas embaixo da neve? Será que poderia voar até onde se encontravam? Será que ela...

De repente, Rachel se admirou e esqueceu completamente as crianças.

Tinha visto os furacões.

Havia oito deles, furacões imensos, torcendo-se aos pares nos cantos do mundo. Rachel voou para mais alto, no ar mais fino, para espiar lá dentro. Nada que já tivesse visto antes era capaz de prepará-la para o tamanho daquelas torres-moinhos torcidas de vento. Nuvens negras ao alto espalhavam-se horizontalmente por sobre todo o mundo de Ithrea, bombeando neve feito respiração furiosa em todas as direções. E dentro de cada furacão havia relâmpago também, não um raio, mas correntes sem fim de relâmpagos, acendendo o céu em cima como um *flash* gigantesco de câmera fotográfica.

Rachel respirou fundo, tentando absorver aquilo tudo. Que tipo de mundo era Ithrea? De repente, sentiu falta de cor. Qualquer cor. Não havia nenhuma. O céu estava branco, pesado; a neve, cinza. Até mesmo o sol brilhava fracamente; praticamente não irradiava calor. E Rachel era capaz de olhar diretamente para seu disco sem ferir os olhos.

Um mundo monocromático, Rachel pensou.

Um mundo de inverno. Como uma fotografia em branco e preto.

Ela olhou para Morpeth e seus olhos azuis arderam na brancura do céu.

— Sempre neva aqui? — perguntou a ele, do outro lado, estremeçando de repente.

— É claro — ele respondeu.

É a vontade de Dragwena, ele pensou amargamente, embora Rachel ainda não estivesse preparada para ouvir o motivo.

— Está na hora de voltar para o lago Ker — ele disse. — Não podemos ficar voando por aí o dia todo.

— Outra corrida?

— Por que não? Você ainda não ganhou de mim.

Ele fez cócegas na nuca da águia marinha, que rodopiou em direção ao lago Ker. Rachel não tentou voar mais depressa. Simplesmente se imaginou já aterrissando junto ao lago.

Mas, em vez disso, viu-se pairando junto à janela-olho verde da torre mais alta do Palácio.

Olhando pela janela, a poucos pés de distância, se encontrava Dragwena.

A Bruxa olhou para Rachel, acariciando o colar-cobra. Rachel retribuiu o olhar, insegura, sentindo que alguma coisa estava errada.

— Vamos embora! — Rachel ordenou à coruja, puxando-lhe o pescoço.

O pássaro se recusou a obedecer. Ao contrário, aproximou-se ainda mais, a poucos centímetros do vidro. A Bruxa sorriu, pressionou os lábios de encontro à janela e soprou para Rachel... um *beijo*.

Imediatamente um golpe de vento se abateu sobre a coruja.

Rachel agarrou as penas do pescoço, tentando se equilibrar.

— Leve-me embora! — ela ordenou.

A coruja lentamente virou a cabeça volumosa e abriu o bico.

— Não, não faça isso! — gritou Rachel, vendo o que a ave estava prestes a fazer.

A coruja se inclinou mais perto. Mordeu as mãos dela... e a arrancou de suas costas.

Rachel soltou um grito agudo, agarrando-se sem resultado às penas da cauda.

E caiu.

Um vento gelado passou por entre seus cabelos. Espiando lá embaixo, viu outra grande torre que erguia sua agulha, pronta para empalá-la.

Rachel fechou os olhos com força, lembrando de como tinha conseguido desacelerar sua queda entre os mundos. Mas a escuridão entre os mundos representava uma queda sem fim; desta vez, tinha apenas alguns segundos para decidir o que fazer. Quase entregue ao pânico, uma idéia abruptamente a tomou. Era uma imagem - a imagem de uma pena, uma pequena pena branca, descendo a flutuar suavemente. Rachel a reteve na mente furiosamente, imaginando o quanto seria pequena, o quanto seria leve, como cairia calmamente, balançando ligeiramente para trás e para a frente no vento.

Afinal, ousou olhar em volta. Enormes flocos de neve a cercavam, empurrados pelo vento, e ela era empurrada com eles.

Todo o céu floria com o cinza dos flocos — as pontas de cristal apertavam duramente, derramando água escura que congelava sobre o corpo dela.

Subitamente deu-se conta de que os flocos de neve eram tão grandes — justamente porque *ela* estava tão pequena: tinha se transformado numa pluma minúscula. Era capaz de sentir seu novo corpo flutuando por entre os flocos de neve, prisioneiro dos ventos. Um momento depois, aterrissou confortavelmente numa saliência. Uma brisa a apanhou e ela vagou ao vento, estranhas sensações tinindo através do corpo novo, quase sem peso. Continuou a flutuar para lá e para cá, descendo gradualmente com os flocos de neve imensos.

Então, através da mancha da neve, viu uma figura correndo em sua direção.

— Morpeth! Morpeth! — gritou.

Ele pegou a pluma no ar, seus dedos gigantes prendendo-a num mundo escuro. Rachel esperou na quietura tranqüila da mão, sentindo-se em segurança. Instantes depois, Morpeth a colocou na neve, junto ao lago Ker, e ela o observou dizer três palavras de uma grande altura.

De início lentamente, sentiu as mãos reaparecerem. Braços surgiram de seus ombros, os lábios passaram voando por eles — e uma Rachel congelada cambaleou e tremeu sobre a neve.

— Ai, Morpeth — gritou. — O que aconteceu? A mulher-cobra estava ali de pé. Soprou aquele beijo e...

— Eu sei, eu sei.

Ele tirou o cabelo molhado do rosto dela.

— Agora você está em segurança. Juro.

Morpeth levou-a de volta ao Palácio através da grande porta de aço. Mais uma vez, abriu-a usando de magia. Rachel estava distraída demais para prestar atenção. Como é que aquilo tudo podia estar acontecendo com ela? A mulher estranha, Morpeth, a sala do café, a coruja, ser transformada numa pluma? Como podia ser real?

— Eu estou num sonho? — perguntou. — Vou acordar daqui a um minuto e ter que ir à escola?

— Eu gostaria que você estivesse — ele disse. — Ou que este fosse o *meu* sonho.

— Morpeth, eu quero achar Eric e sair deste lugar. Eu quero ir para casa!

Morpeth não respondeu. Em vez disso, escoltou-a de volta à sala do café, onde roupas secas a esperavam. Enquanto se vestia, Rachel reparou que a sala tinha exatamente a mesma aparência de quando entrou ali pela primeira vez. Os peixes esguios com brincos tinham desaparecido.

Morpeth a fez sentar-se.

— Rachel — disse, a voz tremendo ligeiramente. — Sei que está assustada, mas é preciso que seja valente.

Ela fez que sim, sem entender, mas confiando nele.

— O que você fez — ele disse — foi mudar de forma. Você se tornou uma outra coisa *diferente*.

— Uma pluma.

— Sim, mas isso não deveria ser possível. Neste mundo só uma pessoa tem esse poder.

— Dragwena — disse Rachel. — Aposto que ela é capaz de fazer isso.

— Sim.

Inclinando-se, ele segurou as mãos de Rachel.

— Daqui a pouco, tenho que levar você para a torre-olho. Dragwena vai lhe forçar a passar por um teste severo. Não posso antecipar o que é o teste, porque isso me trairia. Não vai *parecer* que é um teste. Vai vir como uma surpresa e eu não poderei ajudar você. Faça o melhor possível. Vou tentar protegê-la, se for capaz.

— Não estou entendendo — Rachel disse. — Você me salvou. Sei que vai ajudar.

As lágrimas se derramaram no rosto afundado de Morpeth. Ele sabia que já tinha dito demais a Rachel sobre o que ia ocorrer na torre-olho. Tinha que parecer *cruel* quando levasse a criança à Bruxa — Dragwena o estaria observando de perto quando chegasse e outros estariam observando cada movimento dele no caminho.

— Morpeth, qual é o problema? — Rachel perguntou. — Não chore. Eu estou bem agora. Eu me sinto bem melhor. Por que você está tão preocupado? Que tipo de teste é esse?

Ela sentiu Morpeth retirar repentinamente as mãos.

— Eu não quero passar por teste nenhum. Eu estou com medo.

Morpeth estava sentado com a cabeça enfiada nos velhos dedos nodosos. Respirava fundo e, por uns instantes, seu corpo ficou quase parado. Quando tornou a olhar para Rachel, seus olhos tinham perdido a chama amigável. Falou numa voz diferente, muito mais dura que antes.

— Dragwena está chamando. Temos que nos apressar.

— Eu não vou ver aquela mulher — Rachel disse. — Ela fez a coruja me morder. Onde está Eric? Eu quero saber o que...

— Cale a boca! — Morpeth berrou.

Rachel recuou, chocada.

— Morpeth, o que houve?

— Vamos — ele rosnou, agarrando o braço dela. — Acabou-se a diversão e as brincadeiras, menina. Está na hora de ver o quanto você é mesmo boa!

7 A PROVA DE RACHEL



Morpeth foi trotando ao longo de diversos corredores escuros, segurando forte no pulso de Rachel, forçando-a a correr.

— Largue! — protestou ela, resistindo. — Eu pensei que você era meu amigo.

Ele riu, arrastando-a por um vasto lance de escada de pedra que subia para a torre-olho. Rachel tentava compreender o que tinha feito de errado. Por que Morpeth se comportava daquele jeito quando tinha prometido ajudá-la?

Afinal, ele parou diante de uma grande porta em arco, flanqueada por dois soldados com espadins. No meio da porta havia uma maçaneta de cabeça de cobra, a boca aberta, como que pronta para atacar todos os visitantes.

— Eu não vou ver Dragwena — Rachel disse. — Só depois de saber que Eric está em segurança.

— Fique de boca calada!

— Não me mande... — Rachel recuou. — Eu não vou fazer mais nada que você mandar! Morpeth, por que você está falando assim?

Ele fez uma careta.

— Você logo vai saber.

A porta se abriu e Rachel espiou dentro da imensa sala escura.

— Agora você está sozinha — disse Morpeth. — Fique bem alerta senão não sairá viva.

Ele a empurrou para dentro e bateu a porta.

Rachel, piscando na semi-escuridão, tentou se situar. Foi atraída para o extremo da sala, onde uma janela verde, em forma de olho, dava para os edifícios do Palácio. Dragwena estava de pé junto à janela, olhando para fora.

— Entre — disse a Bruxa, sem se virar.

Sua voz era quente, convidativa.

Rachel deu uns passos à frente, em direção a Dragwena — e ficou espantada. A cabeça adormecida de Eric saía dos lençóis de uma pequena cama.

— O que você fez? — explodiu Rachel, tentando acordar Eric, sacudindo-o.

Ele não respondeu.

— Se você o tiver machucado...

Dragwena riu suavemente.

— Eu quero voltar para casa! — Rachel berrou. —Acorde Eric! Vamos!

Dragwena se virou e Rachel viu uma caixa em sua mão. Era uma objeto preto simples, fino, que chacoalhava.

— Tenho um presente para você — disse a Bruxa.

— Eu não quero presente — Rachel disse duramente. — Diga-me o que você fez com Eric.

Notou, então, um ruído de assobio vindo da caixa. Instantaneamente teve um desejo súbito, quase doloroso, de rasgá-la.

— O que é? — perguntou, esquecendo-se de Eric. — Ah, por favor, me dê a caixa!

A Bruxa sorriu e casualmente jogou a caixa no ar. Rachel a apanhou e virou de um lado e de outro, ansiosa para descobrir seu conteúdo.

— Como se abre? Não consigo abrir! Não consigo abrir!

— Sua mágica não é forte o bastante, criança?

Rachel segurou a caixa contra si, rasgando a tampa, tentando achar um fecho. Dentro, havia uma coisa maravilhosa. Sabia que desapareceria se não andasse logo. Roeu, selvagememente, as bordas.

De repente a tampa se rasgou. Rachel a estava apertando com tanta força que o conteúdo da caixa se espalhou pelo chão. Ela

olhou para baixo. A sua frente estava o tabuleiro de um jogo simples que conhecia bem: cobras e escadas.

— Ora! — pensou, intensamente desapontada.

Em seguida, uma coisa aconteceu que fez Rachel mudar de idéia: uma das cobras deslizou, colocando-se numa nova posição. Veio se remexendo e pousou no meio do tabuleiro. Uma segunda cobra, bem maior, desenrolou-se e apoiou a cabeça na fila de cima. Todas as outras cobras, sete ao todo, acotovelaram-se para também encontrar lugares. Afinal, posicionaram-se, as línguas saboreando o ar preguiçosamente. Entre elas, quatro escadas se aninhavam. Três eram minúsculas. Uma escada grande se estendia da casa três embaixo, em diagonal, diretamente ao topo, a duas casas do fim.

— Gostou do presente? — perguntou Dragwena.

Rachel sorriu, incerta.

A Bruxa ajoelhou-se junto ao tabuleiro.

— Vamos jogar uma partida. Eu gosto de jogo.

Dois peões saíram marchando orgulhosamente de trás de uma cadeira, onde tinham caído quando a caixa se abriu. Um verde rolou em direção a Dragwena. O azul pulou para a mão de Rachel.

— Você começa — Dragwena disse.

Rachel concordou, fascinada, incapaz de tirar os olhos das cobras. Na primeira jogada tirou um três, o que a colocou na escada comprida. Ela moveu o peão até à casa noventa e oito.

— Que sorte — disse Dragwena. — Vai ser difícil vencer, você jogando tão bem assim.

Era a vez dela, que, tirando um, soltou um suspiro.

— Sou uma droga nisto — disse, usando as mesmas palavras que Rachel tinha dito na sala do café, imitando perfeitamente sua voz.

Rachel olhou para Dragwena desconfiada. Sabia que aquele não era um jogo comum. Seria o teste de que Morpeth a tinha avisado?

— O que acontece se eu ganhar? — perguntou, hesitante.

— O que você gostaria que acontecesse?

— Ir para casa — disse Rachel. — Nós dois. É tudo o que eu quero.

— Tire um dois ou mais — disse Dragwena. — É só o que você precisa. Aí, pode voltar correndo para mamãe e papai.

— *Você promete?*

Desta vez Dragwena imitou uma voz diferente — a de Morpeth.

— É claro! Você não confia em mim, criança?

Rachel não respondeu. Em vez disso, apanhou o dado, esfregando-o contra a parte macia do polegar.

— O que acontece se eu perder?

— Aí depende. Depende da fome das cobras. Continue. Se você se recusar, castigo Eric.

O coração de Rachel pulou.

— Está com medo? — Dragwena inquiriu gentilmente, como se não estivesse perguntando absolutamente nada.

— É claro que estou. Por que você está me obrigando a fazer isto?

— Tenho as minhas razões — disse Dragwena. — Você está perdendo tempo.

Seu rosto se transformou no rosto de Eric.

— Não deixe ela me machucar — suplicava a voz de Eric.

Rachel considerou fugir correndo pela porta, depois se lembrou dos soldados esperando do lado de fora.

— Não vou precisar dos soldados se você tiver que ser morta — sussurrou Dragwena.

A mão de Rachel tremeu. Ela deu as costas à Bruxa, já incapaz de encontrar seu olhar, apertando o dado com força de encontro à palma de sua mão.

— Eu preciso tirar um dois!

Concentrou-se furiosamente, como Morpeth tinha ensinado, e soltou o dado. Ele bateu no tabuleiro. Dois pontos nítidos estavam virados para cima.

— Ganhei! Ganhei! — Rachel berrou.

— Nada é tão fácil assim — disse Dragwena.

E tocou na testa de Rachel que, instantaneamente, encolheu, ficando do tamanho de uma unha. Dragwena a pegou e colocou no meio do tabuleiro.

— Agora vamos ver o quanto você é forte — disse Dragwena. — Cuidado. As serpentes da morte estão por aí, atrás de você!

Uma das cobras imediatamente balançou em direção a Rachel, a cabeça agora duas vezes o tamanho de seu corpo. Rachel correu através do tabuleiro. Outra cobra se virou em sua direção. Soltando um grito, pulou no pescoço dela, descendo aos saltos os quadrados das casas em direção à borda. A própria cobra de Dragwena desenrolou-se rapidamente, espalhando o corpo grosso em volta do tabuleiro, como uma parede, para impedir qualquer escapada.

— O que posso fazer? — Rachel soltou um guincho. — Não é justo!

— Se você conseguir chegar ao quadrado final, ainda pode ganhar o jogo. No entanto, talvez não goste do que estará lhe esperando.

Rachel viu claramente o que era: a maior cobra, pousada na última casa. Teria que entrar em sua boca.

— Socorro! — Rachel gritou, correndo tabuleiro acima para escapar de mais uma cobra que ziguezagueava em sua direção.

— Você tem uma chance — disse Dragwena. — Precisa usar as escadas. Depressa, as cobras estão inquietas!

Rachel saiu voando tabuleiro abaixo até à casa três, esperando que a escada a levasse para o alto. Esta nada fez e as cobras continuaram deslizando em seu encalço, sem misericórdia. Ela tropeçou, correu, pulou por sobre os dorsos arqueados. Mas as cobras não lhe davam descanso. Finalmente, já não tinha forças para fugir. Aproximando-se, as cobras a cercaram num canto. Enquanto abriam as mandíbulas, Dragwena, com um ar quase entediado, soltou um suspiro de irritação.

Rachel, de pé, encarou as cobras. Aterrorizada, ainda tentou entender o que Dragwena queria dizer com usar as escadas. Por fim, uma última idéia desesperada lhe ocorreu.

Lançando às cobras um olhar vidrado, sussurrou:

— *Parem!*

Elas pararam, com as línguas bifurcadas apertadas de encontro ao corpo dela.

Rachel dirigiu-se a elas em conjunto.

— Comam a cobra que está em cima do último quadrado.

Instantaneamente elas obedeceram. Após uma luta dura, a maior cobra foi sufocada e morta. Agora, só duas permaneciam

vivas no tabuleiro.

Rachel falou com uma delas.

— Ponha a escada na casa cem.

A cobra serpenteou tabuleiro abaixo com a escada entre os dentes e posicionou-a na última casa.

Rachel subiu calmamente os degraus até o último quadrado, botou as mãos nas cadeiras e olhou ameaçadoramente para Dragwena.

E a Bruxa retribuiu o olhar. *Como* olhava para Rachel! Ofegante, olhava Rachel e as cobras mortas.

Rachel não esperou Dragwena voltar à compostura.

— Ataquem-na! — instruiu às duas cobras ainda vivas.

Estas pularam do tabuleiro em direção ao pescoço de Dragwena, mas a cobra da própria Bruxa rapidamente voou à frente, engolindo-as.

— Co... como você fez isso? — a Bruxa perguntou, abobada. — Você não deveria ser capaz de derrotar as cobras! Nenhuma criança jamais fez isso!

Ela deu um salto no ar.

— *É* você! — disse, espantada. — Depois de todo este tempo...

Abaixando-se, tocou a cabeça de Rachel, e a trouxe de volta à altura normal.

— Ai, Rachel, Rachel — gritou, abraçando-a. — Desculpe. Eu tinha que testar você. Você não faz idéia de quanto tempo esperei que você chegasse.

Rachel empurrou-a.

— Afaste-se! Não se aproxime de mim!

Dragwena virou-se, triunfante.

— Agora você me odeia. Mas logo vai aprender a adorar tudo o que eu sou. Vamos reinar juntas sobre Ithrea, e sobre o *seu* mundo também.

— Você prometeu nos deixar ir se eu ganhasse. Você *prometeu!*

— Eu menti — disse Dragwena. — Nunca cumpri uma promessa a uma criança e jamais cumprirei.

Rachel chutou a Bruxa com força.

Dragwena deu um salto para trás, surpresa. Quatro conjuntos de dentes momentaneamente apareceram em sua cara, batendo para Rachel. Assim que Dragwena percebeu que Rachel tinha visto seus dentes, deixou inteiramente de lado o disfarce de bela dama. Os olhos tatuados que fixavam Rachel não tinham expressão.

— Você não deveria me enraivecer — Dragwena advertiu-a. — Eu poderia destruí-la em um segundo.

Rachel afastou-se, assustada com a aparência real de Dragwena.

— O que é que você quer comigo e com Eric? O que é você?

— Uma Bruxa — Dragwena sussurrou. — E logo você também será uma, Rachel. Uma bruxa muito poderosa.

— O quê? Não, eu não — Rachel disse. — Você é... Como ousa nos manter aqui, jogando esses jogos? Eu não quero saber para que é tudo isso. Eu *não vou* ajudar você.

— Criança — respondeu Dragwena —, acha que tem alguma escolha? Daqui para a frente vai estar sempre do meu lado.

Rachel estava doente de raiva.

— Deixe-me partir!

— Daqui a pouco — disse Dragwena. — Você está cansada. Primeiro, tem que descansar. Depois... veremos.

Rachel bocejou inexplicavelmente. Por um motivo qualquer, de fato sentiu-se cansada. Combateu o cansaço, sabendo que era a Bruxa a responsável por ele.

— Suas pálpebras estão pesadas — disse a Bruxa. — Você mal consegue mantê-las abertas.

As pálpebras de Rachel bateram e fecharam-se. Com um esforço enorme, conseguiu abri-las.

— Não estou nada cansada — ela disse, outra vez bocejando. — Estou bem desperta. Não quero dormir. *Não vou* dormir.

— Deite na cama com Eric — disse a Bruxa. — Eu sei que você quer.

Rachel se viu enfiando-se debaixo dos lençóis e puxando a manta.

— Não estou cansada — disse, debilmente. — Eu não vou fazer o que você pede.

— Tenha um longo descanso — disse a Bruxa. Ajeitando a manta em torno dos ombros de Rachel, beijou-a no rosto.

— Prometo que terá lindos sonhos.

Rachel aninhou o rosto no travesseiro.

— Eu não estou cansada... não... cansada.

Em poucos instantes, estava adormecida.

Enquanto Rachel dormia, Dragwena penetrou em sua mente e criou um sono-sonho, o encantamento de transformação necessário para começar a mudar Rachel de criança em Bruxa. Dragwena jamais tinha usado antes esse poderoso encantamento em Ithrea. Será que iria funcionar com Rachel? Incontáveis crianças tinham vindo e ido, algumas talentosas, como Morpeth, mas nenhuma tinha a intensidade mágica que Rachel demonstrava. Será que conseguiria controlar Rachel? Já sentia o poder de Rachel fermentando. Se agisse depressa, poderia moldar Rachel em qualquer coisa que precisasse. Tremendo de excitação, Dragwena plantou as camadas. Lentamente, cuidadosamente, escolheu lembranças de seu passado — ódios, medos e desejos, eventos e sentimentos que iriam ultrapassar a mente de Rachel, condicioná-la, prepará-la para um novo destino.

Uma vez pronto o sono-sonho, Dragwena voltou-se para Eric. Tinha sentido nele uma força que nunca enfrentara antes. No entanto, o teste, mais cedo, naquele dia, não tinha revelado mágica alguma no menino — surpreendente, dado o poder extraordinário de Rachel. Ele, porém, era novo e não tinha a noção de desafio, como Rachel. Sua personalidade deveria ser fácil de quebrar e remodelar. Ela tocou a fronte de Eric, sondando o córtex, procurando as raízes de controle do cérebro.

Instantaneamente, a Bruxa foi lançada através da sala.

Gritou, com todos os músculos da mão fechando-se num espasmo.

Um ataque!

Dragwena ficou deitada no chão, ponderando, esperando recuperar-se. O que poderia significar? Após alguns minutos, ativou as próprias defesas mentais, voltou ao lado da cama e, delicadamente, sondou os pensamentos de Eric.

Sentiu na mente do menino diversas camadas de proteção e ficou espantada — nenhum ser humano tinha esse dom. Aquela não era uma criança comum. Deveria ter se dado conta disso e sido mais cuidadosa. Dragwena ficou sentada por mais de uma hora observando Eric de perto, sabendo que estava adormecido e não tinha se defendido deliberadamente. Quando achou que estava preparada, mais uma vez tentou escavar a mente dele, procurando em suas memórias uma chave. Nada — somente as alegrias e frustrações simples de uma criança. Eric — ela se deu conta — nem sequer tinha consciência de sua capacidade. Será que tinha sido plantada? Por quem? Dragwena recostou-se, frustrada, querendo estudar aquilo mais a fundo. O dom tantalizador de Eric tinha que esperar, pensou. Vou arrancar o segredo de sua mente mais tarde. Por enquanto, tudo que preciso é o poder de Rachel.

Cuidadosamente, evitando as defesas de Eric, Drag-wena plantou um encantamento na camada externa de seu cérebro. Fazia muito tempo que tinha usado esse encantamento em particular — tão fraco que era quase indetectável; tão simples que seria difícil bloqueá-lo, mesmo se detectado.

O encantamento era perfeito para o que precisava.

O CONSELHO DE SARBEN



A Bruxa terminou seu trabalho com Eric, deixou a torre-olho e foi se encontrar com Morpeth.

— Você instruiu Rachel bem — anunciou. — As habilidades dela são fantásticas.

Morpeth curvou-se.

— Eu nada fiz. A criança tomou o controle desde o início.

— Isso é óbvio — disse a Bruxa. — A mágica dela está além de tudo exceto meu alcance. Leve Rachel de volta para a ala leste esta noite e prepare um quarto com o guarda-roupa mais próximo do meu quarto. De manhã, traga-a para me ver. Você não vai mais participar do treinamento dela.

Morpeth concordou.

— A senhora fez com ela o teste da caixa?

— Fiz. E ela conseguiu! Ela venceu o desafio!

— Isso nunca aconteceu — maravilhou-se Morpeth.

— De fato. Ela vai fazer muitas coisas que criança alguma fez antes.

Dragwena olhou desconfiada o corredor.

— Deixei Rachel num sono que vai dar início à sua transformação em Bruxa. Esta noite, quero que você fique com ela, Morpeth. Faça a guarda dela pessoalmente. Não permita que seja acordada enquanto não estiver preparada. Também certifique-se de que Eric fique no quarto dela esta noite. Ele não tem mágica, mas mesmo assim pode vir a se provar de valor.

— Como a senhora quiser. Rachel vai se lembrar de alguma coisa quando acordar?

— Nada de importante — disse Dragwena. — Seu passado vai desaparecer quando o sono-sonho tiver acabado. Não vai se lembrar de nada da família, nem mesmo de Eric. Em vez disso, sua mente estará preparada para o treinamento final de que necessita. Isso eu mesma vou fazer.

— O que deveríamos fazer com Eric?

— Matá-lo — disse a Bruxa. — Não já, porém. Ele ainda pode ser útil. Eu vou lhe dizer quando.

Morpeth curvou-se outra vez e a Bruxa voltou à torre-olho. Morpeth encarregou duas criadas de levarem as crianças adormecidas de volta à ala leste e deu a elas as instruções de Dragwena.

Uma vez sozinho de novo com Rachel e Eric, Morpeth enterrou o rosto nos joelhos. Ficou sentado um longo tempo, pensando sobre o que deveria ser feito.

— Tenho que agir esta noite para salvar Rachel — deu-se conta. — Amanhã será tarde demais.

Mascarado, deixou o Palácio, tomando cautelosamente pela neve a trilha em direção à casa de Trimak.

Muranta acordou primeiro.

— Acorde, Trimak, seu velho bobo — ela disse, enfiando o braço em suas costelas. — Tem alguém batendo na porta.

— Bem — murmurou Trimak, sonolento —, não pode ser inimigo, fazendo esse estardalhaço!

Calçou um par de chinelos velhos e saiu arrastando os pés acolchoados pelo corredor.

Muranta acendeu uma vela.

— Quem pode ser a esta hora?

Trimak escutou a batida forte, contando cada toque. Quatro batidas rápidas, uma lenta, três mais rápidas.

— Morpeth, e estava em perigo!

— O que está acontecendo? — Trimak perguntou, fechando rapidamente a porta assim que ele entrou.

— É a menina, Rachel — disse Morpeth. — Ela sobreviveu à caixa.

— O quê? Você viu isso acontecer?

— É claro que não. Dragwena não permite que eu entre na sala nessas horas. Mas ela não conseguia conter a excitação. Pretende transformar a criança em outra bruxa.

— Sejam cuidadosos antes de agir — Trimak disse, esforçando-se para permanecer calmo. — Poderia ser uma armadilha. Não seria a primeira vez que a Bruxa questiona a nossa lealdade.

— Não, tenho certeza de que esta não é uma das brincadeiras de Dragwena — disse Morpeth. — Eu testei Rachel antes. Ela se transformou em pluma, mudou de forma e deslocou-se do Palácio para a margem do lago Ker. Fez as duas coisas sem dificuldade.

— Então ela é a criança-esperança — Muranta sussurrou.

— Dragwena viu tudo o que você viu? — perguntou Trimak.

— Deve ter visto — grunhiu Morpeth. — Você sabe o quanto a Bruxa acompanha de perto esse período inicial, especialmente crianças com dom. Assim que me dei conta da força de Rachel, tentei levá-la para as montanhas, mas Dragwena atraiu-a para a torre-olho.

— Você a deixou voar perto da torre! — falou Trimak, como um trovão. — Como pôde permitir que a Bruxa chegasse tão perto?

Morpeth baixou o rosto.

— Deixe para lá — suspirou Trimak. — Suponho que, se Rachel sobreviveu à caixa, Dragwena sabe de tudo, de todo modo. Onde está Rachel agora?

— Na ala leste — disse Morpeth. — Amanhã de manhã Dragwena a está levando para a torre-olho.

— Então temos de agir esta noite, antes que seja tarde demais.

Morpeth concordou.

— Vou convocar o Conselho de Sarren — disse Trimak. — Vamos decidir juntos o que precisa ser feito.

Era tarde no reino de Ithrea. A neve caía incessantemente através de todo o mundo da noite, refrescando o pouco que tinha derretido durante o dia. A maior parte dos escravos da Bruxa — os *Neutrana* — já estava dormindo, suportando os sonhos problemáticos de Dragwena, aguardando as ordens dela. Em meio

aos Neutrana viviam alguns que tinham conseguido se libertar do controle da Bruxa. Chamavam a si mesmos de *Sarren*, nome de um homem morto há muito tempo, que foi, supostamente, o primeiro que se recusou a obedecer à Bruxa. Morpeth era um dos Sarren, assim como Trimak e sua mulher, Muranta, Fenagel, o pai dela, Leifrim e diversos outros. Eles se encontravam raramente, comunicando-se através de sinais especiais, obedecendo às obrigações sem fim de Dragwena, ao mesmo tempo em que acompanhavam todas as crianças novas que chegavam e, quando podiam, tentavam ajudá-las.

Trimak enviou o alerta por mensageiro pessoal — extremamente perigoso, mas as circunstâncias o exigiam. Gradualmente, ao longo das furtivas horas seguintes, batidas em código em janelas e portas acordaram Sarren próximos ao Palácio. Eles conheciam o chamado de perigo e silenciosamente se levantavam das camas. Todos rumavam para Worraft, a protegida caverna secreta no fundo do Palácio, embaixo das fundações.

Em uma hora, mais de trinta Sarren tinham chegado.

Trimak olhou em volta, contando, enquanto os vultos presentes corriam para arrumar lugares nos assentos de pedra ao longo das paredes da grande caverna. Ele notou Fenagel lutando para entrar com Leifrim, empurrando-o numa espécie de cadeira-maca de rodas.

— Está na hora de fechar a porta — disse Trimak. — Não podemos esperar mais.

Morpeth traçou um círculo em sua testa e uma parede de rocha desceu do teto da caverna, bloqueando a entrada. Agora ninguém podia entrar na caverna, nem deixá-la. A reunião podia começar.

Um murmúrio nervoso vinha dos Sarren reunidos. Estavam preocupados, e com razão: há muitos anos não se convocava uma conferência como aquela. Trimak bateu palmas e fez-se silêncio.

— Por que vocês nos chamaram de maneira tão estouvada, sem aviso, Trimak? — perguntou uma voz do escuro.

— Na pressa há perigo — Trimak concordou. — Os motivos logo estarão bem claros. Deixe Morpeth falar.

Morpeth se levantou da cadeira, e dirigiu-se à assembléia.

— Tenho notícias importantes — anunciou. — Acredito que encontramos a criança-esperança!

Irrompeu um alarido na caverna. Morpeth contou-lhes tudo o que tinha visto e os planos de Dragwena em relação a Rachel.

— Mesmo que esta seja a criança-esperança — gritou alguém —, o que podemos fazer? Dragwena já tem controle sobre a menina. Nós, com certeza, somos impotentes para ajudá-la.

— Temos uma chance mínima — disse Morpeth. — Rachel foi deixada num quarto ao qual tenho acesso. Podemos voltar subrepticiamente ao Palácio e raptá-la.

— Perigoso demais — rosnou a mesma voz. — Os espiões nos verão chegar.

— Se muitos tentassem o rapto, poderia ser verdade — disse Morpeth. — Mas Dragwena confia em mim. Posso voltar ao Palácio em segurança sem ninguém notar. Se eu for visto, vou dizer que estou a serviço da Bruxa. Todo mundo sabe que estou. Ninguém vai ousar me questionar.

Uma outra voz falou.

— E se a menina se recusar a nos ajudar?

Trimak deu um passo à frente.

— Eu levei em conta essa possibilidade.

Ele olhou corajosamente para o Sarren.

— Se Rachel se recusar a nos ajudar, então teremos que matá-la *nós mesmos*.

Um silêncio horrível se abateu sobre a caverna.

— Trimak! Lembre-se do nosso lema! — gritou outro Sarren. — Derramar sangue de criança é o trabalho sujo da Bruxa e de seus escravos Neutrana. Eu, de minha parte, não seria capaz de fazer isso. Como é que você pode sequer sugerir isto?

Diversas vozes murmuraram concordando.

Trimak soltou um suspiro e levantou a mão.

— Eu entendo o medo de vocês — disse. — Achem que cheguei a essa conclusão com facilidade? Pensem: se Rachel não nos ajudar, é perigoso demais deixá-la viva. Podemos esconder a menina aqui por um tempo, mas fatalmente Dragwena irá encontrá-la e transformá-la. Não haverá escapatória para nós se isso acontecer.

Com as forças combinadas, elas rapidamente descobrirão e massacrarão todos os Sarren.

— E você mesmo vai matar Rachel, Trimak? — alguém perguntou. — *Você* estaria preparado para isso?

— Eu o farei se tiver de ser feito.

— Não deve chegar a esse ponto — disse Morpeth. — Se a criança sobreviveu à caixa, tem uma força nata que Dragwena não vai conquistar com facilidade; e lembrem-se, a Bruxa teve pouco tempo para trabalhar a mente de Rachel. Se agirmos imediatamente tenho certeza de que podemos convencê-la.

Fenagel falou.

— Dragwena é tão poderosa. Rachel é forte o bastante para combater a Bruxa? Parecia uma menina comum, simples, amistosa, quando estive com ela hoje. Até mesmo a rele mágica dos vestidos do Palácio foi uma surpresa. Imaginem o que Dragwena poderia lançar contra ela! Acho que você está esperando demais, Trimak.

— É difícil argumentar contra o que você está dizendo — falou Trimak. — Mas, considere o seguinte: durante centenas de anos nós falamos da lenda da criança-esperança, a menina que vai derrotar a Bruxa e nos libertar. Eu sei que às vezes todos nos sentimos tolos, agarrados a essa idéia.

Dentro da caverna, a maioria das cabeças concordou.

— Mas, se quisermos ter alguma chance de derrotar a Bruxa — prosseguiu Trimak —, a ajuda *terá* de vir do mundo exterior. Todos sabemos disto. Morpeth é nosso melhor instrumento, mas mesmo junto com toda a nossa mágica, ele não tem força suficiente para confrontar Dragwena. Eu não posso prometer a nenhum de vocês que a criança-esperança é verdadeira. No entanto, pelo que Morpeth diz, Rachel possui poderes mágicos muito maiores que quaisquer outros que testemunhamos antes. Ela *pode* ser a criança-esperança. Ninguém dentre nós jamais dominou habilidades que ela desenvolveu numa única manhã de brincadeiras.

Ele fez uma pausa para se certificar de que suas palavras seguintes fossem entendidas por todos.

— Deixem-me advertir a todos: se nós não tentarmos usar o poder dessa menina para nos ajudar, vocês podem ter certeza de

que Dragwena não hesitará. Ela levará Rachel e a transformará numa inimiga, cuja ferocidade mal podemos imaginar.

E olhou os rostos na escuridão.

— Lembrem-se de que falamos agora por todos os Sarren, muitos dos quais não podem estar aqui. Hesitar em nossa decisão seria entregar todos eles a Dragwena. Eu acredito que não temos opção. Nós temos que pegar a menina hoje à noite, enquanto há uma chance. Se esperarmos mesmo que seja algumas horas, será tarde demais.

Espiou em volta da caverna.

— Mais alguma pergunta? Alguém tem uma opinião diferente?

A caverna estava em silêncio. Trimak esperou diversos segundos pacientes antes de fechar a discussão — a decisão era tão séria que todos tinham que ter chance de falar.

— Nesse caso — disse —, suponho que estamos de acordo. Morpeth vai raptar Rachel do Palácio esta noite e trazê-la para Worraft. Agora, peço a vocês que voltem depressa e silenciosamente para casa. Se ficarem muito tempo fora, vão notar.

Morpeth usou de novo a sua mágica para abrir a porta da caverna e os Sarren saíram rapidamente, sussurrando uns com os outros.

Uma vez sozinhos, Trimak notou Morpeth mergulhado em pensamentos.

— O que é, meu amigo? — perguntou. — Você tem uma prova à frente. Está preocupado com que Dragwena esteja à espera?

Morpeth sacudiu a cabeça.

— Não, estou preocupado comigo mesmo — ele disse. — Uma coisa que você mencionou anteriormente não me sai da cabeça. Será que Dragwena suspeita de que sou um rebelde? Sem dúvida, ela se entedia comigo. É óbvio que quer um escravo novo, mais jovem, para substituir seu antigo guia.

Ele esfregou o queixo.

— Talvez, afinal de contas, essa Rachel não seja a menina que parece ser. Talvez seja meramente uma das espiãs da Bruxa. Dragwena é capaz de fazer uma criatura parecer e se comportar como ela quiser. Talvez tenha transformado um Neutrana em

menina e, nessa forma, lhe dado alguns poderes extras só para me tentar.

— Você não viu Rachel chegando da Terra?

— O que *vi* não quer dizer nada. Dragwena poderia ter me predisposto. Meu coração me diz para confiar em Rachel, mas Dragwena poderia facilmente me enganar.

Trimak inclinou a cabeça, pensativo.

— E tem mais — disse Morpeth. — Rachel tem um irmão que passou com ela pelo Portão. Eu tenho que tentar resgatar Eric também. Dragwena é capaz de matá-lo se Rachel fugir.

— Perigoso demais — respondeu Trimak. — Você só deve se preocupar consigo mesmo e com Rachel.

Morpeth sacudiu a cabeça.

— Nós já estamos pedindo tanto a Rachel. Você acha que ela vai nos perdoar se não tentarmos salvar seu irmão?

Trimak andou para lá e para cá dentro da caverna, **com a** expressão angustiada.

— A sua segurança e a de Rachel são importantes demais para correrem risco. Detesto ser tão cruel, Morpeth, mas esqueça o menino. Nós esperamos centenas de anos por este momento. Vamos mentir para Rachel a respeito de Eric, se precisarmos.

— Isso pode não funcionar — disse Morpeth. — Eu já senti o quanto Rachel está se desenvolvendo depressa. Se mentirmos e ela descobrir, nunca confiará em nós. Nunca.

De má vontade, Trimak disse:

— Ai... Muito bem. Mas com certeza alguma outra pessoa pode planejar o resgate de Eric?

— Não. Só eu conheço os comandos para conduzi-los em segurança para fora do Palácio.

— Como vai trazê-los para cá?

Morpeth fez uma careta deplorável.

— Um menino e uma menina, cada um num dos meus belos ombros, imagino. Arrastados para cá por minhas pernas cansadas. Eu não ousou usar minha mágica tão perto de Dragwena. Ela conhece bem demais o meu padrão.

Ele encontrou o olhar solene de Trimak.

— Hora de ir, acho. Se Dragwena está preparando boas-vindas no Palácio, seria indelicado mantê-la esperando!

Ele abraçou Trimak e saiu da caverna a passos largos.

Trimak agora estava sozinho no silêncio de Worraft. Pensou no trabalho que Morpeth teria pela frente e estremeceu de medo.

Será que mandei meu melhor amigo para a morte?, imaginou. Poderia Rachel ser uma espiã, ou já se encontrar sob o encanto de Dragwena?

Ajoelhou-se no chão frio e, enquanto esperava, sentiu a pressão de uma pequena faca de encontro ao quadril. Desembainhou-a e deliberadamente segurou a lâmina de encontro à luz, forçando-se a olhar a ponta afiada — para considerar o que poderia vir a ser necessário fazer.

9
O EXÉRCITO DAS CRIANÇAS



Enquanto o Conselho de Sarren debatia, Rachel dormia. Seu corpo estava deitado na ala leste do Palácio, onde Morpeth a tinha deixado — de início, respirando lenta e pacificamente. Depois, o pulso se acelerou — à medida que o sono-sonho da Bruxa foi tomando conta. O sonho não a pouparia de nada — somente sentindo os próprios desejos e ódios de Dragwena, ela poderia ser transformada numa bruxa.

Dentro do sono-sonho, Rachel experimentava a vida passada da Bruxa.

Viu coisas que jamais teria visto. Viu lagos e riachos; quando Dragwena os tocou, eles viraram gelo. Viu uma cobra, deslizando do pescoço de Dragwena num ataque silencioso. Viu um menino não mais velho que Eric ser perseguido por um bando de lobos. Testemunhou crianças de Ithrea mortas há muito, que a Bruxa tinha matado. Dragwena forçou Rachel a olhar os rostos delas e saber seus nomes. Por um instante, Rachel chegou a ver Morpeth quando menino novo, recém-chegado a Ithrea — um menino de cabelo cor de areia e grandes olhos azuis.

— Está pronto? — ele perguntou. Abriu as mãos fechadas e um minúsculo pássaro de cor viva, não maior que uma moeda de um centavo, voou pelo ar. — Eu consegui! — admirou-se.

Ali, de pé, Dragwena olhava com orgulho.

— Você é a minha criança favorita, Morpeth — ela disse.

Esta lembrança, como todas as outras, só durou um instante. Rachel nada podia fazer para detê-las ou apagá-las. Iam passando conforme Dragwena selecionava todas as memórias de seu passado que precisava que Rachel soubesse, forçando-a a observar, cada vez com maior rapidez, até cada imagem se transformar numa mancha de dor.

Afinal, as memórias cessaram e Rachel, ainda no sono-sonho, viu-se de pé ao lado da própria Dragwena na torre-olho. A pele da Bruxa soltava seu brilho vermelho-sangue e Rachel via as aranhas agachadas embaixo de seus dentes.

— Assusto você? — Dragwena perguntou suavemente.

— Assusta — disse Rachel. — Você quer que eu fique assustada. Por que me mostrou tudo isso? As coisas que você fez... fazem com que eu a odeie ainda mais que antes. Vou lutar contra você, se puder.

— Você ainda não está entendendo — sussurrou Dragwena. — Não quero lutar. Já sei que se ameaçar Eric, você vai fazer qualquer coisa que eu quiser.

— Sim — disse Rachel. — Vi o que você faz com crianças.

— Crianças não têm significado algum. Quando se tem o poder que eu tenho, as vidas delas são insignificantes. *Você* logo terá esse poder e sentirá a mesma coisa.

— Eu nunca sentirei isso. Eu não quero o seu poder. Bruxa!

— Eu gostaria de lhe mostrar uma coisa mais — disse Dragwena. — Contém minha pior lembrança, uma que me envergonha. Quer ver? Se você conseguir resistir à minha pior lembrança, saberei que jamais conseguirei usar você. *Aí*, você estará livre.

— Não, você vai matar a mim e a Eric. Eu sei que vai.

— Esta lembrança encerra um segredo que não mostrei a mais ninguém — Dragwena disse. — Também vai me exhibir no meu ponto mais fraco. Poderia lhe ser útil se você precisar lutar contra mim. Quem sabe você consegue salvar a si mesma e a Eric, enfim. Com certeza você quer essa chance.

— Então me mostre! — Rachel gritou.

No mesmo instante, Rachel se viu lançada para trás no tempo. Espantada, deu-se conta de que não se encontrava mais em Ithrea.

Estava de pé do lado de fora de uma enorme caverna. Milhares de crianças com aparência selvagem cercavam a caverna, todas portando espadas e facas. Tinham as caras suadas e ferozes.

— Onde estou? — perguntou Rachel. — Quem... são estas crianças? O que *você* fez com elas?

— Estamos de volta à sua Terra, numa era esquecida, milhares de anos antes de seu nascimento — respondeu a voz distante de Dragwena. — Veja como as crianças me amavam então.

Terra!

Rachel observou o Exército das Crianças com as espadas em riste, cantando o nome da Bruxa:

— Dragwena! Dragwena!

E numa só voz, adorando-a, gritavam:

— *Dragwena!*

Enquanto as crianças chamavam, Rachel viu Dragwena aparecer de uma nuvem. Desceu no ar como uma andorinha por sobre as espadas erguidas do exército, ternamente roçando as pontas afiadas.

— Para que servia esse exército? — Rachel perguntou, tentando permanecer calma.

— Eu lutei contra três Magos em seu planeta — Dragwena disse. — Nós sempre estivemos em guerra, o Mago e a Bruxa, através de muitos mundos e por todos os tempos. Eu não tinha interesse nas crianças, mas sabia que os Magos viriam para proteger as criaturas mais frágeis do seu mundo. Sempre fazem isso. Tive, porém, muitos anos para preparar cada uma das crianças antes deles chegarem, e quando os Magos enfim chegaram, me cerquei, em todos os momentos, do meu fiel Exército das Crianças. Os Magos não ousavam me atacar diretamente — tinham medo de machucá-las. Essa era a fraqueza deles e eu a usei. Mande as próprias crianças massacrarem os magos. Eles se esconderam no subsolo. Minhas crianças foram atrás. Montei um exército de um milhão, ensinei-lhes minhas maneiras e mandei-as para as profundezas do interior do mundo com escudos e espadas de mágica para procurar os Magos e matá-los.

Rachel viu o olhar brilhante no rosto de cada criança que segurava uma espada.

— Elas me cultuavam — disse Dragwena. — Cada criança teria matado com as mãos nuas se eu assim ordenasse. Suas mentes estavam cheias de ódio. Elas odiavam os Magos como eu odiava. Matavam como eu matava, sem hesitar, sem culpa.

Rachel estremeceu, mas também se sentiu desafiadora.

— Acha que, me mostrando isto, vou fazer o que você pede? — escarneceu. — Essas crianças estão contaminadas. Tudo a seu respeito me dá repulsa.

— Veja a batalha final contra os Magos através dos meus olhos — disse Dragwena. — Eu os acuei dentro da caverna mais profunda do mundo, e agora vou destruí-los.

Rachel sentiu-se dentro do corpo de Dragwena. Ela elevou-se nos ares e entrou pela boca da caverna. Lá, acorados, estavam os três Magos, em andrajos. Um Mago levantou-se, trêmulo, quando a Bruxa entrou.

— Ajoelhe-se, Larpskendya, líder dos três — rosnou Dragwena. — Ajoelhe-se e implore. Ou vou fazer o sofrimento da sua morte durar mais que esta guerra inteira.

Larpskendya fitou-a calmamente.

— Você não pode nos fazer mal — ele disse. — Abaixas armas. Você já perdeu.

— Perdi? — Dragwena respondeu, com sarcasmo. — Como você é patético! Veja para onde a sua grande mágica o trouxe: aqui escondido, maltrapilho! Você vai me imobilizar, Larpskendya? Vai tirar minha espada e me derrubar?

— Não eu, sua boba — ele disse.

Larpskendya voltou-se para os companheiros Magos e eles todos riram de Dragwena.

No mesmo instante, ela pronunciou um encantamento de maldade por sobre sua espada e a enfiou no coração de Larpskendya. À medida que esta atravessava a carne, uma radiante luz azul jorrava da ferida. Brotando da caverna, a luz se derramou por sobre o coração de todas as crianças que esperavam do lado de fora. Cada criança sentiu a espada de Dragwena entrar no próprio peito e urrou de agonia.

Dragwena olhou para os Magos, chocada.

Preguiçosamente, Larpskendya arrancou a espada do peito. A ferida desapareceu. Com os olhos faiscando de luz multicolorida, enfrentou o olhar de descrença da Bruxa. Então, tocou na roupa esfarrapada.

Dragwena foi posta de joelhos, mal sendo capaz de erguer o rosto.

— Você não entende, entende? — disse Larpskendya. — Mesmo *agora*, você não entende.

E sacudiu a cabeça tristemente.

— O seu desejo de nos matar é tão forte que você esqueceu as leis da mágica.

O olhar de Dragwena estava fixo. Aquelas palavras nada significavam para ela.

— Para cada encantamento de maldade, há um encantamento de bondade que o irá impedir — ele explicou. — Como pôde você esquecer essa simples lei? Você foi apanhada, Dragwena. Quando me atacou com a espada, fizemos com que cada criança do seu exército sentisse essa dor, entendesse o mal que a escravizava. Agora elas estão vindo. Estão vindo atrás do *seu* sangue, não do nosso. Como você mesma disse, odeiam com o seu ódio. Não terão compaixão com você.

Quando ele acabou de falar, Dragwena ouviu o som dos pés de milhares de crianças entrando a correr nas cavernas. Vinham arranhando as facas contra as paredes de pedra, afiando-as. O barulho era insuportável.

Dragwena tentou construir uma barreira de proteção na entrada da caverna, mas o encantamento simplesmente se queimava, inútil, em sua mente. Seus poderes — deu-se conta — tinham sumido. As crianças prosseguiram na corrida em direção a eles, aos gritos ensurdecedores.

— A sua mágica foi arrancada de você — disse Larpskendya. — Nunca mais lhe será permitido reinar sobre a humanidade.

Olhou-a com frieza.

— Como é sentir-se tão impotente quanto aqueles que você escravizou?

Dragwena nada disse.

— Há muitas formas de morte que poderíamos escolher para você — Larpskendya falou. — Talvez devêssemos matá-la, pois sei que você jamais vai se modificar, Dragwena. No entanto, oferecemos outra opção. Eu criei um jovem planeta para você: Ithrea. Lá ficará, banida para o resto dos seus dias. Muitos dos seus poderes retornarão para ajudar a moldar um novo lar de acordo com as suas necessidades. Mas não há lá criaturas como essas crianças, para se dobrarem à sua vontade, meramente plantas e uns poucos animais.

Dragwena considerou o Mundo Ool, o planeta distante das Bruxas de onde tinha vindo. Com certeza a irmandade iria encontrá-la, com o tempo, para onde quer que a mandassem. Iriam sempre procurar por ela e, se fosse morta, vingariam sua morte.

— As Bruxas de Ool jamais a encontrarão — disse Larpskendya. — O mundo de Ithrea está obscurecido de sua visão maliciosa. Você estará sozinha. Sempre.

Dragwena cuspiu aos pés dele.

— É melhor você me matar agora, Mago. Vou achar um modo de voltar a este mundo.

— Você acha que vou deixar este planeta desprotegido? — perguntou Larpskendya. — Darei às crianças da Terra novos dons para usarem contra você se um dia precisarem.

Dragwena riu.

— Nem mesmo você é capaz de criar uma criança com poder para me ameaçar! Trabalhei com elas durante gerações. Elas são fracas. Pode-se fazer com que obedçam, mas não têm dom para mágica de verdade. Um milhão de gerações não poderia gerar uma criança humana com força suficiente para preocupar uma Bruxa.

— Vamos ver — disse Larpskendya. — De qualquer maneira, fique sabendo, Dragwena: minha canção estará sempre em Ithrea. Se eu for chamado, voltarei.

A Bruxa o amaldiçoou.

— Vá adiante com o banimento, antes que eu arranque os corações das primeiras crianças que chegarem até nós.

Os Magos imediatamente se deram as mãos.

No momento seguinte, Dragwena apareceu sozinha num mundo novo. Olhou em volta. Os céus eram azuis e o sol brilhava,

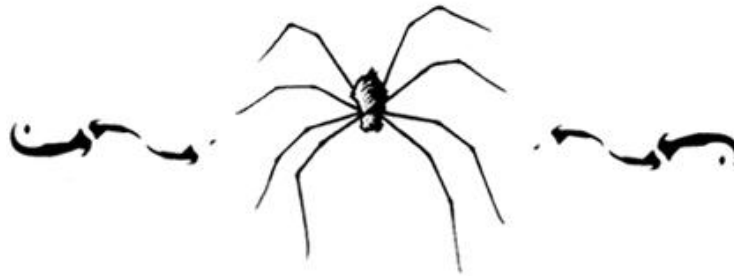
radiante. Lagos fulgurantes cintilavam ao sol, os pássaros gorjeavam em meio aos galhos e folhas, explodindo de vitalidade. Dragwena passou as mãos pelo rosto. A beleza daquele mundo só a enraivecia. A destruição dos Magos, pela qual tinha lutado tanto tempo, lhe tinha sido tirada. Seu ódio por eles e as crianças que se voltaram contra ela retornou. Ela soltou um grito angustiado.

— Eu voltarei! — jurou Dragwena. — Voltarei e matarei todos vocês!

Rachel estava perdida dentro do ódio todo-poderoso da Bruxa. Esforçava-se para manter o controle, para se lembrar de quem era. Mas a Bruxa se enfiava mais e mais na mente de Rachel, até que ela não foi mais capaz de resistir. Afinal, no fundo do sono-sonho, Rachel também juntou voltar e matar os Magos e as crianças. Como a Bruxa odiava, Rachel também odiava.

Deitada na cama macia no Palácio, Rachel fechou os punhos e sonhou com vingança.

O DESPERTAR



Morpeth entrou de repente no Worraft, com Rachel e Eric adormecidos, um debaixo de cada braço.

— Simples demais — disse, deitando-os no chão da caverna. — Alguma coisa está errada.

— Você resgatou os dois! — Trimak maravilhou-se.

— Sim, mas foi fácil demais escapar do Palácio. Havia poucos Neutrana e a porta leste estava desprotegida. Você sabe que Dragwena sempre coloca dois guardas ali.

— Você foi seguido?

— Não vi ninguém, mas Dragwena tem mil olhos.

— Nossos vigias estão perto do Palácio e da caverna — disse Trimak. — Devem nos mandar um aviso caso estejamos correndo qualquer perigo.

Ele olhou para Rachel com preocupação.

— Vejo que a criança-esperança ainda dorme.

— É um sono-sonho plantado pela Bruxa — disse Morpeth. — Ela pode não acordar por diversas horas.

— E Eric? Será que a Bruxa também está trabalhando nele?

— Possivelmente — disse Morpeth. — Eric tem algo estranho.

Ele se virou devagar para Trimak.

— Aliás, eu sei exatamente o que está estranho nele. Não sinto mágica, nenhuma. Sempre há um traço, mesmo nas crianças menos talentosas.

— Sim — meditou Trimak. — Eric é diferente. Talvez seja por isso que Dragwena está interessada nele.

Ele olhou para Rachel.

— Que tipo de sonhos Dragwena daria à menina?

Morpeth grunhiu.

— Pesadelos, sem dúvida.

— Acorde-os — disse Trimak.

— Não podemos! Não tenho a menor idéia do que aconteceria se Rachel fosse acordada cedo demais. Temos que deixá-la acordar quando estiver pronta.

— Não — disse Trimak, com firmeza. — Eu compreendo a sua preocupação, mas você mesmo disse que o encantamento de Dragwena tem o objetivo de transformar Rachel numa Bruxa. Agora mesmo o sono-sonho provavelmente esteja condicionando a menina. Não podemos dar nenhuma vantagem à Bruxa.

— Poderia matar Rachel — disse Morpeth. — Eu não tenho a menor idéia de quão poderoso é esse encantamento. Está errado...

— Acorde-a!

Relutante, Morpeth colocou dois dedos de encontro à testa de Rachel. Ela se mexeu, mas continuou dormindo.

— Use força *plena* — pediu Trimak, zangado.

— Não ouse! Se Rachel é a criança-esperança, não podemos pôr em risco a segurança dela.

— Eu também não posso pôr em risco a segurança dos Sarren. Tente Eric primeiro. Talvez a Bruxa também o tenha posto em sono-sonho.

Desta vez, Morpeth colocou ambas as mãos de encontro à frente de Eric. Ele deu um pulo, piscando, atemorizado. Morpeth e Trimak estudaram seu comportamento atentamente, observando-o tentar arrancar uma reação de Rachel.

— O menino parece ele mesmo — disse Trimak, desconfiado.

Levou muito mais tempo para Morpeth acordar Rachel. Finalmente, ela se mexeu e, no momento em que seus olhos se abriram, saltou em cima de Eric, querendo arrancar-lhe os braços, gritando freneticamente. Assustado, Eric conseguiu afastar-se. Morpeth pulou em cima de Rachel, segurando-a.

— Eu vou matar você, eu vou matar você, criança! — Rachel guinchou para Eric.

— Detenha-a! — disse Trimak. — O que está acontecendo?

Morpeth prendeu os braços de Rachel no chão.

— Eu lhe disse, Trimak. Eu lhe disse o quanto seria perigoso acordá-la antes de estar pronta!

Eric se aproximou de Rachel.

— Fique longe — avisou Morpeth.

Eric tocou num dos pés dela, que esperneava. No mesmo instante Rachel parou de se debater. Por um momento, pareceu perdida, depois olhou as mãos, sentindo-as retornar a seu controle.

— O que está acontecendo? — ela perguntou. — Eric... eu não machuquei você, machuquei?

Morpeth olhou fixamente para Eric.

— Você rompeu o controle da Bruxa sobre Rachel. Como?

Eric deu de ombros.

— Não fiz nada. Só peguei no pé dela, só isso.

— Mas ela mudou *no momento* em que você tocou nela.

Rachel deu um pulo. Agarrou Eric e, junto com ele, afastou-se de Morpeth.

— Não responda a nenhuma das perguntas dele — ela disse a Eric. — Ele está trabalhando para a Bruxa.

— Isso não é verdade — protestou Morpeth. — Sei que parece...

— Por que você me deixou na torre-olho com Dragwena? — perguntou Rachel. — Você sabia o que ia acontecer lá dentro, não sabia? Você bateu a porta na minha cara.

— Eu não tive escolha — disse Morpeth. — Por favor, tente entender. Dragwena observa todos os criados atentamente. Se eu não tivesse lhe arrastado o percurso todo até a torre-olho, alguém teria relatado. Eu tinha que parecer cruel.

— Por que eu deveria acreditar em você? — disse Rachel. — Como sei que não está mentindo?

Morpeth varreu a caverna com os braços.

— Olhe este lugar escuro — ele disse. — Se eu fosse amigo da Bruxa, acha que iria trazer você para cá? Estou arriscando a minha vida ao fazer isto. Trimak também.

E contou a ela sobre os Sarren e sua luta contra a Bruxa.

Rachel relaxou um pouco. Explicou o jogo das cobras e escadas e o sonho sobre o Exército de Crianças e os Magos. Ambos, Morpeth e Trimak, ouviram fascinados. Nunca tinham escutado essa história antes.

— Sabe o que isto significa? — Morpeth sussurrou a Trimak.

Trimak assentiu.

— Significa que a Bruxa colocou completamente sua fé em Rachel. Nada a impedirá de recuperar a criança.

— De fato, lugar algum será seguro para escondê-la — disse Morpeth. — Temos que proteger Rachel de outra maneira. Temos de trabalhar na mágica dela. Ela tem que aprender como se defender.

Rachel considerou o sentido do seu sonho.

— Pelo menos eu agora entendo por que Dragwena odeia todas as crianças — disse. — Mas continuo sem saber por que ela *me* quer.

— A mágica das crianças! — exclamou Morpeth. — Agora tudo faz sentido! Dragwena tem trazido crianças para Ithrea há incontáveis séculos, sempre testando, sempre esperando. A partir do sonho de Rachel, sabemos que os Magos aprisionaram a Bruxa aqui. Esse tempo todo ela deve ter esperado por uma única criança com força suficiente para ajudá-la a voltar. Rachel é essa criança!

— Mas no sonho — disse Rachel — o Mago Larpskendya disse a Dragwena que ela ficaria sozinha para sempre, presa em Ithrea. Como é que todas as crianças vieram parar aqui?

— Se o seu sonho for verdadeiro — disse Morpeth —, os Magos cometeram um engano ou subestimaram Dragwena. Há muito tempo ela arrumou um modo de trazer crianças da Terra.

— O Mago também mencionou que desenvolveria mágica nas crianças da Terra, lhes daria dons para se protegerem, se necessário — disse Trimak. — Vimos pouca evidência disso até você chegar, Rachel. Talvez ele estivesse se referindo a você. Você deverá ser a nossa proteção. Você e Eric.

— Eu não consigo fazer nada — Eric disse. — Rachel é quem tem a mágica toda.

— Mas você arrasou com o controle da Bruxa sobre sua irmã. — disse Morpeth. — conte-nos como fez isso.

— Eu não sei — disse Eric. — Eu só queria que Rachel voltasse ao normal. Eu não senti nada quando aconteceu.

— Hum... — disse Morpeth, coçando a barba. — O que mais nós sabemos? O Mago falou de uma música. O que acha que ele quis dizer com isso?

— Minha canção estará sempre em Ithrea — sussurrou Rachel. — Foi o que Larpskendya disse. Se eu for chamado, voltarei.

— Como chamado? — perguntou Morpeth. — Chamado por quem?

Ficaram sentados algum tempo no silêncio escuro da caverna, ponderando sobre isso.

— Estamos tentando adivinhar o que o sonho significa — disse Rachel, afinal. — Mas de uma coisa tenho certeza: Dragwena vai procurar por mim. Agora que sabe o que sou capaz de fazer, nunca vai parar de procurar. Você a traiu, Morpeth. Ela vai matar você e Trimak. Depois, ela vai examinar Eric até descobrir como usar o dom dele.

Mantendo a cabeça erguida, ela tremia ligeiramente.

— Sei o que vai fazer comigo, me transformar na Bruxinha dela. Não deve ser difícil. Eu tentei impedi-la, na torre. Foi inútil.

— Inútil, não — Morpeth confortou-a. — Você precisa de treinamento para desenvolver seus encantamentos e afiar sua mágica. Aí, estará preparada para enfrentar Dragwena.

— É possível que eu nunca me torne suficientemente forte — disse Rachel. — Eu sei como Dragwena é. Se não for capaz de me usar, vai me *matar*. Sou perigosa demais para viver como inimiga dela.

Ela olhou para Morpeth com firmeza.

— Estou certa, não é?

— Talvez — disse Morpeth. — No entanto, acredito que você é mais forte do que imagina. E também acredito que Dragwena pode ser derrotada porque comete erros.

— Que erros?

— Ela permitiu que você escapasse do alcance dela. Isso foi bobagem. Também confiou a você seus segredos mais profundos

cedo demais, quando nós, ou Eric, ainda podíamos entrar em sua mente e trazê-la de volta. E Dragwena não se dá conta de que sou traidor. Escondi meus verdadeiros pensamentos durante muitos anos.

— Será que você a conhece bem? — disse Rachel asperamente. — Duvido que você fosse capaz de esconder sua traição por muito tempo. Eu não acho que Dragwena cometa erros. Talvez tenha *deixado* eu e Eric escaparmos por um motivo qualquer. Você pensou nisto?

— Pensei — disse Morpeth. — Nós consideramos isso, mas não consigo imaginar um motivo por que a Bruxa iria deixar você escapar tão facilmente.

Rachel fez com que suas unhas ficassem cor de bronze.

— Olhe para mim — ela disse. — Toda essa magia que tenho. É tão estranho. Se eu tenho magia aqui, por que não percebi isso em casa? Por que não posso usá-la lá também? Não faz sentido.

— Todas as crianças têm alguma magia em Ithrea — disse Morpeth. — Dragwena tira as crianças da Terra quando consegue sentir alguma forma de magia dentro delas. Eu não tenho a menor idéia de por que não pode ser usada.

— Talvez os Magos não permitam — disse Eric. — Acham que é perigoso demais usar.

Morpeth concordou, pensativo.

— Você alguma vez viu os Magos?

— Não — Eric disse. — Você já?

— Não, nem mais ninguém em Ithrea — disse Morpeth. — Mas, com certeza, gostaria de conhecer aquele chamado Larpskendya. Tenho umas boas perguntas a fazer a ele.

Eric apalpou a barba de Trimak.

— Mas, afinal, quantos anos você tem?

— Sou um bocado antigo — suspirou Trimak. — Adivinhe.

— Oitenta e seis!

Trimak riu.

— Tente de novo.

— Mais novo ou mais velho?

— Muito mais velho.

— Está bem, cento e oitenta e seis!

— Na verdade — disse Trimak —, tenho exatamente quinhentos e trinta e seis anos de idade.

Eric abriu a boca de espanto.

— Não pode ser *tão* velho, já estaria morto a esta altura.

— É graças ao poder da Bruxa — disse Trimak. — Aqui temos um ditado: ela preserva quem serve. Para ela, é útil manter leais os criados mais próximos. Morpeth é quase tão velho quanto eu.

— Vocês dois foram roubados da Terra pela Bruxa, não foram? — perguntou Rachel. — São crianças que se tornaram adultos aqui.

— É — disse Morpeth. — Todo mundo em Ithrea foi trazido à força para cá, de maneira semelhante à qual você e Eric vieram. Dragwena não deixa que nos transformemos graciosamente em adultos. Eu acho que gosta de nos ver envelhecer e enfeiar de modo parecido, todos juntos, até perdermos todos os nossos traços originais. A Bruxa também impede nosso crescimento. É como se quisesse nos lembrar de que seremos sempre crianças em seus domínios.

— Quantas crianças vivem em Ithrea? — perguntou Rachel.

— Milhares foram abduzidas — Morpeth respondeu. — Algumas moram em torno do Palácio, as que têm magia mais viva, servindo diretamente à Bruxa. Outras estão espalhadas pelo planeta afora.

— Mas como podem viver neste frio? — Rachel perguntou. — Como sobrevivem?

— Vivem embaixo da terra — disse Morpeth. — Cavam túneis. Vivem da melhor maneira que podem.

Eric sacudiu a cabeça.

— Mas o que comem? Como plantam alguma coisa?

Morpeth grunhiu.

— Quase nada brota em Ithrea. Caçam a carne que conseguem encontrar. Em geral, minhocas, nas tocas. Não existem muitas. Cultivam umas poucas ervas. De algum modo sobrevivem disso, ou morrem tentando.

Ele olhou para Trimak, sem jeito.

— Todo ano, de todos os pontos de Ithrea, através das tempestades e da neve, eles percorrem a trilha até o Palácio. Dragwena insiste em que tragam comida para nós.

— Para *vocês*? — perguntou Eric.

Morpeth esfregou a barriga redonda.

— É. Dragwena poderia facilmente prover tudo o que necessitamos, mas ela gosta de observar os outros lutando para trazer a comida para cá. Obriga os criados do Palácio a comer, sabendo que isso significa que os outros todos morrerão de fome. Dragwena gosta que seja assim.

Rachel tocou-o de leve no ombro.

— A Bruxa deixa vocês morrerem... um dia?

— Todas as crianças originais agora estão mortas — disse Morpeth. — Qualquer pessoa que faça resistência à Bruxa é imediatamente morta, a não ser que, como você, Rachel, demonstrem uma promessa. Às vezes, Dragwena as lança às alcatéias de lobos, ou simplesmente as deixa sucumbir no frio. Talvez essas sejam as crianças que têm sorte. Finalmente, a Bruxa nos mata a todos, ou porque ficamos velhos demais para sermos úteis ou simplesmente porque se enjoa de nós. Ninguém morre naturalmente de velhice em Ithrea. Dragwena está sempre lá, no fim de nossas vidas, causando a dor final, desfrutando o momento.

Rachel e Eric ficaram em silêncio.

— Quando toquei na mente de Dragwena na torre-olho — disse Rachel, afinal —, senti que houve outros como os Sarren no passado. Os que, em segredo, tentaram resistir. Acho que Dragwena, na verdade, deseja que vocês se revoltem. Acho que se diverte com o desafio de deixar vocês se transformarem numa peste e aí esmagá-los. Para ela, tudo isso é só uma brincadeira.

— Pode ser que você tenha razão — disse Trimak, com a voz rouca. — Mas tenho certeza de que a Bruxa jamais enfrentou uma criança como você, Rachel. Ela nunca se defrontou com a criança-esperança.

— *Isso* outra vez — disse Rachel. — O que é essa criança-esperança de que você e Morpeth ficam falando? Diga-me.

Morpeth olhou ansiosamente para Trimak, que assentiu.

— A criança-esperança é uma lenda — disse Morpeth. — Só isso. Ninguém sabe de onde veio, nem o que quer dizer exatamente, mas passou de geração em geração em Ithrea, até mesmo entre os Neutrana. Fala de uma menina morena que virá

nos libertar. A lenda foi crescendo com os séculos, mas o poema do qual se originou é bem curto:

*Será uma menina morena
A libertar inimigos
Cantar em harmonia
Do mar do sono e da clara aurora
Eu surgirei...*

— *E guardarei sua alegria de criança* — Eric concluiu.

Todos se voltaram para ele.

— Como é que você sabe o fim do poema? — perguntou Morpeth, espantado.

— Eu não sei — disse Eric, com ar atônito.

— Alguém deve ter lhe contado — disse Trimak.

Eric deu de ombros.

— Nunca ouvi essas palavras antes. Simplesmente me vieram à cabeça.

Morpeth olhou para Rachel, na expectativa.

— Eu não as reconheço, absolutamente — ela disse. — São palavras tão estranhas... O que querem dizer?

— Quem sabe? — disse Morpeth com amargura. — Talvez nada. Talvez tudo. Você é morena pela cor do cabelo; os seus poderes estão além de qualquer coisa que já vimos antes. Nós esperávamos que *você* soubesse o que queriam dizer.

— Eu sei o que algumas delas querem dizer — Eric disse.

— Diga-nos — Trimak respirou.

Eric parecia quase envergonhado, como se as palavras o deixassem num estado de reverência.

— *A libertar inimigos* — Rachel sussurrou. — Somos nós os inimigos?

— Não — disse Eric. — Neutrana.

Morpeth estremeceu.

— E a última parte do verso? O que ou quem vai surgir do mar do sono e da clara aurora? Você sabe?

O rosto de Eric se iluminou. De um jeito puramente infantil, como Rachel não o via desde pequeno, ele bateu os braços.

— Uuush! — cantou, num som monótono, correndo em círculos pela caverna. — Uuush! Uuush!

Todos observaram Eric, fascinados, que, afinal, se acalmou e voltou, com cara de acanhado.

— O que foi isso tudo? — Rachel perguntou. — Você estava voando, supostamente?

— Não — Eric disse. — Ou melhor, sim, talvez estivesse... Ai, eu não sei.

— O que quer dizer "cantar em harmonia"? — Morpeth perguntou.

— Bate em mim — Eric disse, cerrando os dentes, com ar de desconforto de estar na mira deles.

— *Bate em mim?* — Rachel perguntou. — Vamos, Eric, você não está falando sério.

— Estou sim!

— Seja honesto — ela disse. — Alguém já lhe disse esse verso antes? É melhor você me falar logo se estiver inventando.

— Não estou inventando.

Rachel sentou-se; seus olhos ficaram no mesmo plano que os dele.

— Está bem — ela disse. — Eu acredito em você. Pense um minuto. No meu sonho o Mago Larpskendya disse a Dragwena que a canção dele sempre estaria em Ithrea. Você sabe o que isso quer dizer?

— Não, não sei — disse Eric, zangado. — Chega de ficar em cima de mim.

Rachel, frustrada, virou-se para Morpeth.

— Suponho que você acha que sou eu quem vai libertar a todos. Você pensa que sou a sua preciosa criança-esperança. Será que todas as suas esperanças em mim se baseiam neste poeminha? Umhas poucas linhas sobre uma criança morena?

— Sim — disse Morpeth. — Exatamente.

— Mas as palavras do verso... bem, elas poderiam querer dizer quase qualquer coisa!

Morpeth sorriu, mostrando os dentes. Dobras fundas o suficiente para alguém se aninhar dentro delas apareceram embaixo de seus olhos e atravessaram suas bochechas fundas.

— Você não vê? — ele gritou. — Até agora poderiam não significar nada. Mas *Eric* sabe as palavras! Além de mim, o único contato que ele teve em Ithrea foi com Dragwena, e tenho certeza de que a Bruxa jamais poria essas idéias na cabeça dele.

— Eu estou com medo — sussurrou Eric.

— Do poema? — Rachel perguntou.

— Não. Estou com medo de Dragwena. Isso, ele disse baixinho.

Rachel sabia o quanto lhe era difícil admitir que estava com medo, principalmente na frente de Morpeth e Trimak.

— Eu também estou — disse Rachel. — Mas já estou cheia de sentir medo dela. Você não?

Eric concordou, fervorosamente.

Rachel virou-se para Morpeth e Trimak.

— Eu não tenho certeza se esse poema quer dizer alguma coisa — disse. — Mas aposto que Dragwena já sabe que fomos seqüestrados. Não devemos ter muito tempo até que nos encontre. Você me disse que, se eu aprendesse uns encantamentos novos, poderia ser capaz de lutar contra ela.

— Vamos começar o seu treinamento imediatamente — disse Morpeth. — Eric pode ficar com Trimak.

— Não — Rachel disse. — Eric e eu ficamos juntos.

— É perigoso demais — avisou Trimak. — Dragwena vai usá-lo como arma contra você.

— Não faço nada, a não ser que concordem — Rachel disse, simplesmente.

— É arriscado demais — disse Morpeth. — Nós podemos proteger Eric melhor se vocês estiverem separados.

— Vocês não têm a menor idéia de como protegê-lo — Rachel disse. — Parem de fingir que têm. É provável que eu possa tomar conta de Eric melhor que todos os Sarren. Vocês já deveriam saber disso.

— Muito bem — disse Morpeth sombriamente. — Acompanhe-me.

11

MÁGICA



Morpeth levou Rachel e Eric de Worraft. Durante algum tempo, pé ante pé, andaram em silêncio sob um teto baixo por longos corredores. Conforme Morpeth avançava, furtivamente, portas vermelhas piscavam, acesas, adiante de seus passos, extinguindo-se no momento em que passava. De vez em quando, os conduzia através de uma dessas portas vermelhas. Cada porta levava sempre a outro corredor quase idêntico e a mais portas, numa série aparentemente infundável de viradas abruptas para cima. Rachel ficou tonta.

— Como é que você sabe o caminho?

— Mágica. Isto foi construído há muitos anos, trabalho secreto de alguns Sarren. Dragwena nada sabe disto. Vocês são as primeiras crianças a vir aqui.

— Para onde estamos indo? — perguntou Eric, olhando em volta atentamente.

— Para o meu estúdio.

Morpeth parou do lado de fora de uma porta, que se parecia com todas as outras.

— Agora, vocês acham que conseguem lembrar o caminho daqui para Worraft?

Rachel olhou para Eric e os dois balançaram as cabeças.

— Bom — disse Morpeth. — Só um tipo especial de mágica pode guiá-los de novo por esse caminho.

— A Bruxa seria capaz de nos encontrar? — perguntou Rachel.

— Com o tempo, seria. Teria que encontrar Worraft primeiro. Não existe outro caminho aqui para dentro, e Dragwena sequer sabe da existência da caverna. Pelo menos, espero que não.

Ele soprou a porta três vezes para abri-la e fez as crianças entrarem depressa.

O “estúdio” de Morpeth era nada mais nada menos que um cômodo oblongo apertado, com uma cama simples, uma mesa e uma única cadeira.

— O que você pode fazer para me ajudar a combater a Bruxa?

— Rachel perguntou a Morpeth. — Você conhece tantos encantamentos e...

— Eu?

Ele riu.

— Eu quase entrei em colapso tentando acompanhar você durante o café-da-manhã!

— O que quer dizer?

— Você se lembra daqueles brincos dos peixes? Eu tive que usar *toda* a minha força para mudar a cor deles.

Rachel ficou de boca aberta.

— E eu não entendia por que ficavam mudando de cor!

— Você também jogou cobras e escadas com Dragwena e ganhou. Todas as crianças que passaram por esse teste falharam. Todas, sem exceção.

Ele pôs as mãos nos ombros de Rachel.

— Você é a criança-esperança. Eu tenho certeza.

— Mas como posso derrotar a Bruxa? O que tenho que fazer?

— Você precisa aprender alguns novos encantamentos — Morpeth disse. — Também precisa praticar. Dragwena praticou durante séculos. Quando ela comanda, é instantaneamente obedecida. Pode mudar a forma num instante.

— Mas é *difícil* mudar a forma — Rachel disse, desanimadamente. — Eu só consegui porque estava com medo. O que tenho que me tornar para vencer Dragwena?

— Não sei — disse Morpeth.

Rachel olhou fixamente para ele.

— Eu não posso acreditar. Você espera que *eu* saiba!

— Bem — ele disse —, não vamos nos preocupar com confrontar Dragwena por enquanto. Uma coisa de cada vez. Quer jogar um jogo mágico comigo?

Rachel suspirou, lembrando a alegria pura de fazer mágica na sala do café, arremessando melões de encontro às paredes. A mágica já não parecia uma brincadeira.

Eric posicionou-se confortavelmente na cama de Morpeth e ficou observando.

— Quero que tente mudar de forma outra vez — Morpeth disse.
— O que seria um disfarce esperto em Ithrea?

— Um floco de neve — Rachel respondeu logo de cara.

Rapidamente imaginou-se floco de neve flutuando pelo ar.

— Bem, e daí?

— Com os mesmos gambitos de sempre — disse Eric.

— Não se preocupe — Morpeth disse a ela. — É muito mais difícil do que você pensa. Quando brincamos na sala de café e fomos às montanhas, Dragwena tinha posto um manto especial de mágica em nossa volta. Mas você logo começou a usar a sua própria mágica. Quando você voou até o lago e se transformou em pluma, a mágica da Bruxa não a ajudou. Você fez essas coisas por sua conta. Você é capaz de fazer aquilo aqui, agora, mas tem de se concentrar totalmente. Usar mágica real é extremamente perigoso e requer toda a sua atenção.

Rachel olhou à volta da sala.

— Posso tentar ser algo diferente? Na verdade, não quero ser floco de neve. Preferia ser um cavalo ou alguma outra coisa que esteja *viva*.

— Um cavalo, por mais lindo que seja, dificilmente caberia neste estúdio — disse Morpeth secamente. — Eu quero que você lute contra o desejo de se tornar simplesmente *qualquer coisa*. Você tem que ser mais disciplinada com o uso da força.

— Eu não estou entendendo.

— Quando você se transformou em pluma, aquilo salvou a sua vida — ele explicou. — Está entendendo? É porque você se tornou o que você precisava ser, o que você *tinha* de ser naquele instante.

Dragwena vai lhe dar pouca chance de pensar quando atacar. Você pode ser capaz de salvar todos nós, se conseguir, num momento de perigo, se transformar na coisa certa, seja lá o que for. Agora, tente se concentrar.

Rachel se obrigou a relaxar, a enfocar a imagem do floco de neve. Ela correu pelo corpo dedos de gelo, mais frios, mais frios, até que suas pálpebras frágeis congelaram-se de encontro às pupilas. Em seguida, a forma. A pele se dobrando, os ossos se condensando, até encolher e ficar do tamanho de uma palma de mão, depois um dedo, uma unha; depois, menor ainda, tão minúscula que mal poderia ser notada. Fez com que a cabeça e os membros desaparecessem. Fez seu corpo fofo e branco, com duras arestas cristalinas. Custou um esforço enorme, mas pela primeira vez Rachel teve consciência de que, em vez de reagir instintivamente, era capaz de controlar, ela própria, a transformação. Piscou, abrindo seus novos olhos de neve.

Morpeth e Eric tinham desaparecido — pelo menos Rachel pensou assim, até se dar conta de que flutuava lentamente perto das calças de Morpeth. Depois de uns segundos aterrissou suavemente. Dureza e poeira a pressionavam com força. A poucos pés de distância, o sapato gigante de Eric deu um passo atrás.

Antes mesmo de Rachel ter tempo para se acostumar com sua qualidade de floco de neve, notou uma poça d'água em torno do corpo.

— Estarei sangrando? — ficou imaginando.

De repente, entendeu.

— Não, não estou sangrando. Estou *derretendo*. Estou derretendo no chão!

No momento seguinte, tinha mudado outra vez: era uma gota d'água.

Pequenas correntes de líquido se sobrepunham no interior de seu novo corpinho de um lado a outro.

— Hum... — divertiu-se, não mais assustada, apenas curiosa.

Uma gota d'água seria mais interessante se pudesse... alçar vôo... como um avião!

No mesmo instante, levantou-se do chão — de início voando lentamente, mas aumentando a velocidade à medida que aprendia

a usar as novas asas. Pairou no meio do ar, olhando em volta. A poucos metros de distância, assomava o nariz de Morpeth, grande como um ônibus. Rachel fez três círculos rápidos, zoando em torno da cabeça dele, depois partiu a toda para a orelha de Eric, caindo-lhe pelas bochechas e atravessando seus cachos louros, até o nariz. Um escorrega! Desceu esquiando a ponte — que era o nariz dele — e ficou pendurada na ponta, balançando para a frente e para trás. Olhando para cima, via a cara imensa de Eric, que olhava para baixo, com olhos vesgos. Rachel de um toque, mergulhou.

— Vou me permitir cair — pensou. — Não posso me machucar. Sou só um pingão d'água...

Seu pequeno corpo explodiu quando bateu na pedra, dividindo-se em centenas de minúsculas gotículas, que pularam a distância do resto do corpo. Rachel entrou em pânico e tentou se imaginar de novo uma menina...

Uma voz grave — a de Morpeth — trovejou:

— *Não!* Permaneça como está!

Rachel esperou ansiosamente. Um momento mais tarde sua língua voou pelos ares. Viu as pernas se projetarem para o alto e o nariz se retorcer: uma menina outra vez.

— Isso foi fantástico! — Rachel disse. — Podemos fazer de novo?

Morpeth lançou-lhe um olhar zangado.

— Menina estúpida! — rugiu. — Sabe o que teria acontecido se tornasse a se transformar quando ainda estava toda espalhada pelo chão?

— Eu...

Ele agarrou o braço dela.

— Vou lhe contar o que teria acontecido: você teria voltado como uma menina aos pedaços! Seus braços, pernas e cabeça estariam pela sala toda. *Você estaria morta!*

— Desculpe... desculpe — disse Rachel. — Eu não sabia. Você não me disse.

Morpeth soltou um suspiro forte.

— Está vendo? Quando você se transforma numa outra coisa, realmente *se transforma* nela.

— Eu não estou entendendo.

— Imagine um lagarto. Se você tivesse se transformado num lagarto, alguém poderia cortar a sua cauda e você continuaria se arrastando por aí, não é?

Rachel assentiu.

— Mas se voltasse ao que era, poderia dar falta de uma das pernas.

Ele fez uma careta.

— Acho que prefiro meninas com duas pernas, e você?

Rachel olhou para o chão.

— Vou procurar me lembrar disso.

— É bom.

Morpeth abriu e fechou os braços.

— Que criatura magnífica aquela em que você se transformou! Fiquei tonto observando você voar por aí.

Rachel apontou a cara dele.

— Que nariz grande você tem!

Morpeth esfregou o nariz, brincalhão.

— Tenho horror de imaginar como deve parecer grande para uma gota d'água! Vamos brincar mais um pouco.

— Mas, antes, diga: por que não consegui me transformar em mim mesma outra vez?

— É muito mais difícil voltar a ser você mesma — explicou Morpeth. — Só Dragwena consegue fazer isso. No entanto, quando a vi toda esparramada pelo chão, senti que você poderia tentar.

— *Você é capaz de me trazer de volta. Já é a segunda vez que faz isso.*

— É um dom da Bruxa — Morpeth disse. — Dragwena está sempre preocupada que possa haver inimigos se escondendo dentro das formas cotidianas como árvores, pássaros ou lobos. Ela me deu o poder, muitos séculos atrás, de *desmudar* as coisas; mudá-las de volta para a forma verdadeira. Até fazê-la voltar, deixar de ser pluma, não sabia que era capaz de fazer isso.

— Por que não é capaz de transformar a si mesmo em pluma ou floco de neve?

— Esse é um dom que só você e Dragwena compartilham — respondeu Morpeth. — Você é a primeira criança que muda de

forma.

Ele a olhou, pensativo.

— Você é a primeira que faz muitas coisas.

— Talvez eu seja uma Bruxa — disse Rachel, ansiosa.

— Eu acho que não.

Ele sorriu, se desculpando.

— Se for, é uma Bruxa muito legal.

Eric deitou-se na cama de Morpeth, apertando o travesseiro.

— Posso tirar um cochilo? — perguntou, bocejando. — Estou muito cansado.

— Como pode ficar cansado depois do que acabou de ver? — perguntou Morpeth.

Parecia intrigado, mas depois tornou a relaxar.

— Estou me esquecendo da longa noite que você passou. É claro que pode. Eu vou acordar...

Mas Eric já tinha caído no sono.

Certos de que Eric estava dormindo, Rachel sussurrou para Morpeth:

— O que faremos agora?

— Por que não experimentar se transformar em alguma coisa mais sólida desta vez? — Morpeth falou.

Ele olhou em torno da sala.

— Este lugar está meio despido, na minha opinião. Que tal uns móveis?

Com um sorriso aberto, Rachel instantaneamente se transformou numa cadeira de espaldar alto e pernas de madeira torneada.

— Está conseguindo me ouvir? — perguntou Morpeth.

— Sim — ela tentou responder, vendo a própria boca dentro da estrutura de madeira.

Levando os lábios à almofada, colocou os olhos por cima.

— Consigo ouvir você perfeitamente!

— Interessante - ele disse. — Uma cadeira falante. E que mais?

— Uma mesa!

Tornando as pernas mais compridas, fez com que a almofada desaparecesse e transformou o assento num tampo de mesa grande.

— Oi — disse ela, sem fôlego.

— Muito esperta — Morpeth disse. — Vamos fazer um teste de verdade com você. É capaz de imaginar que você é *eu*?

— O quê? Quer dizer fazer com que eu mesma fique com a sua aparência?

Morpeth concordou.

— Vou tentar — disseram os pequenos lábios em cima da mesa.

Rachel observou Morpeth com cuidado, estudando sua aparência: os braços compridos, a linha chata do bulbo que era o nariz, as velhas bochechas murchas. Examinou a roupa de couro, tentando imaginar que sensação daria a velha vestimenta a quem a usasse.

— E aí? — perguntou, apressando-se para terminar.

— Veja você mesma — disse Morpeth, apontando um pequeno espelho na parede.

Rachel olhou rapidamente, cheia de expectativa. A criatura que retornava o olhar era uma maluquice. A roupa estava certa, mas a barba de Morpeth, pela metade... E ela sequer se lembrara de mudar o cabelo, o queixo quadrado. Aquilo que olhava de volta do espelho era um Morpeth cru, de cabelo comprido escuro e queixo pontudo, como o dela.

Ela riu... e deu-se conta de que aquele Morpeth também tinha saído com os seus próprios dentinhos!

— Ai, meu caro — disse. — Sou Rachel-Morpeth, uma coisa assim.

A voz também era a dela, de timbre alto. Também tinha se esquecido de mudá-la.

— Hum — Morpeth disse. — É bem mais difícil imaginar ser uma pessoa, não é? Mesas e cadeiras não têm vozes nem dentes. Você tem que pensar com cuidado e se lembrar de tudo da pessoa, até das coisas que você não vê.

— Pelo menos o seu nariz eu acertei — disse Rachel, apertando-o de encontro ao espelho.

— Não é verdade — disse Morpeth. — O seu nariz está grande demais.

Rachel verificou no espelho.

— Não — ela disse, torcendo-o. — Acho que o nariz está exatamente igual ao seu. Está exatamente do tamanho certo.

Morpeth franziu a cara.

— Talvez você tenha razão.

— Quer que eu faça o nariz menor? Você gostaria?

— Já não está perfeito? — ele perguntou. — Ah, tudo bem. Por que não?

Rachel fez um nariz empinado. Juntos, olharam o espelho.

— Nada mau — ele disse. — Mas você é capaz de me fazer parecer *bonito*? Aí está um teste para você!

Rachel tentou algumas combinações diferentes até encontrar o que queria. A criatura que agora estava próxima a Morpeth era um homem alto, de boa aparência, com cabelo cor de areia e olhos azuis penetrantes.

Morpeth olhou atônito.

— Ele com certeza é mais bonito. Mas parece comigo?

— Eu não sei — Rachel respondeu, incerta. — Eu o vi quando era menino no sonho que Dragwena me deu. Você se parece um pouco com a versão adulta dele.

— Talvez você esteja certa, Rachel — ele murmurou, tocando no rosto dela, timidamente. — Faz tanto tempo que fui menino. Eu tinha esquecido... como costumava ser.

Olhou tristemente para o chão.

— Não tive a intenção de entristecer você — ela disse. — Quem sabe... quem sabe sou realmente capaz de fazer *você* ficar com essa aparência. Você quer?

— Sou tão velho que não me importo com a minha aparência — disse Morpeth. — De todo modo, é impossível...

Ele parou e olhou para Rachel de modo significativo.

— Vá! Transforme-me, se for capaz!

Rachel considerou como fazê-lo.

— Como posso entrar *dentro* dele? — ficou a imaginar.

Num impulso, transformou-se numa nuvem de poeira, tão minúscula que pôde entrar pelos poros da pele de Morpeth. Pequenas correntes de ar no cômodo moviam-se em torno dela. Rachel equilibrou-se, aterrissou no cabelo dele, sentiu a textura, a secura. Deslocou-se cuidadosamente por entre os fios que os esculpiam, tornando-os mais leves, mais sedosos. Em seguida, amaciou as bochechas, alisou as rugas e mudou a cor de seus olhos para um azul mais profundo. Transformou-se num par de tesouras para cortar a barba esfiapada. Depois de vários minutos de trabalho duro, terminou - ou quase. Passou por todos os membros, esticando seu corpo, tornando-o mais alto. Cansada, voou para o meio da sala e se transformou em mesa outra vez.

Morpeth estava sentado à frente dela, mas não era o velho anão enrugado que Rachel conhecia. Era um jovem alto, com cabelo denso e cacheado e radiantes olhos azuis.

Morpeth espantou-se com seu reflexo no espelho e beliscou o rosto, como se fosse máscara. Piscou rapidamente e seus novos olhos azuis piscaram de volta.

— Você está lindo agora - disse a mesa.

— Como foi que você fez isso? — maravilhou-se ele. — Você não deveria ser capaz de transformar *uma outra pessoa*. Só Dragwena tem esse poder.

— Eu não sei — ela disse.

— Imagine que você é Rachel de novo. Torne a se transformar — disse Morpeth, com firmeza.

— Você me disse que só Dragwena é capaz de fazer isso.

— Era o que eu acreditava. Agora tenho certeza de que você é capaz de fazê-lo.

Rachel logo descobriu o que era necessário. Viu-se de novo menina, usando o couro macio dos Sarren. Por uma razão qualquer, foi mais fácil que antes. Nem precisou se concentrar. Rachel caminhou, confiante, através da sala, até o espelho. Uma menina com grandes olhos verdes, nariz afilado e pintinha do lado esquerdo do rosto espiou de lá.

— Consegui!

Morpeth estava de queixo caído. Aí, olhou para o próprio rosto, bonito, no espelho, fazendo caretas para ver suas novas

expressões.

Mas Rachel não tinha terminado. De repente, foram lhe ocorrendo idéias que nem mesmo Morpeth teria concebido. Imaginou uma *outra* Rachel na sala, posicionando-a atrás dele, de pé, rígida como boneca de plástico. Fez com que a boneca andasse para a frente, dura, como um robô. Concentrando-se ainda mais, Rachel deu-lhe ossos, ligamentos e músculos capazes de se mover com flexibilidade, como uma pessoa de verdade. Fez a segunda Rachel esticar os braços e botar os dedos pequenos em torno das orelhas de Morpeth.

Este, abrindo a boca, saltou para longe.

— Qual sou eu? — perguntaram as duas meninas ao mesmo tempo?

Rachel sorriu e a falsa menina sorriu também.

Morpeth encarou as duas. À primeira vista, pareciam idênticas. Quando olhou com mais atenção, notou que uma das meninas tinha uma aparência ligeiramente parada. Sorriu confiante, para Rachel:

— *Você é a verdadeira.*

Rachel também conseguiu ver as diferenças. E fez desaparecer a expressão parada.

— Qual é Rachel agora? — perguntaram as duas meninas.

Morpeth estudou cada criança com atenção. Tocou nos rostos. Sentiu os cabelos. Levantou-as. Eram do mesmo peso. Até isso Rachel tinha levado em conta. Afinal, encolheu os ombros.

— Não sei — disse. — Não consigo dizer qual é a verdadeira. *Vocês duas* parecem de verdade.

Rachel riu e desejou que a segunda Rachel desaparecesse. Ela desapareceu imediatamente.

Morpeth sentou-se, pesado, numa cadeira, e os dois olharam em silêncio um para o outro.

— Eu... eu não sei o que dizer — ele disse. — As coisas que você está fazendo não deveriam ser possíveis. Eu não tenho a menor idéia de como você fez.

— Eu posso lhe ensinar — disse Rachel. — Não é difícil.

Morpeth esfregou o queixo novo e bonito.

— Eu deveria estar ensinando a *você* — queixou-se. — Vejo que, ao contrário, tenho muito que aprender! Eu acho...

Um barulho da cama os distraiu. Era Eric, que falava dormindo.
— Deve estar sonhando - disse Rachel.
— Psiu! Escute o que está dizendo.
Eric remexeu-se na cama.
— Quinze — ele disse. — Esquerda. Oito. Direita. Quatro.
Esquerda. Seis. Esquerda. Dois.
Ele continuou a dizer os números estranhos.
— O que está murmurando? — perguntou Rachel. — Parece um sonho esquisito.
— Não é um sonho! — Morpeth deu um pulo. — É o caminho para esta sala, através dos corredores e portas. *Dragwena está vindo.*
— O que você está dizendo? — gritou Rachel. — Você disse que Dragwena não conseguiria nos encontrar.
— Não vê? — ele disse. — A Bruxa nos enganou a todos. Ela ficou sozinha com o seu irmão diversas horas. Deve ter plantado dentro dele um encantamento para encontrá-lo!
Rachel botou a mão através da boca de Eric. Ainda adormecido, possuído de uma força extraordinária, ele arrancou a mão dali.
— Direita. Quatro. Esquerda. Seis. Direita. Dois.
Rachel irrompeu em pranto.
— Podemos detê-lo?
— Não há tempo!
Morpeth apertou um ponto no chão e uma pequena saída apareceu numa das paredes.
— Depressa — disse. — Temos que sair imediatamente!
— Mas não podemos deixar Eric aqui — insistiu Rachel. — Temos que levá-lo conosco.
— Não!
Morpeth pulou em direção à saída.
— Ele está sob o controle de Dragwena. Não podemos ajudá-lo agora. Venha comigo.
Ele pulou através da saída e estendeu a mão.
— Eu não vou sem Eric — Rachel gritou. — Não vou deixá-lo.
Quando tentou pegá-lo, Eric, dormindo, deu-lhe um chute violento.

— Vamos! — rosnou Rachel. — Queira ou não, você vem comigo!

Ela arrastou Eric para o outro lado, da saída, até os braços relutantes de Morpeth.

— *Não podemos* levá-lo conosco — disse Morpeth, desesperado. — Você tem de entender, Rachel. Ele agora é escravo de Dragwena! Saia, antes que seja tarde demais!

— Sem Eric, não!

Sem tempo para argumentar, Morpeth agarrou Eric com um braço, e tentou segurar Rachel com o outro.

— Peguei-o! Agora venha! Depressa!

Rachel deu um passo à frente, mas um golpe de vento a assustou. A porta principal de entrada no cômodo tinha sido escancarada.

No umbral estava Dragwena.

A Bruxa olhou a saída por onde Morpeth fugiu, e bateu a porta, fechando-a. Rachel ouviu-o correr túnel abaixo, gritando:

— Vejo você no Pico Hoy! *Pico Hoy!* E o som de seus passos desapareceu.

Dois guardas Neutrana pularam para dentro da sala, postando-se ao lado da Bruxa.

— É preciso abrir a saída — um deles disse. — Vamos matar Morpeth.

— Não — Dragwena respondeu. — Ele não pode escapar. Cuidamos dele mais tarde.

Rachel não perdeu tempo. Imaginou-se uma espada, voando em direção à cabeça da Bruxa, mas antes de conseguir completar o pensamento, Dragwena jogou-a por terra.

— Hi, hi — zombou Dragwena. — Que bobagens Morpeth andou lhe ensinando? Minha mágica é mais forte que qualquer coisa que ele saiba. Você pensa que pode me desafiar, criança? Imaginou que eu iria permitir que você escapasse?

— Não vou deixar você me usar para fazer mal a ninguém — gritou Rachel. — Você primeiro vai ter que me matar, Bruxa. Minha mágica está se fortalecendo. Eu agora posso lutar contra você!

Com dois dedos, Dragwena arrancou Rachel do chão, como se ela nada pesasse.

— Logo você estará querendo ficar comigo para sempre — disse Dragwena. — Não vai querer lutar. Vai se esquecer de todas as outras pessoas. Eu vou varrê-las todas da sua cabeça.

— Eu *odeio* você! — Rachel lutou para se desvencilhar. — Foi você quem nos trouxe para cá, não foi? As garras negras no porão eram suas!

A Bruxa sorriu apreciando.

— De fato, sou as garras e muitas outras coisas que não são ditas neste mundo. Logo, nada disso terá importância. Vou transformá-la numa criatura minha.

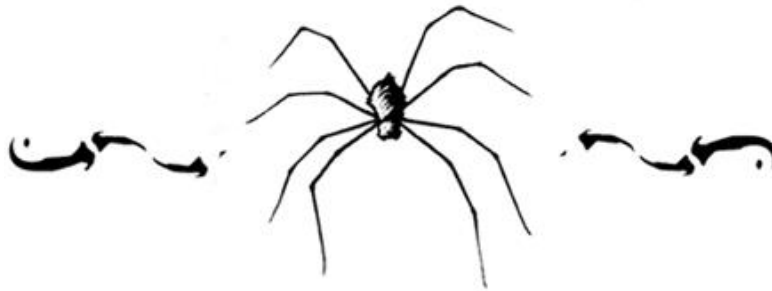
Ela alisou o cabelo de Rachel.

— Você vai matar montes de crianças e eu juro que vai *adorar*.

Enfiando Rachel debaixo do braço, a Bruxa saiu voando rapidamente da sala pelo corredor. Todas as portas se abriam à sua frente. Rachel tentou se imaginar à margem do lago Ker outra vez. Cada vez que o fazia, uma onda de dor massacrava seu cérebro, dispersando seus pensamentos. A Bruxa não permitia que ela se concentrasse um segundo.

Em instantes estavam fora dos corredores, passaram pela entrada de Worraft e se dirigiam para cima. Um vento gelado bateu no rosto de Rachel e ela se deu conta de que estava do lado de fora. As estrelas passavam num relâmpago por sua cabeça. Arqueando as costas, olhou para o alto. À frente, a janela verde iluminada da torre-olho se aproximava rapidamente.

12 O SOPRO-BEIJO



Depois que Dragwena fechou a saída, Morpeth correu para salvar sua vida carregando Eric, ainda meio adormecido, pelo estreito túnel abaixo. Uns instantes mais tarde, parou para ouvir, prendendo a respiração, achando que estaria sendo perseguido por Dragwena e um exército de Neutrana. Como nada escutou, caiu no chão, em colapso, salvo pelo menos por um momento.

— Idiota, você! — enraiveceu-se consigo mesmo. — Você tinha que protegê-la. Agora Dragwena está com Rachel e você jamais a terá de volta!

Eric, já totalmente desperto, o observava, assustado.

— O que houve? — perguntou. — Onde está Rachel?

Morpeth apertou os polegares de encontro à testa de Eric, mas não sentiu vestígio da magia de Dragwena lá dentro. O sortilégio que Dragwena plantara — ele agora entendia — devia ser raso, sumindo assim que Eric despertou. Morpeth grunhiu.

— Por que não teve a idéia de examinar o menino direito antes?

Eric foi um espião perfeito, uma perfeita armadilha, que levou Dragwena a Rachel e aos Sarren.

O tempo todo, imaginou, talvez muito antes mesmo de Rachel chegar, Dragwena já devia ter descoberto a traição.

A Bruxa sem dúvida teria usado Rachel e Eric para descobrir o local secreto dos Sarren, apanhando-os todos juntos, numa armadilha, embaixo do Palácio — lugar onde poderiam facilmente ser assassinados.

— Eu estava confiante demais — deu-se conta. — Acreditei que fosse capaz de esconder meus pensamentos da Bruxa. Rachel sabia que eu estava errado!

Obrigou-se a acalmar-se, sabendo que necessitaria de ajuda rápida se quisesse ter alguma esperança de recapturá-la. Levantando Eric, dirigiu-se velozmente às cavernas profundas onde se ocultava Trimak. À medida que se aproximava, ouviu sons angustiantes — gritos de homens, som de metal.

Estava havendo uma batalha.

Morpeth desceu com cuidado em direção ao barulho e tirou a própria espada, curta. Nunca a tinha usado antes num combate de verdade. Não se preocupava com afiá-la há anos. Atrás de uma última porta, ouviu vozes com clareza. Uma voz grave, a de Trimak, gritava ordens desesperadas.

— Temos que entrar — Morpeth disse a Eric. — Eu talvez não possa proteger você se tiver que lutar num combate corpo a corpo. Fique atrás de mim, perto. Se eu for ferido, você terá de encontrar outro Sarren para cuidar de você da melhor maneira possível. Está entendendo?

Eric fez que sim com a cabeça, intensamente assustado.

Morpeth pensou, amargurado: Graças à minha estupidez, agora não existe lugar seguro para você, menino.

Puxando Eric para trás de si, botou o ombro de encontro à porta.

Apertou com força o cabo da espada.

E saltou para o combate.

Rachel estava presa no braço-garra negro da Bruxa, voando em direção à torre-olho. Um vento forte puxava seu cabelo à medida que subiam, os outros edifícios do Palácio desaparecendo embaixo. A cara de Dragwena brilhava de êxtase. Ela segurava Rachel com um dos braços dobrado; o outro apontava para a frente, como um cano de revólver, cortando o ar da noite.

Rachel sabia que o tempo se esgotava. Tentou usar sua mágica para escapular da garra da Bruxa. Mas toda vez que começava a formar um encantamento, cabelos de cobra irrompiam da cabeça da Bruxa, sufocando seu rosto e interrompendo a concentração.

— Você acha que a sua mágica de criança é capaz de afetar uma Bruxa de verdade? — perguntou Dragwena. — Eu comando toda a mágica deste mundo. Nada que você fizer poderá jamais me afetar.

Rachel esperneou inutilmente no aperto da garra da Bruxa.

Dragwena elevou-se nos ares; a janela verde da torre-olho surgiu, cintilando. Elas voaram diretamente vidro adentro. Rachel achou que ia se cortar, mas o vidro nem tremeu. Simplesmente liquefez-se por um segundo, enquanto entravam.

Uma vez dentro, Dragwena jogou Rachel no chão. Suas costas, onde as unhas da Bruxa tinham se enterrado, sangravam um pouco. Ignorou a dor, olhando a janela, pronta para saltar. Mas o vidro verde grosso tinha se recomposto.

Bateram timidamente à porta.

— Entre — disse Dragwena.

Três hesitantes soldados Neutrana entraram na sala e fizeram uma reverência.

— Notícias de Morpeth? — perguntou Dragwena.

— Ainda não temos notícias da escória — disse um dos homens. — Mas não pode se esconder por muito tempo. Nossos homens estão lutando contra os Sarren remanescentes. Somos dez vezes o número deles. Há guardas posicionados em todas as saídas da caverna. Estamos caçando um por um.

Dragwena esfregou as mãos, com uma expressão alegre.

— Matem todos — disse. — Quero todos os rebeldes descobertos e eliminados. Queimem os corpos. Cerquem as famílias e qualquer suspeito de ajudá-los. Não vai mais existir Sarren.

Ela cuspiu no soldado Neutrana.

— Vou ensinar ao seu povo uma lição que jamais esquecerão!

Ele assentiu, com desconforto, e virou-se para sair.

— Espere! — falou Dragwena depressa. — Diga a seus homens que haverá uma recompensa especial se a cabeça de Morpeth for trazida a mim antes do final do dia. Quero que encontrem o traidor.

Se li corretamente a criança que está diante de mim, ele é mais alto que qualquer um que vocês já tenham visto, bonito e, ah!, tem belos olhos azuis. Certifique-se de que sejam arrancados enquanto ainda estiver vivo.

A Bruxa relaxou ligeiramente, botou os braços nas cadeiras e apontou para Rachel.

— Escutem bem — silvou. — Não é para perturbarem a menina nem a mim na próxima hora. Informem a seus guardas e a meus criados. — *Em circunstância alguma* podemos ser perturbadas.

Assim que os soldados Neutrana saíram, a Bruxa atravessou a sala e deu um tapa na cara de Rachel.

— Agora, criança — disse —, chega de brincadeiras com Morpeth e seus amigos. Todos eles logo estarão mortos, se já não estiverem. Eu adiei tempo demais. Está na hora de transformar você em coisa mais útil.

Rachel arrastou-se pela sala.

Dragwena acompanhou-a com um ar casual.

— Acho que deveríamos melhorar sua aparência — disse. — Por onde começamos? Talvez por esses seus dentinhos...

As quatro dentaduras da Bruxa investiram contra Rachel.

Morpeth saiu feito um raio do umbral da porta. A caverna estava cheia de Neutrana armados, soldados treinados da Bruxa. Uns poucos estavam mortos, caídos pelo chão, mas o número de Sarren mortos ou feridos era muito maior — não estavam esperando uma guerra, e a maioria não tinha armas. Os Neutrana, que não conhecem a misericórdia, os estavam destroçando. Trimak se encontrava numa fileira de defesa, com o pequeno grupo de Sarren que possuía espadas. Morpeth viu dúzias de novas tropas de Neutrana entrando na caverna pelos dois lados.

— Por aqui — gritou. — Tem uma saída secreta!

— O quê? — disse Trimak, apertando os olhos na luz fraca da caverna, ao mesmo tempo que tentava lutar. — Quem é você?

— Morpeth! Confie no seu instinto!

Trimak olhou para o homem — não era Morpeth, embora falasse com sua voz rouca.

— *Sou* eu — Morpeth gritou. — Rachel mudou minha aparência!

Trimak, hesitante, ordenou aos Sarren que seguissem o estranho.

Os poucos Sarren que ainda não tinham sido eliminados obedeceram imediatamente ao comando, correndo feito raios pela caverna. Um grande alarido de alarme veio dos Neutrana, que saíram na direção de Morpeth. Quatro Sarren fortemente armados lutavam furiosamente para mantê-los recuados.

— Você vai! — um deles gritou para Trimak. — Vamos segurá-los o máximo de tempo possível.

— Não, Grimwold — Trimak gritou. — Todos temos que fugir! Não é hora de sacrificar a sua vida!

— Se a hora não é *essa*, qual é, então? — berrou Grimwold.

Uma lâmina Neutrana fez um corte profundo em seu rosto. Ignorando-o, ele gritou aos soldados da Bruxa:

— Venham, então, esforcem-se! Vou lutar contra todos vocês!

— Siga as ordens que recebeu! — comandou Trimak.

O último Sarren deslizou pelo portal aberto por Morpeth. Tendo eles escapado, Grimwold levantou o braço livre, fazendo um movimento de cutilada por sobre a cabeça.

Instantaneamente, seus próprios homens saltaram em direção ao portal.

Trimak o fechou. Dentro do túnel estreito se encontravam oito Sarren, com Morpeth, Eric e Trimak. Todos os outros ou estavam mortos ou escaparam por algum outro lugar. Os sobreviventes ficaram ali sentados, exaustos, respirando fundo, alguns reparando pela primeira vez nos ferimentos — agora que tinha terminado a batalha. Da caverna, os Neutrana empurravam os corpos de encontro à porta.

— Não vai demorar para quebrarem e entrarem — murmurou um dos Sarren.

Trimak virou-se para Morpeth.

— Se você realmente é Morpeth — disse —, será capaz de selar essa porta.

Morpeth estendeu a palma da mão direita em direção à entrada, fazendo derreter lentamente a pedra trabalhada até que rocha dura envolveu o umbral.

Até mesmo Grimwold, que não era facilmente impressionável, olhou surpreso para o homem de cabelo claro.

— O Morpeth que eu conheço é um velho diabo feio — disse. — Você tem que nos dizer quem o tornou tão belo. Quero visitar essa pessoa!

— Onde está Rachel? — perguntou Trimak.

— Dragwena nos descobriu — disse Morpeth. — Não consegui detê-la.

— Então precisamos recapturar a menina! — gritou Grimwold. — Este túnel leva a algum lugar?

— Leva a muitos lugares — disse Morpeth. — A maioria das saídas deve ter guardas. Mas tem uma rota que apenas eu e Dragwena conhecemos. Leva diretamente à torre-olho. Se agirmos depressa, acho que um pequeno grupo será capaz de alcançá-la.

— Os guardas da Bruxa estarão fervilhando em volta da torre-olho — protestou Trimak. — Particularmente num momento como este.

— Duvido de que vá haver muitos — disse Morpeth. — A última coisa de que Dragwena vai suspeitar é de um ataque agora. Especialmente um ataque contra ela. A maior parte dos soldados Neutrana ainda está nas cavernas. No próprio Palácio é provável que haja poucos.

— O que estamos esperando? — disse Grimwold. — Há quanto tempo desejo matar essa feiticeira!

— Nosso objetivo tem de ser libertar Rachel — disse Morpeth. — Dragwena iria adorar uma luta direta. Temos de distraí-la, de alguma maneira.

— Talvez a Bruxa esteja liderando a batalha nas cavernas — sugeriu um dos Sarren.

Morpeth disse baixo:

— Não. Dragwena sabe que aquela batalha já está ganha. Ela vai trabalhar em Rachel imediatamente. O sono-sonho já terá começado a preparar a criança. Rachel não teve tempo suficiente para desenvolver suas defesas. Não vai demorar muito para a Bruxa quebrá-las.

Os Sarren apanharam as armas e solenemente se encaminharam para o túnel que subia em espiral.

Dentro da torre-olho, Dragwena sorriu para Rachel.

Depois, tirou do vestido uma lâmina pontuda e fina e deu uma estocada na palma da mão da menina.

Rachel pulou para trás, apertando a mão.

— O que você fez?

Os quatro conjuntos de dentes de Dragwena sorriram juntos.

— Dei início ao sortilégio de transformação. Você daqui a pouco vai começar a ter a minha aparência.

A Bruxa deslizou pela sala e acendeu uma vela comprida, que terminava em bico. Havia um círculo gravado na vela e dentro dele uma estrela de cinco pontas. A chama bruxuleou com luz verde fria. A Bruxa retirou-se para uma cadeira, deixando Rachel de pé sozinha no meio da sala. Durante alguns minutos, simplesmente olharam uma para a outra sem falar, a Bruxa, beijando a cabeça de sua cobra, enquanto Rachel esfregava a mão, tentando decidir o que fazer. Conseguiu ouvir umas pessoas passarem do lado de fora, no corredor, sussurrando comandos. Atrás, a janela verde da torre-olho dava para baixo, para os edifícios do Palácio, mas ela sabia que não havia esperança de escapar naquela direção.

Inexplicavelmente, Rachel sentiu-se relaxar. A ferida na mão já não doía. Respirou fundo. A vela soltava um delicioso perfume. Cheirou o ar, vagamente consciente de que a maior parte da fumaça vinha flutuando em direção a seu nariz e boca. Bocejou - e titubeou. Por que estava tão cansada? Piscou o olho pesado, lutando para permanecer acordada, identificando a sensação de sua última visita à torre-olho, no entanto incapaz de combatê-la, exatamente como tinha sido incapaz de combatê-la antes.

A cobra de Dragwena desenrolou-se, devagar, de seu pescoço e ergueu a cabeça. Rachel tentou em vão virar o rosto. A cobra se movia preguiçosamente para a frente e para trás, saboreando suas pálpebras com a língua. Finalmente, Rachel não conseguiu impedi-las de fecharem-se. Com esforço imenso, separou os lábios, o som demorando uma eternidade para sair.

— O... que... está acontecendo... comigo?

— Acontecendo? — respondeu Dragwena, com a voz dócil. — Nada está acontecendo. Estamos apenas sentadas em silêncio, você e eu, juntas.

Rachel lutou para retomar o controle de sua mente.

Tenho que parar de respirar a fumaça, entendeu. Tenho que apagar a vela.

Implorou aos músculos congelados que se movimentassem.

Afinal, deu-se conta de que não *queria* se mover. Qualquer pensamento de resistir à Bruxa tinha sumido. Um calor agradável espalhou-se por seu pescoço e ombros. A garganta e os lábios latejavam. Ela relaxou completamente, esquecendo Eric, os Sarren e a Bruxa. Deitou-se no chão e caiu no sono. Quando acordou, a sala estava igual. Dragwena olhava bondosamente, a cobra de novo enrolada no pescoço.

— Ora, ora — disse Dragwena. — Está se sentindo melhor agora?

Rachel tentou assentir com a cabeça.

— Está vendo? — disse Dragwena suavemente. — Afinal, não sou uma criatura tão terrível assim.

— Criatura terrível?

Rachel ficou imaginando vagamente o que ela queria dizer.

— Podemos conversar, se você quiser — Dragwena disse. — Podemos conversar com nossas mentes.

— Hum.

Os lábios de Dragwena estavam fechados.

— Está me ouvindo?

— Estou.

— Lembra-se de seus amigos?

A imagem de umas crianças veio à mente de Rachel. Ela não as reconheceu.

— Você se lembra dos Sarren que seqüestraram você?

— Sarren?

O nome nada queria dizer, além de que aquilo quase nem interessava a Rachel. A única coisa que interessava era ouvir a voz melodiosa da mulher.

— Esses Sarren contaram umas mentiras sobre mim — a Bruxa disse. — Também tentaram matar você. Eu a salvei quando Morpeth tentou matá-la. Você lembra? Lembra-se de quando ele tentou matar você?

Uma imagem pulou para dentro da mente de Rachel: um anão segurando uma faca de encontro a sua garganta. Ela viu Dragwena correr para tirar a faca da mão dele.

Rachel sorriu por dentro.

— Obrigada.

— De nada — respondeu Dragwena, fazendo uma pausa, sabendo que Rachel já estava sob seu controle, precisando somente receber um novo propósito para seus talentos notáveis.

— Você é uma criança especial — Dragwena explicou. — Quero que fique comigo para sempre. Nós vamos reinar juntas, você e eu. Meu reino é tão grande. Eu vou precisar da sua ajuda. Olhe você mesma...

De repente, Rachel se viu voando através do silêncio do espaço profundo. Um vasto sol brilhava às suas costas e coroa de estrelas formavam cachos em torno de seu pescoço e ombros. Ela usava um vestido preto e, quando levantava o pescoço, uma cobra com olhos vermelho-rubi acariciava seu queixo. Rachel espiou para baixo. Um planeta pequeno rodopiava, com nuvens brancas e brilhantes oceanos azuis. Sem esforço, voou em direção a ele, sem sentir vento nem frio, deslizando por seus mares e riachos e elevando-se com os braços abertos através de montanhas e planícies. E não importa por onde voasse, imensos exércitos de crianças a acompanhavam, disputando espaço para vê-la passar e gritar seu nome.

— Rachel! Rachel! — cantavam, erguendo as espadas afiadas.

Sentiu um toque suave na mão. Era Dragwena, que voava a seu lado e tocava a ponta do seu dedo.

— Você vai reinar comigo? — Dragwena perguntou. Alegremente, Rachel se deu conta de que nada mais existia que quisesse fazer. Sorriu quando sua própria cobra abraçou a de Dragwena, no cumprimento formal das Bruxas.

Nesse momento, um tumulto do lado de fora da torre-olho distraiu Dragwena. Guardas Neutrana, apanhados de surpresa, pularam para proteger a sala. Seguiu-se uma luta breve e dura, imediatamente interrompida por um grito dos Sarren, que jogavam seus corpos de encontro à espessa porta da sala.

Rachel, ainda no transe de felicidade da Bruxa, não dava atenção.

A porta reverberava conforme era repetidamente golpeada. Afinal, mesmo os grandes gonzos da câmara já não suportavam o massacre e o umbral caiu, tremendo. No mesmo momento, um golpe de ar frio disparou para dentro da sala, apagando a vela.

Rachel acordou aos poucos do delírio e olhou para a porta.

Em pé, ali, ladeado por seus homens, encontrava-se Grimwold.

Num dos braços segurava uma espada imensa; no outro, uma faca. Ambos cobertos de sangue. Neutrana da Bruxa, mortos, estavam caídos do lado de fora.

— Eu vim para matar você — silvou ele.

Dragwena olhou as espadas com ar divertido.

— Você pretende me matar com isso? — perguntou. — Se você quer matar uma bruxa de alta categoria, as espadas têm que ser mágicas, abençoadas pelos próprios mágicos. Sabia?

— Não quero saber! — rugiu Grimwold. — Eu vou matar você ou morrer tentando.

Os três Sarren saltaram em cima dela. Dragwena levantou um dedo, casualmente, e uma parede verde transparente apareceu entre eles. Grimwold investiu contra a parede. Assim que a ponta de sua espada encostou na superfície, esta pulou para a palma da mão de Dragwena que, calmamente, deixando-o atônito, puxou a lâmina de lado.

— Eu acho que já vimos armas demais hoje — ela disse. — Deixe-me dar boas-vindas aos seus valorosos homens à minha própria maneira.

Juntando os lábios finos que cobriam seus quatro conjuntos de dentes, soprou em direção a eles um beijo gentil. Como se em câmara lenta, o sopro-beijo deixou as bocas de Dragwena e se deslocou preguiçosamente em direção aos homens. Quando bateu

na parede transparente, espalhou-se rapidamente ali por dentro, remexendo-se. Os Sarren se entreolharam, inseguros.

Rachel tentava desesperadamente encontrar sua voz.

— Sa... saiam - gaguejou. — Saiam da sala!

Grimwold reparou em Rachel pela primeira vez.

— A criança-esperança! — disse, maravilhado.

Dentro da parede, o sopro-beijo girava, zangado, preparando seu ataque.

— Saiam logo! — Rachel gritou. — Corram!

— Tarde demais. — A Bruxa soltou um suspiro, rindo dos Sarren.

Grimwold de repente compreendeu. Arrastou seus homens rumo à porta aberta, mas, assim que estes se viraram, o sopro-beijo rasgou a parede transparente, empurrando-os com força de encontro ao chão de pedra do corredor.

Os Sarren ficaram deitados no corredor, numa pilha amarfanhada, com as espadas quebradas.

— Não! — Rachel gemeu.

Ignorando-a, Dragwena foi inspecionar os corpos.

Rachel segurou as lágrimas, sabendo que aquela poderia ser a sua única chance de escapar. Tinha que se transformar rapidamente, enquanto Dragwena estava distraída. Em que deveria se transformar? Em alguma coisa pequena demais para ser vista. Sua mente corria. Um grão de pó! Sim, poderia funcionar...

Enquanto se transformava, rapidamente colocou uma outra Rachel na sala. Dragwena ainda examinava os Sarren, um sorriso no rosto. Bom. Não tinha notado. Rachel tornou-se um grão de quase nada, incrivelmente leve, tão leve que a mais reles brisa a carregava. Flutuou, deixando-se levar em direção à porta aberta da sala.

A Bruxa perdeu o interesse nos Sarren. Olhou, desconfiada, a falsa Rachel.

— Fale comigo! — Dragwena ordenou.

Rachel tentou fazer a boneca Rachel falar, mas era difícil demais fazer isso e se imaginar um grão de poeira ao mesmo tempo. Flutuou lentamente para sair pela porta. Os olhos de Dragwena arregalaram-se de repente, entendendo a situação.

Procurou dentro do vestido, tirou uma lâmina curva e esfaqueou o coração da falsa Rachel.

A Rachel real berrou — um berro humano, alto, agoniado, revelando sua posição.

Quase desmaiando de dor, Rachel criou para si pequenas asas e bateu-as, descendo a escadaria íngreme em espiral, procurando freneticamente uma janela. Tinha de haver uma saída...

Um golpe de ar suspirou em cima... Dragwena voou em direção a ela. Uma grande língua emergiu da boca da Bruxa, saboreando o ar, buscando a presença da menina. Ao mesmo tempo, na mente de Rachel enfiou-se um impulso, sugerindo que tornasse a se transformar em menina. Sentiu seu corpo de poeira começar a se transformar.

Não!, Rachel pensou, furiosa, mantendo sua forma. Uma janela!

Fechada, mas havia uma rachadura na moldura através da qual poderia se meter. Durante um segundo ficou na escuridão; depois, numa escuridão maior, tingida de estrelas.

Um floco de neve bateu nela como se fosse uma avalanche. Dentro dele, Rachel entrou em colapso, tremendo no esforço de parar de se transformar de volta em menina.

Olhou para trás. A janela estava aberta. Dragwena ali em pé, esticava um braço. Rachel tentou pular para longe, mas uma garra gigante fechou-se em torno dela. Num instante, Rachel viu que tudo que Morpeth tinha feito, tudo por que os Sarren tinham lutado e morrido, teria sido em vão.

Não! Não!, pensou. Vou escapar. Eu *vou!*

Lembrou a corrida com Morpeth até o lago. Viu-se olhando as águas congeladas de longe, da torre-olho.

Seu estômago se revolveu. Quando ousou olhar, não era a cara de Dragwena, mas o brilho do gelo na margem do lago Ker que encontrou seu olhar. Atrás dela, um guincho de raiva veio da distância, do Palácio, enquanto Dragwena segurava em vão o ar.

Rachel estremeceu, os flocos de neve amassando sua cabeça. Não tinha forças para trazer o corpo de volta. A neve continuou a cair, regularmente, enterrando-a em montes macios, amargamente frios.

— Vou simplesmente ficar deitada aqui um tempo — disse a si mesma. — Depois penso no que fazer. Eu vou...
A exaustão fechou seus olhos de grão de pó.

B

VIAGEM NA NEVE



Era uma manhã clara, glacial, em Ithrea e o vento leve mal mexia as penas da grande águia branca, Ronnocoden. Um quilômetro acima da torre-olho, ela rodava em círculos largos, acompanhando de perto os eventos embaixo.

Os portões centrais gigantes do Palácio estavam abertos. Deles jorrava um vasto exército de tropas Neutrana de farejadores, vestidos para uma longa viagem. Rumavam para o norte, em direção às Montanhas Esfarrapadas. Muitos tinham recentemente combatido com fúria os Sarren nos túneis do Palácio. A Bruxa não lhes permitia descansar e nem a si mesma. A noite toda trabalhara no encantamento de que necessitava: as tropas Neutrana que jorravam dos portões agora tinham focinhos macios, sensíveis a odores, como os dos cães, que pressionavam de encontro ao chão. Só um cheiro atraía sua atenção: o cheiro de magia — a magia de Rachel. Saíram uniformemente por uma trilha larga. De vez em quando, um farejava ansiosamente a neve a seus pés, excitado por um rastro ou outro, para depois continuar andando, sem sossego.

A águia ergueu a cabeça, acompanhando as tropas farejadoras além do raio da visão normal, ao extremo norte. Lá, em meio às elevações e vales das Montanhas Esfarrapadas, via ainda mais Neutrana transformados, e também outras criaturas: lobos. Cada um do tamanho de um urso preto, com olhos amarelos faiscantes. Como gigantes cães extraterrenos, eles davam voltas, com os

focinhos enfiados na neve. E, entre os lobos, estava Dragwena, acariciando-os, orientando-os quanto a onde procurar.

Ronnocoden baixou o vôo silenciosamente. Suas aguçadas pupilas cinza-pedra observavam uma figura branca que, no branco, se arrastava lentamente em direção à margem do lago Ker. Embaixo, a forma parou, arrumou o capuz e ergueu os olhos azuis em reconhecimento.

No mesmo instante, Ronnocoden inclinou uma asa para indicar que os jardins estavam livres de olhos espiões. Aí, voou rapidamente em direção ao sul, desaparecendo em segundos nas altas nuvens.

A criatura na terra alcançou a borda do lago. Encostou o rosto na neve, junto de um tronco de árvore em forma de cogumelo, murmurou duas palavras e deu dois passos para trás.

Uma menina surgiu no ar.

A criatura rapidamente cobriu seu corpo com mais um manto branco.

— Morpeth! — Rachel espantou-se.

— Você está viva! — Ele esfregou as bochechas congeladas dela. — Eu estava com medo do pior. Eu pensei... como estou feliz de ver você!

— Ai, Morpeth — disse Rachel, batendo com os dentes. — Eu estou gelada. Fiquei na neve séculos. Não conseguia me transformar de novo.

Ela olhou em volta, ansiosa.

— Onde está Eric?

Morpeth procurou dentro dos bolsos, no fundo do manto. Tirou um pequeno casaco de pele, luvas grossas, calças acolchoadas e um par de raquetas de andar na neve, combinando com as que estavam nos seus pés. Colocou uma faca pequena em um dos bolsos dela.

— Eric está a salvo — disse. — Foi com Trimak para umas cavernas vários quilômetros ao sul, um lugar chamado Vale do Sono. Eu vou levar você para lá.

— Eu tentei ajudar os Sarren — Rachel explicou. — Eu simplesmente não sabia o que Dragwena planejava fazer. Aí, ela soprou aquele beijo e... — Ela ergueu os olhos, suplicantes. —

Dragwena usou Eric para me encontrar, não foi? Morpeth, por favor, não culpe Eric. Não foi culpa dele se...

— Eu sei — Morpeth a confortou. — Eric agora é ele mesmo outra vez.

Ele olhou os jardins do Palácio.

— Mais cedo ou mais tarde, alguém da tropa de busca de Dragwena vai encontrar seu cheiro. Temos que estar a uma longa distância daqui quando isso acontecer.

— Hum — disse Rachel, espiando debaixo do manto. — Como chegamos a essas cavernas? Usando magia?

— Eu gostaria que fosse possível! Mas a minha magia não é forte o suficiente para nos levar. Só você consegue zanzar de um lugar para o outro como Dragwena. Eu tenho que caminhar com as minhas velhas pernas curtas.

— Vou levar você comigo — disse Rachel. — Tenho certeza de que consigo fazê-lo. Voemos juntos para o Vale do Sono.

— Tente se imaginar a apenas alguns metros de distância — disse Morpeth. — Mantenha o manto em volta de você. Não podemos ser vistos.

— Perdi minha magia! — Rachel sussurrou, depois de diversas tentativas.

— Não, você está simplesmente exausta. Usou tanta energia para escapar de Dragwena! Um repouso resolve. Mas, como pode levar várias horas até você se recuperar totalmente, teremos que ir a pé.

Ele a ajudou a pôr as raquetas de neve.

— A Bruxa agora está assustada. Não consegue acreditar que você a venceu em inteligência!

— Parece nunca se assustar — disse Rachel, lembrando-se da facilidade com que Dragwena cumprimentou Grimwold e seus homens, na sala dela. — Não pode estar mesmo com medo de mim.

— Ah, está. A Bruxa está te procurando feito louca desde a aurora. Felizmente, acha que você está nas Montanhas Esfarrapadas. Nunca ouvi falar dela se envolver pessoalmente numa busca.

Ele deu um grande sorriso.

— Deve estar extremamente preocupada.
— Por que ela acha que eu estaria lá?
— Lembra-se de quando saí daquela sala dizendo “encontre-me no Pico Hoy”?

Rachel assentiu.

— É um pico nas montanhas. Nunca esperei que Dragwena acreditasse. Eu só disse isso na esperança de enganá-la, no caso de você conseguir escapar.

Morpeth abafou o riso.

— Parece ter funcionado, pelo menos o tempo suficiente para atrasá-la um pouco.

— Como é que você sabia onde eu estava? Pensei que ninguém, exceto Dragwena, poderia me encontrar.

— Imaginei que se você se visse em perigo iria retornar a este local. Foi o lugar para onde voou na nossa primeira manhã juntos. É claro — prosseguiu —, você poderia aparecer na sala do café, ou no seu quarto, no Palácio, mas achei que não iria para algum lugar onde Dragwena pudesse lhe achar com facilidade.

— Nem pensei nisso — disse Rachel, honestamente. — Não tive tempo.

— Então, pelo menos por isso, temos que agradecer a Dragwena.

E arrumou cuidadosamente o cachecol em volta do pescoço de Rachel, reanimando-a.

— Vamos. É longa a viagem para o Vale do Sono a pé. Eu tinha planejado que as águias nos carregassem até lá, mas o céu está tão claro que os espiões de Dragwena certamente nos localizariam. Não podemos correr esse risco.

— Como pode ter certeza de que Dragwena não conhece essas cavernas?

— Não posso ter certeza — admitiu Morpeth. — Mas o Vale do Sono nunca foi usado pelos Sarren em todo o meu tempo de existência. Estamos nos baseando nisso.

Morpeth apontou, do outro lado do lago Ker, uma floresta distante, envolta em nevoeiro.

— Vamos naquela direção — disse. — Caminhe junto a mim. O gelo está fino em alguns trechos e os lobos não vão rastrear nossas pegadas com tanta facilidade.

— Lobos?

— Conto sobre eles no caminho — disse Morpeth.

E agarrou a mão dela, preparando-se para partir.

— *Ai!* — gritou Rachel.

Ela olhou a própria palma. No meio da mão, um furo preto latejava dolorosamente.

— Dragwena me fez isto na torre-olho — disse.

Morpeth examinou a mão.

— Não é nada. Só um corte.

— Não é só um corte — disse Rachel, com firmeza. — Dragwena disse que isto iria me transformar numa Bruxa. Disse que eu começaria a me parecer com ela.

— Quantas bocas tem Dragwena? — perguntou Morpeth.

— Quatro.

— E a pele dela? Ela tem sardas no nariz?

Rachel deu um meio sorriso.

— Não. É claro que não.

— Nesse caso, pare de se preocupar. Eu estou vendo uma boca e as suas sardas estão mais audaciosas que nunca. Nada em você está diferente. Vamos.

Pegando na outra mão, saiu com ela, nas raquetas de neve, através das águas geladas do lago Ker.

Rachel e Morpeth caminharam sem parar através do gelo. Como de hábito, o sol brilhava fracamente no céu, mal furando as altas nuvens cinzentas.

— Fale-me dos lobos — Rachel disse, esforçando-se para manter o passo dele.

— São animais de estimação especiais de Dragwena -Morpeth explicou. — Já foram cães comuns. Com os anos, a Bruxa os moldou a seu modo: tornou-os maiores, deu-lhes focinhos que os tornam capazes de captar o mais discreto odor. Diferentemente da maior parte dos animais deste mundo, os lobos sabem *falar*. No passado,

fui responsável pelo treinamento deles. São criaturas inteligentes e cruéis. Todos obedecem às ordens de Dragwena.

— Há algum perto de nós?

— Os lobos nunca estão muito longe.

Rachel olhou em volta, nervosa, na expectativa de enormes rastros de patas ziguezagueando na neve. Mas não havia sinal de lobos. A neve se estendia confiante, como se desafiasse qualquer coisa viva a perturbar seu cinzento sem marcas. Nada se movia nem mexia. Mesmo o céu pálido estava vazio. Tão silencioso, Rachel pensou. Isso era bom ou ruim? Limpou a neve do lago Ker embaixo dos pés, imaginando se peixes de cor viva poderiam estar serpenteando por sob a superfície do lago, mas só havia o impenetrável negrume do gelo para sempre congelado.

— O que há lá embaixo? — perguntou.

— Nada — disse Morpeth. — A não ser que possa viver sem respirar. A não ser que possa viver sem se mexer ou comer. Talvez Dragwena tenha criado uma criatura assim, só para saber que ela sofre. Vamos, não podemos descansar aqui.

— Mas que outras criaturas vivem em Ithrea? — Rachel perguntou, permanecendo próxima a ele. — Eu vi tão poucas.

— Águias vivem nas montanhas a oeste, ajudando os Sarren quando podem — ele disse. — Só sobrevivem porque Dragwena gosta de manter algumas vivas, para caçar quando está entediada. Os lobos devoram qualquer coisa que viva na superfície. Os únicos outros animais vivem embaixo da terra, se é que se pode chamá-los de animais. Quem sabe o que podem ter sido um dia, mas a maioria agora é de criaturas fracas, semelhantes a lesmas, cegas, que chupam qualquer migalha que encontrem no fundo da terra. Nem mesmo Dragwena se preocupa em atormentá-las.

Rachel ouviu um minúsculo bater de asas. Era um casal de passarinhos, riscando o céu. Voavam em perfeita formação, com movimentos incrivelmente precisos.

Morpeth a puxou para baixo.

— Fique parada feito morta — sussurrou.

— O que são eles?

— Prapsies — ele disse. — Espiões de Dragwena. Meio pássaros e meio bebês, e bem mais rápidos que as águias.

— Meio bebês? — sussurrou Rachel.

— São estranhos, coisas misturadas — disse Morpeth. — Criações-piada da Bruxa. Não me peça para descrevê-los. Você não iria acreditar em mim.

Os prapsies zigzeguearam em diversas direções através do céu. Iam em linhas retas exatas, ocasionalmente parando e pairando, sem precisar desacelerar. A certa altura, passaram por cima de Rachel e Morpeth e ela os ouviu conversar — um tagarelar de vozes de timbre alto.

Morpeth esperou vários minutos, depois prosseguiram, movendo-se com mais cautela. Depois de caminhar mais de uma hora, tendo atravessado o lago Ker, dirigiram-se aos morros baixos. Para Rachel, pareciam estar a quilômetros de distância e a floresta, obscura, mais longe ainda. Sentindo a mão latejar dolorosamente, olhou para baixo.

— Morpeth! — gritou.

Onde se encontrava a ferida, agora um círculo negro perfeito se desenhava em sua palma; dentro do círculo estava uma perfeita estrela de cinco pontas. Rachel sabia onde tinha visto aquela forma antes — na vela da torre-olho.

— O que é isto? — perguntou, olhando para Morpeth com ar incrédulo. — É algum tipo de marca da Bruxa, não é?

— É — ele admitiu.

— Isso quer dizer que estou me transformando numa Bruxa?

— Você ainda não está se parecendo com Dragwena, se é o que quer saber. Está sentindo alguma coisa diferente?

— Não, acho que não... — disse Rachel. — Mas esta marca cresceu em algumas horas. Se é uma marca da Bruxa, Dragwena deve ter feito alguma coisa comigo. Eu estou com medo, Morpeth.

— Provavelmente não é nada — ele disse, tentando fazê-la continuar.

— Você não sabe o que isto significa, sabe? — ela perguntou, estacando. — E se quiser dizer que serei uma Bruxa na hora em que chegar ao Vale do Sono? Eric está lá. Eu não quero fazer mal a ele nem a ninguém.

Morpeth olhou para ela com ar grave.

— Eu não sei o que a marca significa. Nenhum Sarren jamais teve essa marca. Poderia querer dizer *qualquer coisa*. O seu primeiro pensamento é na segurança de Eric. Isso me diz que você ainda é a Rachel que eu conheço. Temos que confiar nisso.

Continuaram arrastando os pés, as raquetas cavando as neves. Morpeth manteve o ritmo rápido e Rachel, pensando em Dragwena, não reclamou. Mas, após diversas horas de custosa caminhada através do frio eterno, entrou num estado de exaustão, seu corpo todo entorpecido de dor e cansaço.

Morpeth conversava sem parar, tentando mantê-la alerta. Afinal, chegaram aos morros baixos. Rachel estava cansada demais para notar ou se importar. Morpeth deixou-a descansar e caminhou até o alto de uma pequena elevação.

Ao sul se estendia a segurança do Vale do Sono, tão perto agora. No meio do caminho ficavam as árvores do Bosque da Draga. Que caminho seguir? O Bosque da Draga era perigoso, repleto da mágica de Dragwena, que se atiçava facilmente. Poderiam contornar o Bosque da Draga, mas isso levaria mais de uma hora e Morpeth estava sentindo que o desvio estava além da capacidade de Rachel. Nenhuma vez ela mencionou seu cansaço, mas Morpeth via sua fadiga a cada passo — e ele próprio estava cansado demais para carregá-la por todo o trajeto até o Vale do Sono.

Ele olhou para o céu. Um pôr-do-sol pálido se instalava, projetando sombras profundas em torno das árvores. Logo estaria escuro e insuportavelmente frio. Mesmo com suas peles — Morpeth sabia — Rachel não sobreviveria a uma noite na superfície. Tomando uma decisão, trotou de volta e a encontrou deitada de lado, meio enterrada na neve.

— Acorde, sua dorminhoca — murmurou, levantando-a. — Ainda não está na hora de ir para a cama. Nós vamos pegar um atalho através da floresta. Estaremos no Vale do Sono em uma hora.

Os últimos raios de sol desapareceram. Acima deles, umas poucas estrelas solitárias e a grande lua Armath brilhavam intensamente. Morpeth rezou para que Armath brilhasse bem — sua

radiação fria constituía a única esperança de eles passarem rapidamente pelas árvores: não havia trilhas no Bosque da Draga.

— Fique perto de mim — Morpeth disse, dando a mão a Rachel e um passo mais corajoso do que seu sentimento em direção às primeiras árvores.

PRAPSIES



Assim que Rachel e Morpeth entraram no Bosque da Draga, as altas copas das árvores os envolveram em quase trevas. Uns poucos raios de lua furavam os galhos mais altos, apunhalando o chão de brilho cortante. Rachel escutava com ansiedade o tremor de um vento suave. Este se agitava através das copas, fazendo os ramos estalarem como portas que se abrissem.

De início, avançaram depressa. À medida que penetraram mais fundo no Bosque, as árvores se adensaram, suas raízes altas, nodosas, se mostravam, tornando mais difícil permanecer numa trilha reta. Aos tropeços, foram indo como podiam, Rachel sempre agarrada a Morpeth.

Então, Morpeth apertou a mão dela.

— O que é? — ela perguntou.

Ele se encolheu quando a voz de Rachel soou no ar.

— Escute — sussurrou.

Rachel prendeu a respiração.

— Não estou escutando nada.

— Exatamente. Há uma brisa, mas as folhas das árvores pararam de farfalhar. Nada está se mexendo. Olhe!

Ele apontou para o dossel da floresta.

Em cada árvore as folhas espetadas, rígidas, pareciam dedos esticados. Os ramos também tinham parado de balançar, como se

aquietados para ouvir. Morpeth e Rachel avançavam hesitantes, cansados.

De repente, sem aviso, um galho chicoteou a cabeça de Rachel. Outras árvores também começaram a se sacudir, soltando folhas, avisando às árvores adiante dos intrusos.

— O que está acontecendo? — Rachel soltou um grito agudo.

— O Bosque da Draga despertou! — respondeu Morpeth.

E saíram correndo, para salvar suas vidas. Abaixando-se, passaram sob os primeiros galhos, por entre as folhas, tropeçando, caindo, um ajudando o outro a levantar e continuar correndo. À frente, de súbito, Rachel notou um ponto onde os troncos ficavam ligeiramente mais finos — uma abertura para a orla da floresta. Voaram em direção à clareira.

À medida que se aproximavam dela, dois galhos imensos os pegaram pela cabeça, arrancando os mantos brancos. Instantaneamente, como se milhões de olhos se tivessem aberto, todas as folhas do Bosque da Draga chicotearam o ar. Diversos troncos próximos oscilavam. Estalando as raízes, arrancaram-nas da terra.

— Não podem sair correndo atrás de nós, podem? — gritou Rachel.

— Não precisam — disse Morpeth.

Rachel observou as árvores com as raízes de fora serem passadas de galho a galho pelos outros troncos até que seis delas foram jogadas no chão, cercando Morpeth e Rachel.

Não havia como passar pelas árvores. O Bosque da Draga, agora completamente desperto, não tinha a menor intenção de deixá-los escapar. Por um instante Rachel e Morpeth ficaram em silêncio em meio aos troncos, enquanto as folhas de cima lhes davam uma chuva de folhas, e o Bosque da Draga decidia o que fazer.

Afinal, duas das maiores árvores açoitando as raízes à frente apalparam com os galhos o pescoço de Morpeth.

— Espere! — disse rapidamente uma voz atrás dele.

As árvores congelaram-se no mesmo instante. Até Morpeth congelou, porque reconheceu a voz imediatamente: Dragwena.

Virando-se, viu Rachel com a cabeça orgulhosamente erguida, mãos na cintura, dirigindo-se às árvores.

— Não estão me reconhecendo? — rosnou, com a voz tão perfeitamente igual à da Bruxa que ninguém, com exceção da própria Dragwena, seria capaz de notar a diferença.

Tirando a faca do bolso, Rachel a enfiou no pescoço de Morpeth.

— Deixem-me acabar com esta criatura — ordenou.

Não esperou que as árvores reagissem. Caminhou com confiança para a frente, arrastando Morpeth consigo. Devagar, incertas, as árvores se separaram, permitindo a passagem dos dois, os galhos sussurrando. Ela apontou imperiosamente para a última árvore que lhe bloqueava a passagem e a botou rapidamente de lado.

Rachel e Morpeth caminharam depressa para a orla do Bosque, Rachel o tempo todo segurando a faca contra o pescoço de Morpeth.

— Continue andando, não corra — avisou Morpeth.

Vinte passos os tiraram do alcance das árvores, pondo-os em segurança. Rachel soltou Morpeth e enfiou a faca de volta no casaco. Imediatamente, as árvores se deram conta de que tinham sido enganadas. Aglomeradas à beira da floresta, chicotearam os galhos. Rachel as olhava ansiosa, pronta para correr.

— Por que não vêm atrás de nós?

— Parece que não podem sair do Bosque da Draga — disse Morpeth. — A mágica delas tem de ficar confinada a esses limites.

Ele sorriu, depois enrijeceu.

— O que é? — Rachel perguntou.

— Silêncio! — Morpeth silvou. — Fique quieta. Atrás deles, espiando das árvores mais à beira do Bosque da Draga, encontravam-se duas criaturas voadoras com caras humanas.

Cada uma tinha o corpo negro de um corvo, mas no pescoço estava empoleirada uma pequena cabeça humana: cara cor-de-rosa, nariz arrebitado, minúsculas orelhas redondas e cabelo fino macio — a cara de um *bebê*. Eram tão bizarros que Rachel teria caído na gargalhada não fosse o ar tão preocupado de Morpeth.

— É meu — disse uma das criaturas, na voz de timbre também alto, feito voz de bebê.

— Não, é meu — disse a outra. — Eu vi primeiro.

— Eu vi as árvores se mexendo.

— Eu vi primeiro!

— Você não teria visto se eu não tivesse visto as árvores.

Seu companheiro botou a língua para fora e soprou uma framboesa.

O outro cuspiu nela.

— Não acertou em mim.

— Eu não quis que acertasse.

Ao mesmo tempo, viraram as cabeças na direção de Rachel e Morpeth.

— O que são eles? — um perguntou.

— Um homem e uma menina.

— Eles não se mexem. Homens e meninas se mexem. Esses não. Portanto, são alguma outra coisa.

— Um quebra-cabeça. Vamos olhar de perto.

— Você primeiro.

— *Você* primeiro — chilreou o outro, fazendo uma reverência.

E, juntos, os dois desceram, deslizando. Um pousou na cabeça de Rachel; o outro, empoleirou-se no ombro de Morpeth. Rachel tentou não piscar. O que estava sobre sua cabeça inclinou-se e apertou a ponta da minúscula língua cor-de-rosa de encontro à bochecha dela.

— Pele macia — disse. — Deve ser menina. Tem gosto bom.

O outro pássaro-bebê mordeu a orelha de Morpeth. Rachel o viu tenso, abafando o grito.

— Homem congelado. Estátua. Não é de verdade.

— Mas eu o vi se mexer.

— Ele não se mexe.

— Ele se mexeu! Eu vi!

— Mentiroso!

— Você é que é mentiroso!

— Você é que é mentiroso!

Os pássaros-bebês ficaram assim brigando algum tempo, enquanto Morpeth e Rachel permaneceram o mais parados possível.

— Vamos embora e ficamos observando — sugeriu, finalmente, um dos pássaros-bebês.

O outro coçou a orelha com a pata.

— Concordo. Você primeiro.

— *Você* primeiro — disse o companheiro, fazendo uma reverência. E os dois voaram dali juntos.

Retomando as posições originais nas árvores, lá empoleirados, contorciam-se em silêncio, olhando Rachel e Morpeth de uma pequena distância.

— Prapsies? — sussurrou Rachel, tentando ficar imóvel.

— Sim — falou Morpeth. — Provavelmente, o mesmo casal que vimos mais cedo. Eles não podem nos fazer mal, mas nada voa mais depressa. Poderiam avisar Dragwena de nossa presença. Não se mexa. São criaturas estúpidas e logo se aborrecem. Se ficarmos parados, podem simplesmente sair voando.

Várias vezes os prapsies voaram para cima e para baixo, pousando neles ou perto deles, depois batiam asas de volta às árvores, sempre discutindo entre si.

— Estátuas. Definitivamente, estátuas.

— Sim — disse o outro. — Estátuas mornas.

— Vamos contar a Dragwena?

— Não. Erro bobo. Ela vai nos espancar se formos falar de estátuas.

Eles riram.

— Então, vamos.

— Você primeiro.

— *Você* primeiro — disse o outro, fazendo a reverência. E, juntos, os dois voaram da árvore. Mas, nesse momento, Rachel sentiu uma câibra na perna direita e teve que levantá-la do chão. Os prapsies imediatamente pairaram, tagarelado feito loucos.

— Criança e homem de verdade. Vivos! Vivos!

— Fingindo de estátua! Homem e menina!

— Rachel e Morpeth!

— Morpeth e Rachel!

— Contar a Dragwena logo.

— Logo.

Não se sabe como, voando em círculos, conseguiam fazer reverências um ao outro.

- Você primeiro — diziam, e saíram voando juntos.
- Morpeth lançou-lhes um pau, mas desviaram-se facilmente.
- Contar a Dragwena! — guinchou um pássaro-bebê.
- Contar a Dragwena e aos lobos!
- Contar aos lobos!
- Contar aos lobos!
- Comê-los...
- No jantar!

Os prapsies saíram a toda, rumando para o norte, murmurando “lobos, lobos, lobos!”, alegres, até que desapareceram de vista.

15
LOBOS



Morpeth acompanhou a direção do vôo tomada pelos pássaros-bebês.

— Estão se dirigindo a Dragwena, nas Montanhas Esfarrapadas — disse. — A viagem é curta para um prapsy. Nós, só com uma corrida chegaríamos antes da Bruxa ao Vale do Sono.

Rachel estremeceu. Com a chegada da noite, a neve começava a cair sem trégua, trazendo consigo um vento seco. Atrás, as árvores do Bosque da Draga continuavam seu urgente chicotear, sem descanso.

— Morpeth, não consigo ir muito adiante — disse. — Não podemos nos esconder?

— Não existe esconderijo na superfície para a Bruxa — Morpeth disse, agarrando-a apertado. — Nós *podemos* chegar ao Vale do Sono! Não é longe. Por favor, sei que está cansada, mas faça um último esforço.

Rachel assentiu, fracamente, mal conseguindo se obrigar a dar mais um sorriso.

Apesar do perigo, puseram-se a andar num passo agoniado, lento. Era o máximo que Rachel podia fazer. Além de tudo, tinham perdido as raquetes no Bosque da Draga, o que tornava cada passo na neve mais pesado. Contornando o Bosque, rumaram para oeste durante algum tempo, através da lama pantanosa.

Finalmente, tornaram a virar para o sul. À frente, um vasto pântano ondulante se erguia e, normalmente, Rachel sequer teria notado o esforço de caminhar para atravessá-lo. Mas suas últimas reservas de energia tinham desaparecido na lama e ela se movia numa exaustão entorpecida. Só o medo da Bruxa mantinha seus pés mortos em movimento. Plantava um pé relutante à frente de outro, cansada demais para pensar no que vinha adiante.

Morpeth permitiu que Rachel se apoiasse em seu ombro, protegendo-lhe o rosto o melhor que podia dos golpes do vento. Pareceu-lhes estar andando assim para sempre, congelados pelas rajadas que perfuravam as roupas. Armath brilhava tanto que, sem os mantos, ficavam bem em evidência para quem quisesse ver, na neve.

Afinal, Morpeth permitiu a Rachel outro descanso. Sabia que Dragwena logo chegaria — os rastros de seus passos desajeitados funcionariam como indicações gritantes para sua visão noturna e para os lobos. Rachel dormiu, o rosto meio enterrado na neve escura. Morpeth a botou nas costas. Abaixou o rosto e caminhou sem parar no impacto do vento: o puro desespero levava suas pernas.

Foi então que reparou no lobo.

Tinha mais de dois metros de altura da pata aos ombros. Trinta ou mais dessas bestas os tinham cercado sem que notasse. A respiração gelada lhes saía dos focinhos e seus olhos amarelos faiscantes olhavam de um modo quase indiferente para Morpeth e Rachel. O líder dos lobos trotou à frente, casual. Era Scorpa, uma loba: feroz, destra e mortal. Morpeth a conhecia bem, pois a tinha treinado quando filhote.

— Alô, velho — Scorpa disse. — Vejo que Rachel o tornou bonito. É uma pena ela ter esquecido de mudar seu *cheiro*. Isso foi um erro.

O bando de lobos arreganhou os dentes.

Morpeth acordou Rachel. Teve que sacudi-la diversas vezes.

— Seja bem-vinda, criança — disse Scorpa, fazendo uma reverência cortês. — Saudar alguém que conseguiu escapar da própria Dragwena é uma rara honra.

— Deixe-nos! — Rachel tentou, debilmente, usar a voz de Dragwena.

A maioria dos lobos se mexeu, desconfortavelmente. Scorpa simplesmente balançou os quadris cinzentos, e uivou, zombeteira.

— Não foi uma tentativa ruim. Mas não somos tão facilmente enganáveis como as árvores do Bosque da Draga.

Morpeth botou a faca no pescoço de Rachel.

— Deixe-nos ou a mato! — ele grunhiu.

Um lobo saltou como um raio, tirando da mão dele a lâmina.

— Não foi suficientemente rápido — zombou Scorpa. — Rachel lhe deu um corpo esguio e jovem, mas seu movimento é geriátrico. Outro erro. Mas Dragwena logo vai polir as arestas da criança.

Ela lambeu os beiços, dando com a pata no chão.

— Vou lhe dar uma opção, Morpeth: posso soltar o bando em cima de você de uma vez, ou você pode me dar a honra de um combate individual. Prometo que os outros não irão interferir. Pelo menos, você terá a chance de me fazer cócegas na carne antes de morrer. O que diz?

Morpeth ergueu as mãos abruptamente. Uma luz azul saiu delas, furando o céu como um farol.

— Ainda espera salvação neste momento? — ironizou Scorpa. — Venha. Estou ficando cansada. Escolha!

Morpeth cuspiu no focinho dela.

— Prefiro lutar!

E deslocou-se para o círculo do combate. O lobo com a faca lhe jogou a lâmina de volta. Ele a agarrou com a mão direita, junto ao quadril, à moda dos guerreiros. Com a esquerda, chamou Scorpa.

— Venha, então! — rugiu. — Ou está com *medo*, loba?

Scorpa botou os dentes de fora. Lentamente, os dois rodaram em torno um do outro, farejando pontos fracos. Com destreza, a loba pisava macio no chão e quando pulou, não deu aviso algum — seu movimento foi tão veloz que Rachel mal viu. Scorpa mergulhou a presa na coxa de Morpeth e saltou de banda. Este abafou um grito, mas se manteve de pé — cair significaria morte instantânea. Scorpa atacou de novo. Fingindo atacar a mesma perna, mudou de direção no último momento e pegou Morpeth se virando. Enquanto este se dava conta de seu engano, as presas lhe furaram o

estômago. Quando a loba levantou o focinho, pingava sangue e carne arrancada. Scorpa logo deu um pulo para longe e o fraco golpe de Morpeth não atingiu sua barriga.

— Você ficou fraco, velho — regozijou-se Scorpa —, enquanto eu fiquei forte. Não sou mais o filhote que você treinou há tanto tempo. Eu esperava uma luta melhor que esta.

Morpeth cambaleou dentro do círculo, enfrentando-a outra vez.

— O inimigo sempre corre mais perigo quando está desesperado — grunhiu ele. — Ensinei isso a você, lembre-se. A sua força nunca se equiparou à minha astúcia.

Mas suas palavras soaram vazias e Scorpa sabia disso.

— É hora de acabar com você — disse, visando seu pescoço.

Mas não o atingiu. Quando Scorpa saltou, uma imensa águia branca, tão grande quanto a própria loba, surgiu da escuridão e afundou as garras em seu pescoço. No mesmo instante, outras duas águias pousaram, apanharam Rachel e Morpeth e dispararam pelo ar. Os lobos pularam em suas caudas, mas as presas não as alcançaram. As aves escaparam, carregando Morpeth e Rachel para o alto, para dentro da nuvem. Em segundos deixaram os lobos latindo bem longe e rumaram para o sul.

— Vale do Sono! — instou Morpeth, transido de dor, por causa dos ferimentos. — Leve-nos para o Vale, Ronnocoden!

A grande águia branca curvou a cabeça em direção a Morpeth para receber as direções exatas. Com a caída da noite, tinha ficado circulando com as companheiras na segurança das baixas nuvens de neve, aguardando um sinal qualquer. Agora, os grandes pássaros cortaram propositalmente através da tempestade. Com as rápidas e quase silenciosas batidas de asas, Morpeth e Rachel foram carregados através do céu, as águias caindo da nuvem no último momento possível, para evitar serem detectadas.

Morpeth resvalou das costas de Ronnocoden e bateu os punhos na neve homogênea. Seis vezes. Quatro vezes. Três vezes. A alguns metros, a neve se abriu e revelou uma porta secreta. Braços ávidos o puxaram para dentro. As águias no mesmo instante alçaram vôo para o sul.

Rachel piscou na luz clara do túnel à frente. Três Sarren ali estavam. Ao lado, Trimak, espantado com o sangue que jorrava do

casaco de Morpeth.

Trimak trabalhou furiosamente para estancar a ferida de Morpeth. Scorpa tinha desempenhado bem sua função: o estômago estava rasgado e o sangue vital para Morpeth bombeava do ferimento, espalhando-se rapidamente.

Trimak sabia como consertar ossos quebrados, queimaduras menores ou sangramentos leves, mas aquele era um ferimento além de suas habilidades. O rosto cinzento de Morpeth já estava franzido com o esforço de se manter consciente.

Em poucos minutos, Trimak sabia, Morpeth ia morrer.

Morpeth sabia também. Olhando o estômago rasgado, levantou a cabeça, fracamente.

— Bem — disse, com um sorriso fraco. — Acho que este ferimento está além mesmo das suas mãos habilidosas, meu velho amigo. Eu deveria ter deixado Ronnocoden nos levar até o Palácio, mas tive medo que a Bruxa fosse esperar ajuda daquela direção. Fiz a escolha errada de viajar a pé. Fiz tantos erros... tantos.

— Cure-se! — Trimak ordenou. — Você veio longe demais para nos deixar agora.

O rosto de Morpeth se torceu de dor.

— Curar-me? Acho que mesmo que meus poderes estivessem em sua capacidade plena, eu não seria capaz de consertar este ferimento. E nada sobrou. Nada.

Trimak abaixou o rosto para esconder a emoção.

— Você trouxe a criança-esperança de volta! — ele disse. — Contra impedimentos impossíveis você a resgatou duas vezes. Ainda há esperança para nós graças a você.

— Cuide bem dela — Morpeth disse. — Rachel está tão cansada. Deixe-a descansar.

— Sempre pensando nos outros — disse Trimak.

Ele olhou para longe, as lágrimas pingando pelas bochechas.

— Pelo menos, agora, Dragwena jamais tocará em mim — murmurou Morpeth. — Isso, em última instância, neguei a ela.

Seu corpo amoleceu de encontro à parede do túnel e os olhos azuis vivos fecharam-se.

Trimak enterrou a cara no ombro de Morpeth, abandonando-se ao choro, as lágrimas explodindo. Rachel cambaleou para o lado

onde estava Morpeth.

— Não desista! — gritou para Trimak. — O que houve com você? Faça-o viver! Faça alguma coisa!

Trimak olhava o chão, inutilmente. Rachel pôs as mãos sobre o sangue que escorria de Morpeth, tentando contê-lo.

Morpeth não estava morto, ainda não. Conseguiu abrir os olhos.

— Rachel, não há nada de errado que você não possa endireitar.

Ele olhou para ela, grave.

— Agora, depende de você.

— Não morra! — implorou Rachel. — Não morra, Morpeth. Eu não vou suportar!

— Você tem que suportar — ele disse.

Sua cabeça caiu, pesada, nas mãos de Trimak. Todos os Sarren ajoelharam-se num dos joelhos e levantaram as espadas.

— Não! Não! Não! — berrou Rachel. — Eu não vou deixar você morrer. Não vou!

Empurrando Trimak, agarrou as bochechas de Morpeth. Ele ainda respirava de leve, superficialmente. Rachel obrigou-o a abrir os olhos e olhou dentro deles. O que poderia fazer? *Tem de haver alguma coisa!* Sentiu a mente repuxar — e olhou para baixo: onde antes só havia uma confusão de osso e sangue, Rachel de repente viu o caminho para curar Morpeth, aberto ali como um diagrama. Não esperou para ponderar como aquilo poderia ter acontecido. Com precisão, como um escapelo, sua mente procurou a ferida, o sangue, cada músculo rompido, as veias, as camadas epidérmicas. Agiu imediatamente.

Morpeth, deitado, entrou em convulsão e levantou a cabeça. Seu estômago se mexia por baixo dos músculos. Camadas de nova carne cresceram dos farrapos, selando a ferida. Um novo umbigo apareceu com um *estalo* no lugar de onde o antigo tinha sido arrancado.

Todos os Sarren contemplavam Rachel, descrentes.

— Como foi que você fez isso? — Morpeth espantou-se.

— Eu... eu não sei — disse Rachel, honestamente.

Ela pesquisou o cérebro procurando a fonte de seus poderes, sentindo uma camada diferente de magia crescendo no seu interior, mais poderosa, coçando para ser usada. Mas, conforme explorava em busca de respostas, uma onda de exaustão a carregou. Agora que Morpeth estava salvo, ela mal conseguia manter os olhos abertos.

— Eu estou tão cansada... — murmurou. — Cansada demais... para pensar.

— Durma, então — disse Morpeth. — Ninguém mais que você merece dormir — ele riu, com a voz tilintando de vida. — Durma e, quando você acordar, vamos tomar café-da-manhã juntos outra vez!

— Eu quero ver Eric — Rachel disse, fracamente.

— Ele está sendo bem cuidado.

— Tenho medo dos sonhos que eu possa ter, Morpeth. Por favor. Eu não quero dormir.

— Tenha bons sonhos — ele disse. — Dragwena está muito longe agora. Não pode lhe fazer mal. Eu não vou permitir que ela se aproxime. Prometo.

Rachel sentou-se no colo de Morpeth, encostou-se em seu ombro e adormeceu imediatamente, cansada demais até mesmo para explorar seus novos dons e o que eles significavam.

VALE DO SONO



Rachel dormiu toda a noite e até a tarde do dia seguinte. O sol de Ithrea tinha começado a se pôr, espalhando raios aguados pelo céu quando afinal despertou. Estava numa cama macia que o próprio Morpeth tinha arrumado. Ele estava recostado a uma cadeira a poucos metros de distância, roncando baixinho.

Rachel saiu da cama silenciosamente, cuidando para não acordar Morpeth, e se lavou, usando uma bacia que tinha sido deixada para ela no quarto. Roupas limpas tinham sido colocadas junto à cama: calças de lã rústicas e uma camisa grossa de linho marrom. Não eram as roupas magníficas que poderia escolher no guarda-roupa do Palácio, mas cabiam direitinho e Rachel, agora, as preferia.

Ela se sentou na beira da cama e tossiu alto.

Morpeth grunhiu e ergueu os olhos azuis brilhantes.

— Alô, belo — sorriu Rachel. — Estou atrasada demais para o café-da-manhã?

Morpeth se espreguiçou e olhou para ela.

— É claro que não! Mas aqui não temos tantas opções como na sala do café do Palácio.

— Não faz mal. Qualquer coisa serve.

Ele deu umas batidinhas na barriga.

— Lindo umbigo — disse. — Uma grande melhoria em relação ao antigo. Muito mais bonito.

— Não sei como fiz isso — disse Rachel, séria. — O que quer dizer isso? Sei que minha mágica está se desenvolvendo depressa, mas não tanto.

— Eu não tenho idéia — admitiu ele. — Mas estou grato. Olhe para mim: bonito, em suprema forma, um par para qualquer soldado Neutrana! — Ele saltou de quatro no ar, deu uma cambalhota perfeita e aterrissou nos pés. — Eu não sei o que você fez, Rachel, mas me sinto fantástico!

— Como está Eric? — perguntou Rachel.

— Ah, boa pergunta. Acho melhor você vir ver o surpreendente Eric você mesma. Você não vai acreditar no que ele está fazendo. Venha.

Morpeth lhe deu o braço e a escoltou a um quarto onde Eric estava sentado numa cadeira pequena. Rachel caiu em prantos, abraçando-o diversos segundos, sem querer largar.

— Ei, você está bem? — perguntou, afinal, alisando o cabelo dele.

— Estou bem.

Ele riu.

— É melhor ter cuidado! Eu agora consigo fazer coisas. Coisas *especiais*. Conte a ela, Morpeth.

Morpeth sorriu.

— Lembra-se das nossas brincadeiras na sala do café?

— É claro — ela disse.

— Escolha uma coisa qualquer para imaginar. Qualquer coisa.

Rachel deu de ombros.

— Uma flor?

— Muito bem. Agora veja.

Um momento depois, um narciso flutuava no ar, acima da cabeça de Morpeth.

Eric apontou o dedo para a flor, que desapareceu.

Morpeth criou seis ramos de flores diferentes e fez com que corressem pelo teto.

Eric os apontou com o dedo-varinha, um por um.

— Ele tem mágica! — gritou Rachel. — É capaz de fazer as coisas que nós podemos fazer!

— Não, você está enganada — disse Morpeth.

Ele olhou para Eric.

— Faça um ramo de flores.

— Não consigo — Eric disse. — Você sabe disso.

— Tente de novo — Morpeth insistiu com ele. — Vá.

Eric contorceu o rosto diversos segundos, os lábios muito apertados. Afinal, com um grunhido de irritação, desistiu.

— Não consigo. E daí? Todo mundo aqui tem magia. Não é nada de especial.

— Eu não compreendo — disse Rachel. — Que poder é esse que Eric tem?

— Eu não tenho certeza — disse Morpeth. — Um poder muito incomum, sem dúvida. Nunca vi antes em criança alguma trazida a Ithrea. Eu acho que o descreveria como *antimágica*. Eric faz com que a magia desapareça.

Rachel fez cara de intrigada.

— Eu também sou capaz de fazer isso. Na sala do café nós fizemos as coisas desaparecerem.

— Não da mesma maneira que Eric — disse Morpeth. — Veja você mesma. Crie alguma coisa.

Rachel fez um único objeto, uma réplica perfeita da mesa de carvalho que seu avô tinha esculpido pouco antes de morrer, no inverno passado. Era um objeto que conhecia bem, já que ele, amorosamente, tinha mostrado a ela como foi feito cada detalhe — as juntas, a gaveta secreta, as muitas camadas de verniz, tudo pacientemente aplicado. Rachel se demorou formando a mesa cuidadosamente e depois colocou a imagem no centro do quarto.

Eric, mesmo sem olhar para ela, apontou. No mesmo instante a mesa sumiu. Rachel tentou refazê-la, mas descobriu que já não conseguia se lembrar com nitidez como era. Concentrou-se com fúria, mas só conseguia refazer uma mesa ligeiramente parecida com a original.

Afinal, olhou para Eric espantada.

— Tente uma outra coisa qualquer — disse Morpeth.

Então, concentrando-se muito, Rachel fez uma lâmpada. Esta também desapareceu e, mais uma vez, ela não foi capaz de recriá-la.

— Está vendo? — gritou Morpeth. — Eric elimina a mágica *permanentemente!* Seja lá o que for que você conseguir criar, ele é capaz de destruir, e parece ser impossível usar aquele mesmo sortilégio outra vez. Ele desaparece *para sempre.*

Rachel pensou imediatamente em Dragwena.

— Você também é capaz de destruir a mágica da Bruxa?

— Talvez. Não tenho certeza — disse Eric, hesitante. — Parte dela. Não a melhor mágica que ela faz. Ela é capaz de esconder as coisas. E eu acho que Dragwena tem uma mágica que é um monte de sortilégios juntos, mudando o tempo todo. Poderiam me confundir.

— Por que você não tentou fazer essas coisas antes? — perguntou Rachel.

— Eu não sabia que era capaz — ele disse. — Fiz por acaso. Morpeth estava praticando sua mágica. Estava me perturbando. Eu queria que parasse e... vapt vupt!

Rachel beliscou o nariz dele, pensando no que dizer.

— Você é... Eu não consigo fazer nada parecido com isso!

Eric sorriu, feliz. Desde que chegou a Ihtrea, era a primeira vez que Rachel o via daquele jeito vaidoso, antigo, dele. Estou só imaginando... pensou ela. Por um instante se viu lutando contra Dragwena enquanto Eric apontava o dedo antimágica, desfazendo, um por um, os encantamentos da Bruxa.

E, sentada a uma grande mesa de pedra, ficou brincando com Eric, até que Morpeth lhe trouxe uma tigela de sopa e um pedaço de pão duro.

— Nada de sanduíches de chocolate, temo — ele se desculpou.

Enquanto ela comia, Eric se aproximou de Rachel, examinando seu cabelo com atenção.

— Eca! — disse, recuando. — Seu cabelo está grisalho. Todo grisalho.

Rachel levantou a franja. Sentia o couro cabeludo seco e escamoso. Correndo a um espelho próximo, repartiu o cabelo em vários pontos. Em toda parte, sob a superfície, estava branco e fino. Ao puxá-lo, um tufo lhe encheu a mão.

— O que está acontecendo comigo, Morpeth? — perguntou, em estado de choque. — Será que estou *envelhecendo* como você e

Trimak por usar mágica demais?

Morpeth tocou nos cachos.

— Provavelmente não é nada — respondeu, em tom casual. — O estresse dos últimos acontecimentos. Usar mágica não faz você mudar tão depressa assim.

Rachel continuou se olhando no espelho, tentando ver se estava com as rugas típicas dos Sarren em torno dos olhos. Não havia rugas, mas havia *outras* mudanças: sentia a mandíbula mole e os olhos ardiam.

Enquanto ponderava sobre isso, Trimak apareceu à porta. Parecia exausto.

— Quer dar uma olhada por aí, conhecer o Vale do Sono, Rachel? — perguntou. — Não é lá uma linda vista...

Rachel segurou a mão de Eric, ainda esfregando os olhos ardidos, e penetrou nas cavernas principais.

Estavam cheias de Sarren feridos. Pequenas camas improvisadas, pouco mais que trapos como roupa, cobriam o chão e dúzias de homens e mulheres, deitadas, imóveis, gemiam baixinho. Uns poucos, entre os menos feridos moviam-se em meio a eles, administrando remédios simples e dando o máximo conforto que podiam dar.

Rachel espantou-se ao ver os Sarren.

— O que houve?

— Lutaram contra os Neutrana no subsolo do Palácio — disse Trimak. — A maioria tinha apenas as mãos como armas. Só ficaram mais ou menos cem. O resto morreu nos túneis ou na viagem para o Vale do Sono.

— Vocês vieram *a pé*? — admirou-se Rachel. — Quer dizer que percorreram todo aquele caminho na neve sem que Dragwena os visse?

— Foi uma viagem terrível — disse Trimak. — O medo da Bruxa nos guiou através das tempestades de neve. Acredito que só conseguimos porque os espiões de Dragwena estavam procurando um prêmio maior, estavam procurando por *você*.

Rachel olhou, muda, para os Sarren feridos e, de repente, tudo o que tinha sofrido, tudo o que tinha passado desde que ela e Eric chegaram a Ithrea, pareceu demais para suportar.

— É tudo nossa culpa! — ela disse. — Dragwena me deixou escapar só para pegar os Sarren todos juntos, numa armadilha, no subsolo do Palácio. Aí, usou Eric para descobrir meu paradeiro. Talvez ainda esteja usando nós dois. Dragwena seria capaz de encontrar vocês todos no Vale do Sono porque *nós estamos* aqui. Pensaram nisso?

— Sim, é claro — disse Trimak. — É um risco que temos que correr.

— É? — perguntou Rachel. — Sei que vocês acreditam que eu sou a criança-esperança. Querem que eu lute contra Dragwena. Sei que tenho que fazer isso. Mas... — segurou as lágrimas, agarrando a mão de Eric. — Mas...

— Você está com medo da Bruxa — disse Trimak. — Eu sei. Todos nós estamos.

Os olhos umedecidos, ele baixou a cabeça.

— Estamos exigindo tanto de você.

Rachel segurou o cabelo comprido, que já não estava completamente escuro, com as duas mãos.

— Não me importo — disse. — Mas vocês já repararam que não sou mais a tal criança morena?

Ela encarou Morpeth.

— Farei qualquer coisa para manter vocês e Eric em segurança. Mas o que consegui até agora? Sequer fui capaz de assustar uns poucos lobos. Eric aponta seus dedinhos e meus encantamentos desaparecem, do nada. Como esperam que eu derrote a Bruxa? Vocês não têm idéia do quanto ela é poderosa. Eu acho que Dragwena poderia estar simplesmente brincando conosco. Voa por aí, se diverte matando Sarren, acariciando aquela cobra repulsiva. O que posso fazer para atemorizá-la de verdade?

Por um momento fez-se um silêncio tenso dentro da caverna. Aí, Rachel notou um homem ajoelhado, a pequena distância — um homem que Rachel reconheceu: Grimwold.

— Eu me lembro de você — Rachel falou. — Você me deu a chance de escapar da torre-olho.

O rosto de Grimwold exibia um corte sério. Uma de suas orelhas tinha sido arrancada.

— A criança-esperança — espantou-se. — Então aquelas mortes todas... não foram em vão.

Esticando-se, alcançou o braço de Rachel.

— Você é mesmo a criança-esperança? É? Quantas mortes mais terá de haver?

Rachel leu a expressão de Grimwold — seu desespero e esperança.

— Oh, aquele poema estúpido — ela murmurou. — Eu não sei o que quer dizer. Para que serve aquilo? Sequer sou capaz de me *lembrar* dele com clareza.

Grimwold continuou segurando o braço dela, e disse:

*“Será uma menina morena
a libertar os inimigos
e cantar em harmonia.
Do mar do sono e da clara aurora
eu surgirei
e guardarei sua alegria de criança.”*

— Continua sem fazer qualquer sentido para mim — Rachel disse.

— Sei um outro poema — disse Eric.

Todos ficaram congelados.

— Um poema sombrio — ele disse.

Rachel olhou para Trimak.

— Você sabe o que ele quer dizer?

Todos os Sarren sacudiram as cabeças, atemorizados.

Eric pigarreou e disse:

*“Será uma menina morena
corações justos feridos
terror antigo desperto
crianças não nascidas
magos sob a relva
escuridão sem aurora.”*

Quando Eric terminou, todos os Sarren cobriram as orelhas, berrando de dor.

— O que quer dizer isso? — Rachel perguntou, atônita.

— Quer dizer isso — disse Eric, baixinho. — Corações justos feridos, crianças não nascidas, Magos debaixo da terra, trevas sem aurora. Dragwena vai matar todas as crianças e os Magos, exatamente como disse a Rachel.

— Por que você não nos disse isso antes? — disse Rachel. — Uma coisa tão importante assim...

— Eu não sabia as palavras, até agora há pouco — Eric protestou, sem ênfase. — Não me pergunte por quê!

— Não sou eu, sou? — disse Rachel. — Dragwena precisa de *mim* para completar o verso sombrio. Ela precisa do meu poder. E se me transformar numa Bruxa, vou ajudá-la a fazer todas essas coisas terríveis. Eu sou a criança-esperança ou... o *fim* de toda a esperança.

Morpeth e Trimak olharam para o chão, incapazes de enfrentar o olhar de Rachel.

— Vocês não sabem de *nada*, não é? — ela disse, mal conseguindo conter a frustração. — Vocês esperam que eu saiba! Vamos simplesmente esperar que Dragwena venha e nos pegue? Estou cheia de ficar me escondendo e fugindo. Deve haver alguma coisa que possamos fazer. Quanto tempo vai levar para Dragwena nos encontrar?

— Talvez semanas — Trimak disse. — Mais provavelmente, dias. A Bruxa pode até já saber que estamos aqui.

Rachel puxou Eric para junto de si.

— O que vamos fazer?

Eric se pôs a chorar. Grandes lágrimas lhe rolavam pelo rosto.

— Rachel, eu não sei. Você vai pensar em alguma coisa. A Bruxa ainda não pegou você.

E aí Rachel ouviu alguém rir.

A voz não era humana. Rachel a reconheceu instantaneamente: Dragwena.

17
DENTES



Feito louca, Rachel olhou em torno da caverna.

— *Não estou nesse buraco imundo* — zombou a voz de Dragwena.

Rachel pensou:

— Então, onde?

— *Dentro de você, criança.*

Um terror abateu-se subitamente sobre Rachel, fazendo-a estremecer.

— Como pode estar?

— *Olhe sua mão.*

Rachel abriu os dedos. A estrela de cinco pontas, a marca da Bruxa, agora preta e grossa, brilhava na palma.

— *Estou terminando o trabalho interrompido pelos Sarren na torre-olho* — Dragwena explicou. — *A ferida que fiz em você naquela hora foi profunda. A transformação em Bruxa será agora rápida e indolor. O seu sangue já está ficando mais fino, mudando de cor. Finalmente, será esmeralda vibrante, brilhante demais para que seus olhos humanos suportem. Mas, nesse momento, seus olhos também já não serão humanos...*

Rachel arrancou a marca da Bruxa com as unhas. O sangue que jorrou era amarelo. De sua mente saiu um grito agudo:

— O que você fez comigo? Isto não pode estar acontecendo.

— *Seus amigos na caverna com certeza terão um choque* — riu Dragwena. — *Eles acham que você é a criança-esperança, que vai guiá-los para casa. Que surpresa terão quando quatro mandíbulas de Bruxa saltarem do seu rosto, com aranhas por baixo.*

Rachel apalpou a boca. Notou uma massa dura, sólida, brotando sob a carne, nas duas bochechas.

— *Dentro de poucas horas a mudança estará completa* — Dragwena disse. — *Você não vai mais precisar de sono. Suas pálpebras vão se dissolver. As narinas se ampliarão e farão pregas de pele sensível, revelando extraordinários aromas novos. Você vai gostar de tudo isso, juro.*

Rachel fechou bem os olhos, desesperada, para deter aquela voz.

— *Isso não vai funcionar* — disse Dragwena. — *Agora sou capaz de ler cada pensamento seu, conhecer seus medos e esperanças. Não haverá escapatória. Não lute. Entregue-se a mim de boa vontade.*

Todo o corpo de Rachel entrou em convulsão, de medo. Olhando em volta desesperadamente, atrás de ajuda, tropeçou e caiu no chão da caverna.

— Rachel, o que foi? — perguntou Morpeth, correndo para apanhá-la.

Vencendo a distância, Eric fez uma coisa que não fazia desde que deixara de ser bebê — pôs os braços em torno do pescoço de Rachel. Abraçou-a forte, e Rachel soluçou, entregue a seu abraço, explodindo numa onda de lágrimas.

— *Eu sei* — ele sussurrou. — *Dragwena está dentro de você, não é?*

Rachel enterrou-se no ombro dele, desalentada demais para responder.

Morpeth olhou fixamente para Eric.

— *Como sabe o que está acontecendo? Como é possível que você saiba?*

— *Simplesmente sei. Rachel precisa ficar sozinha.*

Morpeth ergueu Rachel e a carregou da caverna para um pequeno aposento onde havia alguma privacidade. Por todo o

percurso, Eric segurou com força a mão dela, encorajando-a com pequenos sorrisos luminosos, nem um pouco embaraçado. Rachel sabia que Eric normalmente jamais se comportava assim. Aquilo queria dizer que não poderia mais sobreviver sem a ajuda dele?

Morpeth a depositou com cuidado no chão, enxugando-lhe as lágrimas.

— Pronto — murmurou, levantando o queixo dela. — Estamos sozinhos, você, eu e Eric.

— Não estamos sozinhos — ela disse. — Dragwena está em mim. Ela sabe *tudo* o que eu sei.

— O que devemos fazer? — Morpeth perguntou.

Ele perguntou a Rachel, mas virou-se também para Eric, e foi Eric quem respondeu.

— Eu não tenho certeza — disse Eric. — Mas acho que, se a Bruxa é capaz de chegar dentro da cabeça dela, então Rachel também poderia ser capaz de chegar dentro de Dragwena.

Ele agarrou Rachel pelos ombros.

— Tente, Rachel. Vá. Descubra coisas sobre a Bruxa. Rachel concordou, debilmente. Agarrada à mão de Eric, obrigou-se a relaxar. Fechou os olhos, limpando a mente. E, então, lenta, hesitante, com o maior cuidado, começou a sondar. Desceu até alcançar uma outra presença — uma presença que ardia com os próprios desejos antigos, antigos: Dragwena.

— *Olhe por muito tempo e olhe bem* — Dragwena sussurrou. — *Desejei este momento durante muito tempo, criança. Eu teria preferido pegá-la antes de você chegar ao Vale do Sono, mas isso já não tem importância. Faz tanto tempo que não leio com tanta abertura os pensamentos de uma outra pessoa! Só as Bruxas têm esse dom. Nós começamos a conversar desta maneira na torre-olho. Agora, está bem mais fácil. Como você está vendo, logo seremos Bruxas juntas. Eu não preciso ter segredos para com você de agora em diante. Olhe mais.*

A mente de Dragwena se estendia, vasta, convidando. E Rachel varava os segredos escuros de sua memória. Experimentou as sensações que traziam conforto a Dragwena: a carícia de sua cobra-alma; a alegria de viajar dentro de um tufão na tempestade, à

margem do mundo; as aranhas que se ocultavam na segurança de sua garganta. E lobos. Rachel sentiu o que era, para Dragwena, estar em meio à alcatéia: o cheiro dos lobos, juntos, caçando, à altura da cintura da Bruxa. Com eles correr a toda parte e a lugar nenhum, acompanhando a caçada, onde levasse...

— *Vá mais fundo* — insistiu Dragwena.

Rachel foi. Testemunhou a longa busca da Bruxa em meio às Montanhas Esfarrapadas de Ithrea. Dragwena voou feito pássaro, para lá dos altos pólos, onde o gelo congelava em suas asas gigantescas.

— O que está procurando? — perguntou Rachel.

— *Larpskendya. O Mago me disse que deixaria sua canção neste minúsculo mundo. Eu procurava o aroma de sua mágica, para poder matar sua presença, onde quer que se escondesse.*

Rachel observou Dragwena se transformar em dúzias de criaturas. Como tubarão, debaixo do vasto Oceano Endellion, a Bruxa buscou, seu corpo mergulhando fundo no leito rochoso, onde a boca transformou-se num moinho sem fim, triturando um milhão de criaturas do mar com guelras fluorescentes. Durante séculos ela procurou. A Bruxa vasculhou cada canto do mundo, embaixo do mundo, os altos céus, dia e noite. Com tanta frequência Rachel viu constelações alienígenas passarem por ela relampejando, que já as conhecia intimamente.

Por fim, a procura de Dragwena terminou.

— Você jamais o encontrou — Rachel deu-se conta. — Sequer sabe o que é a canção de Larpskendya. Mas, ela continua aqui, em algum lugar, não é? Protegendo Ithrea, *nos* protegendo.

Seu coração elevou-se nos ares.

— Eu me lembro do sono-sonho — ela disse, desafiadora. — Larpskendya prometeu proteger as crianças na Terra, desenvolvendo sua mágica. Ele disse que elas seriam capazes de usá-la contra você, se necessário.

— *Nenhuma criança jamais veio com mágica suficiente para me desafiar* — disse Dragwena. — *Mas Larpskendya manteve sua palavra. Durante longas eras eu trouxe crianças para Ithrea. Seus poderes melhoravam sempre. Você é a mais forte de todas, Rachel. Mas não é forte o suficiente para me desafiar.*

— Eu fico imaginando... — disse Rachel. Será que poderia ser mesmo a criança-esperança? E Eric? E o dom dele? Era ameaça para a Bruxa? Ela sentiu medo na mente de Dragwena, depois rapidamente disfarçado, mas medo, mesmo assim. E sentiu-se agradecida. — Então, não conseguiu encontrar Larpskendya. Que bom. E o que fez em seguida, Bruxa?

— *Este era o planeta dele, o mundo de Larpskendya. Eu odiava tudo. Eu o transformei!*

Rachel observou a Bruxa deslizar por sobre a viva floresta original de Ithrea. Quando tocou as árvores, estas enegreceram e morreram. Com as unhas, Dragwena fez solos férteis e flores luxuosas fenecerem. Atravessando os céus azuis vibrantes, tornou-os cinza sem vida. Tornou a neve cinza mais profundo. Filtrou a luz amarela do sol até remover toda cor e calor. Mas nem isso bastou. A Bruxa alcançou as partes mais recônditas do mundo e criou os furacões, arrotando relâmpago e nuvem. Aí, Dragwena voltou-se para os animais simples, dando a corvos rostos de bebês e a cães o tamanho de ursos, capazes de falar e confortá-la em sua solidão. E, um dia, num capricho, Rachel viu a Bruxa tirar para sempre das águias as vozes com que cantavam, dadas por Larpskendya.

— Não me admiro de nada que você fizer agora — murmurou Rachel. — Vi como aprecia matar e mutilar sem qualquer razão. Eu jamais permitirei que você me use para isso!

A voz de Dragwena riu.

— *Vamos ver. Águias, crianças, tudo o que você conhece ou sente agora logo não terá sentido. Só tem importância a batalha contra os Magos, a guerra sem fim. Mas nem tudo é guerra, Rachel. Há também a Irmandade das Bruxas, para trazer calor. Gostaria de vê-la? Gostaria de ver o meu mundo, o mundo do meu lar, o planeta de Ool, mundo das Bruxas?*

Rachel sabia que Dragwena estava tentando seduzi-la. Mas, desta vez, ao contrário do que se deu na ocasião do sono-sonho ou das experiências na torre-olho, Rachel sentiu que era capaz de resistir à Bruxa. Confiante, disse:

— Mostre-me, então, seu mundo-lar. Deve ser feio, se você veio de lá.

Rachel viu-se a flutuar acima de um planeta gigantesco. O céu era cinza forte, quase preto, e o sol sem vida não oferecia calor. Como esperava, viu os furacões — mas diferentemente de Ithrea, os furacões em Ool cobriam o planeta inteiro. E, dentro, viajando em seu topo, Rachel viu as Bruxas — milhões delas. Voavam nas rajadas enfurecidas, praticando seus encantamentos. Enquanto observava, Rachel sentiu um desejo de estar lá, voando com as Bruxas. Quem eram elas? Quais os seus nomes? Eram todas mulheres. Mães? Irmãs? Acenavam, levantando os braços despidos, implorando a Rachel que se juntasse a elas.

Rachel quis voar em meio às Bruxas. Reconheceu esse sentimento, que a arrastava para dentro dos desejos de Dragwena e resistiu a ele. Ela dispensou o Mundo Ool da mente, e viu que Dragwena não estava esperando por isso.

— Como você trouxe as crianças da Terra? — Rachel perguntou.

Rachel agora via Dragwena sentada, sozinha, nas neves sem fim de Ithrea.

— *Larpskendya certificou-se de que eu não fosse capaz de sair do planeta. Fiquei presa, mas dei início a um encantamento, um único sortilégio de procura. Levou doze anos, Rachel, para se iniciar, e cem anos mais para ser aperfeiçoado. Sua fabricação quase me destruiu.*

Rachel observou os anos de criação do sortilégio passarem feito relâmpago. Durante esses anos todos, a Bruxa mal mudou de posição na neve, mal moveu a cabeça. O esforço para terminar o encantamento fez Dragwena adoecer: as bochechas vermelho-sangue fervilhavam de vermes e os dentes apodreciam, com a morte das aranhas que os limpavam.

— *Larpskendya cometeu um erro. Jamais deveria ter me dito que estava desenvolvendo magia na Terra. Isso me deu uma ligeira esperança. Investi tudo o que tinha na criação desse sortilégio. Finalmente, ficou pronto.*

Rachel observou Dragwena arrastar o corpo alquebrado para o cume da mais alta montanha de Ithrea e respirar diante das estrelas radiantes. O sortilégio pulou céu afora. Furou o mundo exterior e se espalhou em diversas direções, procurando.

— *Esperei mais de mil anos* — Dragwena disse — *até ficar tão enfraquecida que imaginei que os próprios lobos poderiam acabar comigo. Mas, afinal, o sortilégio encontrou a sua Terra. E, aí, pude tirar crianças dela, trazê-las para cá e usar a magia delas para me reviver.*

Rachel lembrou os Magos e o Exército das Crianças.

— Por que você não voltou? Você jurou matar as crianças que se voltaram contra você. Sei o quanto as odiava, e ainda odeia.

— *A magia das primeiras crianças não era suficientemente poderosa. Mas fui paciente, esperei. Sabia que um dia chegaria uma criança forte o bastante para me ajudar a voltar; você, Rachel.*

— Posso ler sua mente assim como você pode ler a minha — disse Rachel. — É perigoso para você me deixar entrar, Bruxa. Vou descobrir uma maneira de feri-la.

Dragwena sussurrou:

— *Não, criança, você não está entendendo. Pretendo manter você aqui, ligada à minha mente até eu ter certeza de que a transformação está completa. Quando for uma Bruxa completa, faço você voltar às cavernas e a solto lá. Primeiro, acho que você deverá matar os traidores, Morpeth e Trimak. Depois disso, temos de decidir como usar o pequeno Eric. Seu irmão tem poderes que ainda não entendi inteiramente. Se não formos capazes de dominá-los para os nossos propósitos, vamos destruí-lo. Talvez eu deixe você matar o seu próprio irmão, Rachel, se o exército que mandei não alcançar o Vale do Sono primeiro.*

Dragwena abriu sua mente e Rachel viu soldados Neutrana marchando. Cinco mil deles — armados para luta corpo a corpo e ladeados de lobos — dirigiam-se às cavernas do Vale do Sono. O exército logo chegaria e Dragwena planejava matar todo mundo lá dentro.

Todo mundo com exceção de Rachel.

— Eu vou avisá-los! — enfureceu-se Rachel.

— *Tente sair. Veja se consegue!*

Rachel empurrou os pensamentos para longe, esperando ver-se de novo na caverna com Morpeth e Eric. Em vez disso, permaneceu no interior das idéias de Dragwena. Procurou a saída. Não havia

nenhuma. A rota original estava bloqueada ou ela a tinha esquecido. Todo atalho que tentava a levava mais para baixo, mais fundo na mente da Bruxa.

— Solte-me!

Dragwena riu. O som encheu os ouvidos de Rachel.

— *A transformação está se acelerando. Sinta-a! Consegue sentir a mudança? Você já tem novos poderes, além de qualquer coisa que Morpeth possa conceber. Está se tornando uma Bruxa. Venha a mim. Não combata. É inútil. Logo...*

De repente: um golpe.

Rachel sentiu-o bater dentro dela, como uma onda elétrica, uma bomba. Em seguida, mais um estrondo, duas vezes mais forte, seguido de gritos altos: gritos *de Dragwena*.

— O quê? — A Bruxa estava boquiaberta.

Mais uma explosão e, desta vez, Rachel ouviu algo romper-se. Olhou para cima e viu luz entrando através da ruptura e, acima da luz, um canto do Vale do Sono. Eric ali estava de pé, o rosto ardendo de concentração.

— Saia! — Ela ouviu Morpeth gritar. — Venha em nossa direção!

— Não! — disse Eric. — Primeiro, procure os sortilégios. Depressa, Rachel, encontre-os. Estou abrindo Dragwena para você.

Os golpes continuaram, penetrando no cérebro de Dragwena, abrindo-o em fatias. Rachel não hesitou. Espalhou seus pensamentos, ignorando a agonia de Dragwena. Rachel buscou nas regiões mais secretas até que achou o que estava procurando: *sortilégios* — sortilégios delicados e poderosos, sortilégios de mudança, sortilégios rápidos e sortilégios de tal complexidade que exigiam a reunião de conhecimentos indescritíveis. E, aninhados no ponto mais profundo de todos, estavam os encantamentos de morte — uma rica variedade de mortes. Rachel tocou neles todos, enchendo sua mente.

Os gritos de Dragwena cessaram abruptamente. Rachel piscou, vendo-se deitada nas cavernas do Vale do Sono ao lado de Eric e Morpeth.

Eric chutava as paredes, de frustração.

— O que você achou?

Rachel sentia-se confusa.

— Eu... eu não... onde está a Bruxa?

— Foi-se! Chutei Dragwena para fora da sua cabeça. Esmaguei a mágica dela. Ela fugiu. *Teve* que fugir, voltar para a torre-olho!

— Como foi que você fez isso?

Eric sacudiu a cabeça.

— Não sei. Simplesmente ataquei a mágica dela. É isso o que eu faço, lembra? Eu sabia que Dragwena mantinha você lá dentro através dos encantamentos. Senti você tentando achar uma saída, então entrei e matei os que a estavam segurando lá. — Ele deu um sorriso. — Dragwena não conseguiu fazê-los voltar. Como você, ela não sabia como fazê-los voltar!

Rachel levou uns minutos considerando o que tinha descoberto. Todos os encantamentos, inclusive os de morte, permaneciam em sua mente. Havia alguma coisa que pudesse usar para atacar a Bruxa?

A bochecha esquerda doía. Ausente, tocou-a... e, imediatamente, tirou a mão.

Dentes, novos dentes ferviam embaixo de sua pele.

Ela olhou para Morpeth.

— *Com que estou parecendo?*

O rosto dele se contorceu.

— Diga-me!

Morpeth deixou o quarto brevemente, voltando com um espelho. Agarrando-o com força, Rachel viu diversas coisas: sua pele estava vermelha, vermelho-sangue; seu nariz, uma massa esponjosa sem forma. Examinou os olhos. Faltavam as pálpebras. Forçou os lábios a se abrirem e notou, aninhadas nas gengivas, três novas dentaduras. Estavam quase totalmente formadas, brancas e curvadas para trás, empurrando a carne das bochechas, prontas para emergir.

Rachel deixou cair o espelho. Ficou imobilizada, aterrorizada demais para gritar.

Morpeth a agarrou pelos ombros.

— Sim, você está mudando, mas ainda é a Rachel que conheço! Você quer nos matar? Quer?

Rachel sacudiu a cabeça, ausente.

— Então... ainda temos esperança.

— Esperança? — Rachel respondeu zangada. — Olhe para mim! Eu *ainda* estou me transformando numa Bruxa! Dragwena me disse que isto iria acontecer.

Ela se voltou para Eric.

— Quanto tempo tenho até me transformar completamente?

— Eu não sei — disse Eric. — Não posso dizer.

— Você consegue acabar com o feitiço? — Rachel implorou. — É um encantamento. Deve ser. Você não pode parar o que ele está fazendo comigo?

Eric franziu a cara.

— Não. É um encantamento, mas não sei como, faz parte de você também. Não consigo compreender o que está acontecendo. Não sei como parar isso.

Rachel cerrou os dentes. As novas mandíbulas se encaixavam perfeitamente.

— Leve-me até Trimak e os outros — ela ordenou a Morpeth.

De volta ao interior das cavernas principais, todos se espantaram quando a viram. Diversos Sarren instintivamente puxaram as espadas. Rapidamente, ela lhes contou tudo, inclusive do exército de Dragwena, que se aproximava do Vale do Sono.

Rachel notou um homem, obviamente temeroso, que mal conseguia erguer a vista. Bateu os dentes, de maneira ameaçadora.

— Vocês *devem* ter medo de mim! — disse Rachel. — Dragwena disse que quando eu me tornar Bruxa vou apreciar matar vocês.

No momento em que teve esse pensamento, Rachel sentiu encantamentos de morte erguerem-se em seu espírito. Os encantamentos lhe diziam que já poderia matá-los a todos, se quisesse.

A Trimak, ela disse:

— Prepare todo mundo para sair.

— Escute, Rachel — disse Morpeth —, sei que você está se transformando em... *uma coisa qualquer*, mas isso não quer necessariamente dizer que terá de ser como Dragwena. Seu instinto ainda é nos proteger.

Rachel hesitou.

— Quer dizer que eu poderia lutar contra ela? A bruxa boa contra a bruxa má?

— Sim. Por que não? Talvez você nem esteja se transformando numa Bruxa do tipo de Dragwena. Você poderia ser capaz de proteger as cavernas, se fosse necessário. Temos de ter cuidado para tomar a decisão certa. Pense! Tudo o que Dragwena lhe mostrou pode ser mentira. Pode ser que não haja exército se aproximando do Vale do Sono.

Grimwold estava ajoelhado por perto.

— Não. Mandei verificar. O exército está vindo, exatamente como Rachel o descreveu.

Rachel olhou em volta da caverna para os rostos ansiosos dos Sarren.

— Não há muito tempo — disse. — Não acredito que possa derrotar a Bruxa. Nenhum dos encantamentos que aprendi me mostram como fazer isso. Mas acho que posso levá-los em segurança e aí... irei para algum lugar sozinha, bem longe. Não importa para onde. Vou esperar até a transformação se completar e ver o que acontece comigo. Não ousou permanecer perto de vocês agora. Não posso correr esse risco. Estou pensando... se eu puder levar Dragwena para longe, lutar contra ela, enfraquecê-la de algum modo, poderá haver uma chance.

Morpeth disse firmemente:

— Jamais abandonaremos você a Dragwena. Devemos ficar juntos, não importa o que acontecer.

Trimak puxou uma faca.

— Morpeth tem razão. Eu uma vez jurei usar isto contra você, Rachel.

Ele jogou a faca fora.

— Foi um pensamento vergonhoso. Sinto que Dragwena está deliberadamente tentando nos separar. Fique. Faremos o que pudermos para proteger você.

Grimwold concordou e todos os Sarren que tinham condições de ficar de pé ergueram as espadas e se ajoelharam diante dela.

— Não — disse Rachel, o lábio tremendo. — Cuidem de Eric. Simplesmente não nos deixem, eu ou a Bruxa, machucá-lo! Não...

Ela saiu andando, sabendo que Morpeth ou o resto dos Sarren jamais seriam capazes de proteger Eric de Dragwena. O pensamento de que ela própria poderia machucar Eric era insuportável. Será que Eric ficaria mais seguro com os Sarren? Ou com ela? Ou — por um instante Rachel teve uma terrível visão de Eric completamente sozinho nas neves de Ithrea, escondendo-se de ambas, ela e Dragwena.

Eric deu um tapa em seu ombro.

— Ei, você.

Rachel virou-se e sentiu os quatro queixos virando com ela.

— Eu confio em você — ele disse. — Não vá sem mim, Rachel. Não me deixe aqui.

Rachel puxou-o para perto de si.

— Você não está com medo de mim?

Ele sorriu sem jeito.

— Bem, um pouco. Os seus dentes parecem bater terrivelmente.

Rachel riu — todas as quatro dentaduras juntas.

— Mas eu tenho isto — Eric disse, apontando seu dedo para as paredes da caverna. — Não vou deixar Dragwena me assustar. *Não vou!*

Rachel tentou sorrir. Será que levar Eric com ela era a melhor coisa a fazer? Ou era isso que Dragwena queria que ela fizesse?

Grimwold andava para lá e para cá pela caverna.

— Não vejo como você pode nos tirar com segurança das cavernas, Rachel. Você espera que os Sarren corram desse exército que avança? Olhe para nós!

Ele mostrou com os braços.

— A maioria mal pode andar. Aonde iremos? Onde vamos nos esconder?

— Descreva o tempo — Rachel disse.

— O quê?

— Está escuro lá fora?

— Bem. É noite, sim — ele respondeu, impacientemente. — O sol se pôs há mais de uma hora. E daí? Isso não vai nos proteger.

Armath está cheia e brilha como um demônio por sobre nós. Os espiões de Dragwena nos localizarão imediatamente.

Ele se virou para Trimak.

— Que Rachel e Eric vão, se é que é necessário, mas acho que os Sarren devem ficar no Vale do Sono e lutar o melhor que puderem. Uma vez na superfície, não teremos defesa. Pelo menos, nas cavernas, podemos combater os Neutrana.

Diversos Sarren murmuraram, concordando.

— Vocês não precisarão correr nem lutar — disse Rachel, varrendo-os com o olhar. — Eu agora tenho novos poderes.

Aqueles Sarren que estavam seriamente feridos imediatamente se levantaram, sacudindo-se, tendo as feridas desaparecido. Da mente de Rachel jorraram os novos encantamentos de que necessitava, sem que fizesse esforço. Os encantamentos de Dragwena — dava-se conta. Qual era o melhor? Que tipo de encantamento poderia surpreender Dragwena e permitir que escapassem sem serem detectados?

— Retire todo mundo para os altos corredores do Vale do Sono — disse Rachel, tomando uma decisão.

— Para onde vai nos levar? — perguntou Trimak.

— Lugar nenhum é seguro. Vou levá-los o mais longe possível daqui.

À medida que Rachel falava, um dente cortou sua gengiva, seguido de uma enorme mandíbula. Todos os dentes se esticaram para a frente, avidamente, tentando alcançar os Sarren. Ela sentiu uma coisa qualquer se arrastando por sobre as gengivas e entendeu que era uma aranha, nascida da saliva de sua boca. Não tentou cuspi-la, sabendo que outras aranhas estavam também nascendo e iriam substituí-la.

— É melhor andar logo — disse, amargamente.

BARBEIRA DO ASCO



Rachel ficou uns minutos sozinha, sentada, fazendo o encantamento necessário para deixar as cavernas.

Quando ficou pronto, o mundo por sobre os Sarren se alterou. No alto, no céu noturno de Ithrea, sete nuvens se deslocaram furtivamente em direção ao Vale do Sono. Vieram do oeste, movendo-se rapidamente com a brisa suave, embora não tão rapidamente que seu movimento parecesse diferente do de qualquer outra nuvem no céu. Por diversos quilômetros se arrastaram na linha do horizonte, abraçando as montanhas baixas, até erguerem-se numa grande massa para obscurecer a lua.

— Agora — disse Rachel a um sentinela.

Este levantou a porta uns centímetros e olhou em volta com cautela. O exército de Dragwena se aproximava, visível em todas as direções. Os Sarren acotovelaram-se nos corredores junto à porta, incertos quanto ao que esperar. Uma névoa fria jorrou para dentro da fenda, cobrindo a todos de umidade leitosa.

— Não tenham medo — anunciou a voz de Rachel. — Deixem o ar envolver vocês. Eu o invoquei para nos proteger. Vamos voar como uma nuvem. Ela vai erguê-los no céu. Vocês não vão cair e a viagem será curta.

No momento seguinte os corpos de todos se elevaram do chão como se um travesseiro macio tivesse sido colocado por baixo. Todos estavam suspensos no corredor, os pés uns poucos centímetros acima do chão.

— Estou pronta — disse Rachel.

Liderados por ela, lentamente os Sarren flutuaram no ar da noite — um por um, já que a porta era estreita demais para mais de um passar. Suavemente, como vapor que escapa da boca da chaleira, deixaram o Vale do Sono. No momento em que o último tinha sido aspirado do corredor, a própria Rachel se encontrava a mil quilômetros de distância, no céu.

A coluna comprida, fina, de cinza girou no ar até se encontrar paralela ao horizonte, e plana. Aí, pairou. Da distância, a coluna agora se parecia exatamente com uma nuvem cinza estreita. Ninguém podia ser visto ou ouvido dentro dela. Flutuando brevemente na brisa, viajou rumo ao oeste com as outras nuvens do céu, escondendo a luz de Armath e das estrelas.

— Preparem-se! — exultou Rachel, sua voz viajando através da extensão da névoa. — Estamos partindo!

A nuvem parou, enquanto as que estavam à sua volta continuaram rolando para oeste. Um momento mais tarde, silenciosamente, disparou na direção sudoeste, mantendo-se baixa, próxima à terra. Dentro, muitos entraram em pânico quando os corpos sentiram o balanço. A nuvem ganhava ritmo, cortando a noite. Rachel mandou um encantamento de aquecimento através dela, para protegê-los do vento gelado.

Um prapsy solitário, num vôo rápido, alto no céu, viu a nuvem passar embaixo. Piscou diversas vezes.

— O que é aquilo? — se perguntou, mas a nuvem tinha ido, e o prapsy imediatamente esqueceu o que tinha visto. Ficou, então, acompanhando a mancha do exército da Bruxa, os Neutrana e lobos chegariam ao Vale do Sono dentro de uma hora.

A nuvem, momentaneamente levada pelo ar, parou sobre uns morros suaves perto do Pólo Sul de Ithrea: a Barreira do Asco. A viagem de Rachel através da mente de Dragwena tinha lhe ensinado tudo a respeito do planeta. Aqui não havia espiões, ela sabia. Nada vivia na Barreira do Asco, exceto umas poucas árvores muito esguias que, sabe-se lá como, desafiavam os ventos.

A nuvem caiu delicadamente na terra e se dispersou, esparramando os Sarren pela neve. Diversos homens logo se

puseram de pé, com as espadas para o alto, preparados. Grimwold e Morpeth ficaram perto de Rachel, os olhos alertas.

Aproximando-se, Morpeth segurou as mãos dela.

— Tem certeza de que ir embora é a coisa certa? — perguntou.

— Nós nos sentiríamos mais seguros se você ficasse.

Rachel bateu os novos dentes.

— E isto aqui?

— Eu posso me acostumar — falou Morpeth, baixando o olhar.

— Mas não estou certo de que possa me acostumar a ficar sem *você*.

Rachel acariciou seu queixo fino.

— Sabe, acho que preferia sua barba esfiapada. Eu gostava mais do velho Morpeth.

— Vou deixá-la crescer de novo para você — ele disse, avidamente. — Quando você voltar.

— Eu posso transformar você de novo, se quiser.

Morpeth sorriu.

- Ai, não sei. Consigo olhar de cima a cabeça de Trimak pela primeira vez em quinhentos anos. É bom não ter que olhar *para cima* o tempo todo para ver as pessoas.

— Nunca reparei nisso — disse Rachel, tentando segurar as lágrimas. — Sempre que olhava, eu via as pessoas olhando para cima para falar com *você*, Morpeth.

Enquanto ela o abraçava, Morpeth disse:

— Para onde Eric está indo?

Rachel viu Eric distanciando-se, atravessando um monte de neve distante.

— Volte — gritou. — Eric!

Ele a ignorou.

— Dragwena está aqui, ou esteve aqui — disse Eric. — Mágica tem cheiro.

Deitando-se de cara na neve, abriu os braços. Farejando, desenhou círculos com as mãos.

— Vou encontrá-la!

— Não, Eric! — Rachel gritou.

Sem aviso, a neve diante de Eric se abriu e uma figura se desenrolou do chão.

Era Dragwena.

Antes mesmo de Eric poder se defender, a Bruxa deu-lhe no rosto com força, lançando-o a diversos metros na neve. Ele ficou ali deitado, sangrando, inconsciente.

— Mais tarde terei tempo para você, menino — disse a Bruxa.

Grimwold foi o primeiro a reagir. Ele e diversos Sarren se jogaram em cima da Bruxa. A cada um Dragwena lançou um olhar fixo, jogando-os centenas de metros no céu escuro. Antes de caírem, Rachel olhou para cima, segurou-os no ar, presos como borboletas sem asas de encontro às estrelas.

— Muito bem — disse Dragwena — mas não o suficiente. E mandou uma estocada cortante através da mente de Rachel. A dor fez com que Rachel perdesse o controle durante um segundo. Esse segundo foi o que bastou para Grimwold e os outros Sarren caírem do céu. Caíram e morreram.

— Aí, criança-esperança — disse Dragwena. — Vou apreciar muitas mortes como essas esta noite. Você pensou que poderia escapar? Sua tola. Você fede. Não se dá conta disso? Fede a mágica. Eu seria capaz de reconhecer o seu cheiro em qualquer lugar agora. A nuvem foi um dispositivo malfeito, fácil de acompanhar. Quanto a Eric, eu sabia que ele não seria capaz de resistir a usar seu dom incomum de ser capaz de me procurar. É tudo tão fácil. Vocês são apenas crianças. Sempre serei capaz de ultrapassar a esperteza de vocês.

Tomada de horror, Rachel olhou os Sarren mortos. Preparou-se, esperando que a Bruxa a atacasse imediatamente. Em vez disso, Dragwena disse:

— Você tem que saber que não pode me derrotar. Por que lutar, então? Venha a mim de boa vontade e eu pouparei o que resta dos seus amigos. E até o pequeno Eric. Prometo.

Rachel instantaneamente leu a mente da Bruxa. Dragwena tinha momentaneamente aberto a guarda. Logo bloqueou o encantamento, mas não antes de Rachel ver a verdade: Dragwena planejava matar os Sarren selvagemmente.

— Você está *com medo* — disse Rachel. — Nenhuma outra coisa a faria prometer algo assim. Está mentindo. Você está com medo de Eric e está com medo de mim!

A máscara confiante de Dragwena caiu.

— Por que está com tanto medo, Bruxa?

Dragwena não respondeu.

Rachel fez uma pausa, pela primeira vez sentindo de verdade suas diferenças.

— Eu sei por quê — ela se deu conta. — Não estou me transformando no seu tipo de Bruxa, não é? — E tocou as quatro dentaduras em seu rosto. — Na verdade, não estou... me transformando em Bruxa *nenhuma*.

— Você não pode resistir muito mais tempo — disse Dragwena. — Pare de tentar.

Rachel atentou para tudo o que tinha acontecido: a ferida com a faca no quarto-olho, a insistência de Dragwena em que aquilo só significava uma coisa. Assim que Rachel se questionou, compreendeu a verdade.

Encarou Dragwena.

— *Você* tentou me convencer de que eu estava me transformando em Bruxa — sussurrou Rachel. — Ficou repetindo que eu seria como você, pensaria como você, me pareceria com você. E eu acreditei. — Rachel apalpou o cabelo, os braços, os quatro lábios, e sorriu. — A minha própria mágica estava se desenvolvendo. Mas a mágica não sabe o que quer. Morpeth me mostrou isso no salão do café, quando tive que escolher a cor do pão. Eu me esqueci dessa lição simples. A mágica quer ser usada. Mas necessita de controle. Minha mágica estava louca para fazer *alguma coisa*. Sem me dar conta disso a usei. Tinha tanta certeza de que estava me transformando numa Bruxa que a mágica funcionou exatamente nesse sentido. Se continuasse acreditando, poderia afinal ter me tornado uma Bruxa do seu tipo. O tempo todo era esse o seu plano.

Instantaneamente, Rachel retornou ao corpo normal. Encarou Dragwena com uma dentadura e cabelo escuro.

— Sua Bruxa boba, estúpida — disse. — Sei o que quer: voltar à Terra e matar os Magos e as crianças. Mas precisa da minha ajuda, não é? Não consegue fazê-lo sozinha. E eu não vou dar! Sua voz sedutora não funciona mais comigo nem os seus outros truques.

Ela olhou para Dragwena sem medo.

— Eu aprendi muito. Eu posso me destruir, se for preciso. Aconteça o que acontecer, você não vai me transformar na sua Bruxa. Eu *nunca* permitirei que o poema sombrio venha a se realizar.

Dragwena sondou a mente dela. Rachel capturou o pensamento e o devolveu.

Dragwena soltou vários guinchos de raiva. Sua voz ecoou através de Barreira do Asco.

— Então, espero que esteja preparada para uma batalha, Rachel — silvou Dragwena. — Você agora é inútil para mim. Não posso permitir que viva.

Seus olhos tatuados estavam duros.

— Uma luta *de verdade*! Não sinto esse prazer há muitos anos.

— Uma luta de morte — Rachel sussurrou.

— É claro.

Despreparada para isso, Rachel tentou permanecer calma.

— Agora conheço uns sortilégios interessantes — disse, debilmente.

— É verdade — disse Dragwena. — Você os tomou emprestados de *mim*. Mas eu conheço todas as defesas contra esses sortilégios. Espero que você tenha uma nova arma, ou nossa batalha vai ser, na verdade, breve.

— Isso seria notável — Rachel disse.

— Agora você soa *de fato* como uma Bruxa — Dragwena riu. — Menininha valente, sabe quantas maneiras tenho para matar você?

Rachel fez que sim.

— Sei tudo, todos os seus encantamentos.

— Não — Dragwena disse, suavemente. — Você só sabe o que eu *permiti* que você visse. Quando Eric ajudou você a achar os encantamentos de morte, fugi antes de você encontrar os mais mortais. Existem encantamentos ainda mais poderosos que estes,

os *Sortilégios*. Você não tem defesa contra eles, criança. Isso não lhe dá medo?

— Tudo o que diz respeito a você me dá medo — Rachel respondeu. — Mas você não estaria perdendo tempo agora a não ser que também estivesse com medo de mim.

Dragwena avaliou Rachel cuidadosamente, até mesmo com admiração.

— Que pena ter que destruir você — disse. — Mesmo assim, se você existe, haverá outras depois de você, não há dúvida. Larpskendya desenvolveu bem a mágica nas crianças da Terra. Agradeço a ele por isso. Com as novas crianças não cometerei os mesmos erros que cometi com você.

Ela deu um passo atrás. A cobra-alma lambia seu rosto em diagonal, gesto que dava início à batalha.

— Já que é valente o bastante para me desafiar, quer começar com o primeiro encantamento, Rachel? Acho que merece essa honra.

Rachel olhou para Eric, ainda deitado com o rosto na neve. Tinha que tirar Dragwena de perto dele o mais rápido possível — mandá-la para longe de Barreira do Asco. Transformando-se num corvo, voou pelo céu.

Dragwena não a seguiu imediatamente. Em vez disso, voltou-se para os Sarren.

— Acompanhem a cena final — exultou. — Será a última coisa que verão. Quando voltar, vou queimá-los todos, até a morte.

Um momento depois, um segundo corvo grasnou, acelerado atrás de Rachel.

Todos na Barreira do Asco acompanharam nervosamente o vôo dos pássaros negros na noite tenebrosa.

19

SORTILÉGIO



Rachel não estava pronta para lutar. Voava em pânico, imaginando para onde ir. Onde seria um lugar seguro para se esconder? Transferiu o pensamento para as Montanhas Esfarrapadas, longe da Barreira do Asco. Voou sem esforço por entre picos e vales, pensando em como usar os novos encantamentos, consciente de que Dragwena os tinha praticado por milhares de anos.

Primeiro, segurança, pensou Rachel.

Tornar-se difícil de achar. Reduziu o ruído das batidas de suas asas ao silêncio total. Apesar dos grossos flocos de neve lhe queimarem os olhos, fazendo com que voasse cega, continuava vendo o mundo com perfeita nitidez. Como Armath estava muito clara, mudou as cores da parte de cima do corpo, para refletir a luz da lua. Na distância, o Palácio se erguia do chão, negro, impenetrável, de encontro ao quase negro do céu.

Será que Dragwena a encontraria rapidamente? Sim. Deveria atacar ou defender-se? Os encantamentos lhe davam respostas diferentes quando lhes fazia perguntas.

Havia alguma coisa que pudesse fazer que Dragwena não podia? Alguma coisa nova, uma arma que Dragwena jamais tivesse visto antes?

Os encantamentos não ofereciam resposta para isso. Aí, Rachel se deu conta de que não tinha protegido seus pensamentos. Furiosa consigo mesma, os apagou.

Instantaneamente, Dragwena apareceu a seu lado, ponta de asa com ponta de asa.

— Tarde demais — disse Dragwena. — Você tem que pensar primeiro nas coisas óbvias, criança. Desde a Barreira do Asco, consigo ouvir seus pensamentos a clamar. E agora sei que você também não tem nenhuma arma secreta. Você jamais deveria ter revelado isso. Mantenha-me interessada, ou vou arrancar fora seu coração.

Rachel pôs-se a mudar de lugar rapidamente e ao acaso: das Montanhas Esfarrapadas para o Bosque da Draga; do Lago Ker para o Palácio. Veloz, jamais permanecia num lugar por mais de poucos segundos. Enquanto se deslocava, também mudava de forma, tentando despistar a Bruxa. Afinal, Rachel mesclou-se à pedra preta da parede do Palácio, tornando-se um grão da própria parede, e ali esperou, ansiosamente.

Parte da parede junto a ela falou:

— É o melhor que você consegue fazer? Eu agora conheço o padrão da sua magia bem demais para que a mudança de formas consiga me despistar. Você me pegou de surpresa com o truque do grão de poeira na torre-olho, mas aquilo jamais funcionará outra vez. Ande logo, estou ficando impaciente. Surpreenda-me com a sua magia!

Rachel pulou num lobo que rondava os jardins do Palácio. Pegou o cheiro dele. Pulou num sapo, sentiu sua gosma e a misturou com o cheiro do lobo e outros cheiros, sempre em movimento. Pela primeira vez, reconheceu o cheiro distinto de sua própria magia e o removeu. Movendo-se muitos quilômetros, mascarou todos os cheiros, tornando-se um fiapo de ar inodoro, a vagar sem rumo.

Desta vez, Dragwena ficou vários minutos sem encontrá-la, e Rachel só soube quando uma escabrosa garra preta a arrancou do céu.

— Interessante — disse Dragwena. — E agora?

Rachel imitou a Bruxa e a segurou numa garra maior. Dragwena acompanhou. Até que mãos pretas gigantescas apagaram Armath, garra após garra se construindo no céu.

Afinal, a própria Dragwena puxou as duas para o chão.

— A única coisa em que você é capaz de pensar é copiar? — perguntou, com ar entediado. — Eu esperava uma batalha mais interessante do que...

Rachel pulou na cobra-alma da Bruxa. Apoderando-se de sua mente, segurou suas mandíbulas e a fez morder o pescoço de Dragwena.

Dragwena gritou, depois retomou o controle. Mas Rachel já sabia o que queria fazer em seguida — a cobra tinha sido só uma distração. Tornou seu corpo brilhante e criou *milhares* de outras Rachels, igualmente brilhantes, no ar. Durante um momento, o céu todo ficou tão impetuoso com sua incandescência que até mesmo os Sarren, na Barreira do Asco, viram aquilo, e ficaram imaginando o que seria. Rapidamente, ela fez cada falsa Rachel se elevar em direções diversas — rumo ao chão, às árvores, às pedras, à água e ao ar. Todas as formas falsas que tinha em mente — concentrando-se para torná-las tão reais quanto ela própria, dando-lhes cheiro, peso, padrão de respiração e pulso — espalharam-se por todos os cantos de Ithrea.

Do alto do céu, acima do Palácio, diversas Rachels olhavam para baixo. Entre elas, sua forma verdadeira viu a Bruxa, por um momento apenas, confusa.

Então, Dragwena apareceu ao lado de seu rosto, rindo alto. Rachel gritou e foi isso, apenas isso, o que a entregou. Tarde demais notou que a forma de Dragwena rindo aparecera ao lado de todas as outras Racheis.

— Oh, muito bom — disse Dragwena. — Excelente! Se apenas você tivesse pensado, de modo a fazer todas as outras Rachels gritarem, poderia ter funcionado. Mas suponho que é pedir demais. Tornar-se uma Bruxa de verdade leva muitos anos de treinamento e você não tem tanto tempo assim, não é? — Ela sorriu. — Continue tentando. Não quero matar você já, já.

Rachel mudou de forma e lugar por toda Ithrea, tentando dar-se tempo para considerar algo novo. O que mais poderia tentar? Vamos, dizia a si mesma. Pense! Algo *completamente* diferente...

Dragwena acompanhou casualmente as mudanças de forma de Rachel. Ela se demorava a apreciar a brincadeira, esperando

surpresas interessantes. Dentre todos os lugares, Rachel tinha escolhido parar no Bosque da Draga. A Bruxa deslizou em direção ao solo, sabendo exatamente onde Rachel tinha aterrissado. Mas, em vez das árvores escuras, a Bruxa encontrou, esperando por ela, uma floresta tropical. Em vez de terra escura entre as árvores, encontrou capim doce, explodindo de vida. E, sentado de pernas cruzadas em meio à relva, estava um Mago, com olhos multicoloridos.

— Larpskendya! — Dragwena espantou-se.

— Eu lhe disse que sempre protegeria este mundo — falou Larpskendya. — Acha que permitiria que você apanhasse Rachel?

Dragwena caiu de joelhos, enterrando a cabeça nas mãos.

— Isto não pode ser verdade!

No instante em que a Bruxa desviou os olhos, o corpo de Larpskendya desapareceu. Onde tinha estado, uma lâmina afiada como agulha pairava no ar. Rachel controlava a lâmina, uma combinação de todos os encantamentos de morte rápida que conseguiu reunir. Lançou-o enquanto Dragwena se encontrava confusa, despreparada, esfaqueando o corpo da Bruxa.

O vento soprou os restos de Dragwena através da neve, espalhando-os. Rachel tornou a se transformar em menina. Por algum tempo, ela examinou os frangalhos de osso, carne e roupa, cutucando-os cautelosamente com os pés, mal conseguindo acreditar que tinha funcionado.

Aí, atrás, Rachel ouviu palmas lentas.

Lá estava Dragwena, de pé, ilesa.

— Oh, bem feito — ela disse. — Brilhante! Que fantástica Bruxa você daria! Que ousado! Procurar o que eu mais temia e usar... Só no último instante consegui me transformar em árvore. — E fez uma reverência elaborada. — É uma honra lutar contra você. Vamos continuar?

Rachel examinou a expressão da Bruxa. Não havia medo ali, somente prazer e divertimento com a batalha. Rachel sabia que Dragwena não tinha sequer começado a lutar seriamente. A qualquer momento, poderia lançar um ataque. Rachel ignorou os encantamentos que clamavam em sua mente e tentou relembrar as memórias de Dragwena. Tinha de haver alguma outra coisa que

pudesse usar! Qual era a fraqueza de Dragwena? Qual o lugar onde a Bruxa jamais poderia segui-la? É claro!

Transformando-se num foguete, Rachel mirou o céu. As nuvens corriam apressadamente sobre seu rosto, o ar ficava mais fino.

— O que está tentando agora? — perguntou Dragwena, tomando a mesma forma e seguindo-a rumo ao alto.

Rachel se concentrou para bloquear os pensamentos. Mas Dragwena sentiu que fazia exatamente isso, leu sua intenção.

A Bruxa as fez cair de sopetão no chão.

— Idiota! — Dragwena disse. — Se não tivesse fechado a mente, eu só ia me preocupar com lê-la quando fosse tarde demais. Você poderia ter escapado! Uma chance perdida. Como você sabia que não posso deixar Ithrea, porque simplesmente não se imaginou já fora do planeta? Eu jamais poderia seguir você. Mas você fez o óbvio: simplesmente se fez *voar depressa*. Você ainda pensa como criança, Rachel.

Imediatamente, Rachel tentou se imaginar no espaço, fora do mundo. Seu corpo moveu-se rápido para cima, depois se amarrotou como papel — um escudo invisível criado por Dragwena a segurava. Quando se recuperou, voou pelo céu desesperada, ansiando por uma abertura no escudo. Não havia. As estrelas acenavam do alto, dolorosamente próximas. Rachel arranhava com as unhas sua luz, que piscava, buscando um caminho.

A Bruxa apareceu ao largo.

— Acho que nossa pequena batalha está quase no fim — disse. — Enganei-me quando pensei que fosse possível usar você. Talvez devesse ter me concentrado no seu irmão desde o início.

Sorriu, puxando para perto o rosto de Rachel.

— *Eric* tem muita coisa que posso usar. Com treinamento, sinto que pode ser capaz de remover os limites da magia em que Larpskendya envolveu este mundo. Pode ser *Eric*, afinal, quem vai me ajudar a cumprir o poema som...

Rachel soprou para Dragwena um encantamento de cegueira. Suas cabeças estavam tão próximas que Dragwena não teve tempo de fechar os olhos. Por um momento, lâminas de esmeralda atacaram seu rosto; depois desapareceram, sem fazer mal à Bruxa.

— Conheço defesas contra todos os seus encantamentos — sussurrou a Bruxa. — Eric não vai lutar como você. É tão jovem. Será muito mais fácil persuadi-lo.

Rachel gritou, tornando a transformar-se. Mas, desta vez, Dragwena não a acompanhou. Simplesmente arrancou Rachel do céu, arrastando ambas de volta à Barreira do Asco.

Rachel viu Morpeth, Trimak e o resto dos Sarren virando-se para elas, na expectativa. Deitado nos braços de Morpeth, Eric continuava inconsciente.

— Está vendo as carinhas ansiosas deles? — disse Dragwena. — Quero que todos vejam você esmagada. Que vejam o fim de sua criança-esperança. Aí, vou matar Morpeth e Trimak lentamente, talvez ao longo de uns cem anos. Eric pode me ajudar. Os outros não são importantes.

Ela riu.

— Onde está agora o seu precioso Larpskendya? Onde está o Mago que prometeu proteger você?

Rachel teve uma última idéia desesperada. Esticou o pescoço na direção de Armath. Respirou fundo e gritou o verso da esperança.

Por um momento, o ar se agitou delicadamente. Todo mundo na Barreira do Asco sentiu, até mesmo a Bruxa. Rachel e os Sarren esperaram com ansiedade, mas faltava alguma coisa. As palavras se apagaram na brisa noturna e Armath ficou brilhando friamente, em cima.

Rachel inclinou a cabeça, completamente derrotada. Desafio, valentia, toda a sua mágica — nada parecia ter qualquer utilidade agora. Onde estava Larpskendya? *Onde estava ele?* Rachel olhou para os Sarren, que se atropelavam através da Barreira do Asco e o rostinho de Eric aninhado nos braços de Morpeth, e não conseguiu pensar em nada mais além de chorar.

— Prepare-se para morrer, menina — disse Dragwena. — Estou invocando o Sortilégio.

A Bruxa caminhou devagar até o centro da Barreira do Asco e levantou os braços. Cantou encantamentos na língua Ool, de seu mundo natal. Rachel tinha em sua mente umas poucas palavras dos encantamentos de morte, mas a maior parte não reconheceu. Ali —

deu-se conta — estava um dos encantamentos mais mortais que Dragwena jamais revelara. Um encantamento de morte de força incalculável. Rachel procurou por alguma coisa — qualquer coisa — para se defender.

O Sortilégio vinha chegando devagar. Dragwena sabia que agora não havia necessidade de pressa. Nos confins congelados do norte despreendeu-se um gigantesco furacão de um canto do mundo. Rachel o via a muitos quilômetros de distância, um inferno de raiva em rajadas. Enquanto observava, o furacão se espalhou e cobriu o céu inteiro. Sua imensa sombra bojuda sobre a terra obliterava a neve e as estrelas. A tempestade fantasma se derramou sobre as Montanhas Esfarrapadas e Armath, que ali brilhava, consumiu-se. Montanhas e rios foram devorados. Subiu um vento que começou a soprar forte sobre a Barreira do Asco.

Embora aterrorizados, os Sarren não se dispersaram. Em vez disso, Trimak, com uma procissão deles, solenemente atravessou as neves de Barreira do Asco em direção a Rachel, os corpos inclinados contra o vento. Morpeth hesitou um momento, olhando primeiro para Eric, depois para Rachel. A certa altura, saiu pela neve e carregou Eric para longe. Rachel o viu colocar o casaco embaixo da cabeça de Eric, acomodá-lo delicadamente na neve e pronunciar três palavras. Não um encantamento de proteção — Rachel se deu conta. Morpeth sabia que sua mágica era fraca demais para proteger Eric. Era simplesmente um pedido de desculpas, que Eric provavelmente jamais escutaria. Morpeth beijou Eric na testa e rapidamente alcançou os outros.

Todos os Sarren agora cercavam Rachel. Os que tinham espadas as apontavam para Dragwena.

A Bruxa riu.

— Espadas? Que tocante.

O vasto furacão afinal atingiu a Barreira do Asco. Pairou por sobre a cabeça de Dragwena — uma massa de nuvem preta em espiral, larga como o horizonte. Dragwena traçou uma forma no ar. Instantaneamente a nuvem mudou de forma, condensando-se num túnel único de vento, a ranger, da espessura de uma corda. Dragwena deslocou a mandíbula. Esta caiu, pesada, para o queixo e

o túnel passou a desembocar dentro de sua boca. Estremecia de êxtase à medida que o túnel se derramava em sua garganta.

Fechando a boca, a Bruxa sorriu para Rachel.

— Pronta?

— Sim! — berrou o Sarren mais próximo de Dragwena. Apontando a boca para ele, Dragwena liberou o Sortilégio.

Uma grossa coluna de fumaça negra fluiu, em velocidade extraordinária, de seus lábios. No interior da fumaça mil dentes correram para a superfície.

Rachel colocou diversos anéis de proteção em volta dos Sarren, mas não fazia diferença. O primeiro Sarren atingido pela fumaça foi despedaçado. Sabendo que todos os outros seriam mortos, Rachel transportou os remanescentes para um lugar seguro, na fronteira de Barreira do Asco — e enfrentou sozinha a força total da fumaça e dos dentes.

Escudou seu corpo com diversos encantamentos, mas os dentes lá dentro roíam incessantemente. Rachel lutou com tudo o que conhecia: encantamentos de defesa, encantamentos mortais, invocações de paralisação e, afinal, quando os dentes irromperam, até mesmo com as unhas.

Mas de nada adiantou. Dragwena cacarejava de alegria quando os dentes começaram a comer os lábios e os olhos de Rachel.

20
MANAG



Rachel sentiu os dentes arrancarem nacos de seu rosto. Eles esfrangalharam seus braços e pernas. Atacaram o pescoço e coração, procurando o caminho mais rápido para matá-la, mastigando avidamente sua carne, sussurrando as palavras do Sortilégio, querendo que ela morresse.

Rachel suportou tudo. Sua mente se concentrava num único encantamento para amortecer o corpo e não sentir dor. Esperou, esperou, até todos aqueles dentes se agarrarem a seu corpo. Afinal, tendo ouvido o sussurro da última mandíbula do Sortilégio, seu significado estava totalmente revelado.

Fechando os punhos, com as duas mãos Rachel soltou a própria mandíbula. Seu queixo caiu e a boca se escancarou. Num gargarejo de sangue e ar, engasgou-se com as palavras de que necessitava. Imediatamente, os dentes pararam de morder. A coluna negra de fumaça e dentes correu para dentro de sua garganta, enchendo-a.

O corpo rasgado e ensangüentado de Rachel encarou Dragwena.

— Prepare-se — ela murmurou. — Larpskendya me ensinou num sono-sonho que há um encantamento de bondade para cada encantamento de maldade, Bruxa. É melhor correr antes que ele pegue você!

Ela tossiu. Fumaça azul emergiu de sua boca, movendo-se lentamente em direção a Dragwena.

— O que é isto? — perguntou Dragwena, recuando, nervosa. — Você não pode usar o Sortilégio. Ele é só meu.

Rachel apertou o peito com as duas mãos, continuou tossindo e a fumaça azul avançou, mais espessa. Ela pronunciou palavras de trás para frente, na língua da Bruxa. O Sortilégio fluiu de seus lábios e seguiu a fumaça.

Um olhar de entendimento de repente brilhou no olho de Dragwena.

— Uma inversão — ela sussurrou. — Você está invertendo o Sortilégio. Do mal para o bem: não, isso não pode dar certo.

Dragwena continuou a recuar. O primeiro sopro de fumaça tocou sua perna. Ela berrou de dor e correu.

As palavras fluíam de Rachel. Dragwena levantou os braços e voou para o alto. Um fio de fumaça arrebatou-a pelas costas e a atirou no chão. O resto da coluna azul rapidamente envolveu Dragwena, jorrando nariz, garganta e olhos adentro. Não havia dentes no interior, mas a Bruxa gemia e murchava debaixo de ataque como se estivesse inalando fogo.

Aí, de repente, assim como tinham começado, as palavras cessaram. O encantamento ao inverso tinha terminado. Quando terminou, sumiram as feridas de Rachel. Ela fechou a boca e os últimos vapores azuis desapareceram.

Todo mundo olhou para Dragwena.

Estava deitada no chão, atormentada, o corpo inteiro queimando numa chama azul, que ainda alcançava profundamente seu interior. Mas a Bruxa não estava morta. Com imenso esforço, ergueu a cabeça no ar e disse, rouca:

— Manag... Manag...

Tornou a jorrar fumaça de dentro da garganta de Dragwena, como se fosse cola, pingando para fora pela língua.

Subindo no ar, esta formou uma criatura de olhos verdes, com garras e uma boca que se espalhou por toda a Barreira do Asco.

Os Sarren olharam desesperadamente para Rachel, atrás de explicação, mas ela não tinha entendimento nem resposta.

Dragwena sentou-se. Uma luz verde brilhante percorreu seu corpo, apagando com um sopro a última das chamas azuis.

— Pensou que o Sortilégio era só uns dentes batendo? — zombou. — São incontáveis sortilégios, o que eu preciso que seja. Desta vez, inversão não vai funcionar.

Dragwena beijou o ar. O corpo de Rachel enrijeceu, contornado por um anel de fogo verde bruxuleante. Entendendo, o Manag abriu as grandes garras e mergulhou, no intuito de rasgá-la...

Morpeth correu para Eric, sacudindo-o várias vezes.

— Levante! Acorde! — implorou.

Afinal, Eric levantou a cabeça e ficou de pé, desajeitadamente.

Caminhando aos tropeços em direção a Rachel, pôs-se diante dela, minúsculo, contra a imensidão do Manag. Com duas mãos, apontando, fez furos na estrutura da criatura, de certa forma detendo-a. Mas, o encantamento que tinha formado o Manag continuava se transformando, aproximando-se aos poucos, desafiando-o. Por fim, suando, Eric caiu em cima de Rachel, ainda apontando os dedos loucamente.

— Não consigo detê-lo! — gritou. — Não consigo detê-lo! Ele é feito de milhões de encantamentos. São demais. Eu não consigo deter todos eles!

— Cante o poema da esperança — Rachel disse. — Cante! Cante!

Eric apertou as duas mãos contra a cara do Manag. Virou a cabeça em direção ao Oceano Endellion e cantou em voz alta:

*— Será uma menina morena
A libertar inimigos
Cantar em harmonia
Do mar do sono e da clara aurora
Eu surgirei
E guardarei sua alegria de criança.*

O Manag abriu os olhos cautelosamente.

— Cante outra vez! — Rachel gritou.

— *Será uma menina...* — Eric começou e, desta vez, Rachel o acompanhou. As duas vozes cantando em harmonia.

Cantaram várias vezes, sem parar, cada vez mais alto, mais alto, até que ouviram um som antigo despertar de seu sono

prolongado — um imenso coração batendo através da noite.

O Manag parou. Pairou sobre Rachel, recuando, e virou-se, hesitante, em direção a Dragwena.

— Acabe com ela! — a Bruxa guinchou. — Mate-a! Mate-a!

O Manag flexionou as garras, ainda hesitante.

— Destrua-a! — ordenou Dragwena. — Eu criei você. Eu estou ordenando! Faça-o!

Dando um bote à frente, o Manag abriu as grandes mandíbulas a poucos centímetros da cabeça de Rachel, mas segurou o ataque.

A Bruxa ficou furiosa com a criatura, que grunhia, agoniada com suas palavras. No entanto, alguma outra coisa arrancava a vontade do Manag. Ele continuou a pairar, olhando primeiro para Dragwena, depois para Rachel. Finalmente, ignorou ambas e voltou o olho apreensivo na direção oeste. E, agora, todos os olhos o acompanharam, pois uma notável transformação estava em curso.

No meio da noite, com Armath no seu zênite, um nascer do sol tinha início nos confins distantes do mundo.

Inicialmente, era só um brilho da cor de laranja enevoado por sobre as montanhas do oeste. Mas logo o sol se levantou em toda a sua glória e ascendeu numa velocidade impossível no céu. Não era o sol magro cremoso que por tanto tempo brilhara em Ithrea. Esse sol era selvagem e dourado. Quase dolorosamente brilhante, elevava-se no ar, transbordando em meio às nuvens de Ithrea pela primeira vez em milhares de anos. Os Sarren, maravilhados, o acompanhavam — os raios incandescentes iluminando suas bochechas. Dragwena cambaleou e soltou um grito de agonia, não podendo suportar o toque dos raios de sol. Chamou Manag e se agachou embaixo dele, escondendo a cabeça entre os joelhos.

Os Sarren continuaram assistindo ao desenrolar dos eventos. No alto do céu, além do sol que se levantava, o ar da noite ainda estava escuro. Aí, algo igualmente impossível ocorreu: Armath, a grande lua, caiu no Oceano Endellion, abaixo das Montanhas Esfarrapadas, com estrépito, provocando poderosa explosão.

— O que está acontecendo? — gritou Trimak.

— Não sei — disse Morpeth, acompanhando o tremendo penacho de águas sibilantes que a lua lançara para o alto.

O círculo verde de fogo que circundava Rachel desapareceu. Quando ela correu em direção aos outros, Morpeth viu pontos de luz aprumando em seus olhos.

— Olhe! — Trimak gritou. — Olhe para as estrelas!

No céu acima de Ithrea, uma por uma, e depois às centenas, como pontos de luz em papel de parede, as estrelas caíam de seus lugares determinados, seguindo Armath para dentro do oceano. Enquanto isso, o sol continuava a ascensão galopante, até que ficou por sobre as cabeças. Luz do dia, clara, agora varria a Barreira do Asco.

Dragwena puxou o vestido para cima do rosto, os olhos sangrando.

Morpeth estava espantado demais para se preocupar com o que acontecia à Bruxa. Apontava na direção das águas em que a última das estrelas tinha mergulhado.

— Como podemos ver o oceano? — sussurrou. — Devia estar congelado.

A resposta não tardou em chegar. O Oceano En-dellion estava *subindo*. Mal se tinha notado até então, porque havia muito o que subir para chegar ao topo das montanhas do oeste. Conforme observavam, as águas retorciam-se, derramando-se por sobre os picos mais elevados, fluindo em direção a eles numa velocidade devastadora, engolindo a terra.

Morpeth apontou para o leste. Lá, num canto longínquo do mundo, onde Sarren algum jamais tinha ido, um oceano ainda mais poderoso também descia impetuosamente em direção à Barreira do Asco.

— Por que não estou com medo? — perguntou Trimak. — Isto deveria ser aterrorizador.

Todos os Sarren se deram conta de estarem tomados de reverência, não temor. Mas uma Dragwena desesperada chamava debilmente o Manag. Mal conseguia levantar a cabeça. Encolhido, o Manag deslocou-se para cercar a Bruxa, tentando usar sua massa para escudá-la dos raios de sol.

Rachel sussurrou alguma coisa a Eric.

Ele riu e os dois se voltaram de frente para as águas, que avançavam.

— *Venha, Larpskendya!* — cantaram juntos. — *Venha do mar do sono e da clara aurora!*

E Larpskendya veio, afinal: das profundezas do tumultuoso oceano espumante um pássaro de prata se ergueu. Era de tal tamanho que as águas mal conseguiam conter suas asas, que batiam. Com movimentos lentos, espaçosos, levantou-se das ondas e dirigiu-se à Barreira do Asco. O ruído das palavras do poema da esperança enchia o ar de um belo som indescritível. E seus olhos de muitas cores brilhavam de beleza.

Dragwena enfrentou aquele olhar, mas o que viu nos olhos de Larpskendya — um milhão de crianças de rosto duro, afiando facas contra a parede de pedra — a imobilizou de medo. Soltando um guincho, apontou-o, instruindo ao Manag:

— Mate-o! Mate o Mago!

Sem hesitar, a grande sombra afastou-se dela. Larpskendya virou-se para encarar a criatura. À medida que se aproximava, o Manag foi minguando, até virar apenas um ponto escuro rápido de encontro ao peito do Mago, que pingava água. Um quilômetro acima do oceano eles se encontraram. Larpskendya nem sequer precisou abrir o bico para extirpar o Manag do céu.

Dragwena abandonou-se à dor quando sua criatura de encantamento foi devorada.

— Ainda mato vocês! — rugiu, correndo em direção aos Sarren, a cara contorcida de medo e raiva. — Mesmo derrotada, vou destruir vocês!

— Formem uma guarda! — gritou Trimak.

E os Sarren, apressadamente, se colocaram entre as crianças e a Bruxa.

Dragwena investiu contra os Sarren, sem se ferir com suas espadas. Arrancou Eric das mãos de Rachel e correu a um monte baixo. Rachel disparou encantamentos para feri-la. Mas Dragwena resistiu, elevando a si mesma e a Eric por sobre a neve.

Larpskendya desceu rapidamente através do oceano. Voava com imensa velocidade em direção à Bruxa. Mas Dragwena já segurava Eric bem junto a si — sabia que havia tempo para quebrar seu pescoço.

— Olhe isto! — Dragwena gritou para o pássaro de prata. — Você não pode salvá-lo! Mais uma criança eu *vou* matar!

Enquanto o apertava, Eric pronunciou uma palavra. Dragwena se contorceu de dor. Deixou Eric cair, cambaleando para trás. De sua orelha jorrou sangue.

— O que é isto? — disse, com a voz rouca. — Um encantamento ue *desmancha*? Não! Não serei anulada por uma criança!

Tateando, Dragwena quis recuperá-lo, mas Eric, com facilidade, rodopiou para o lado, na segurança do abraço de Rachel.

A Bruxa não conseguiu acompanhar. Ficou deitada no chão, se torcendo e, aí, apertando os punhos e lutando para retomar o controle, soltou um guincho quando começou a se transformar: sua pele vermelho-sangue descascou, ela virou uma serpente; depois, descascando de novo, virou um molusco; um corvo; um lobo; um monstro negro contorcido de serpentes; uma criatura horrenda, entre cujos dentes estilhaçados corriam aranhas, querendo escapar. A Bruxa se mesclou a todas as formas que tinha um dia tomado, mais e mais depressa, até que as transformações ficaram tão velozes que se borravam umas nas outras e sua voz, aos gritos, tornou-se irreconhecível.

Mas não era o fim de Dragwena. Não se sabe como, através de um ódio que a tudo tomava, conseguiu emergir da confusão, as garras negras de fora.

Rachel berrou e, com esse som, Larpskendya arrebatou-se, do céu. Sua cabeça revolveu a terra, arrancando a Bruxa do chão.

Todos acompanharam Dragwena, um pontinho no bico enorme, que, de alguma maneira, o mantinha aberto. Ela arfava, tremendo com o esforço, os dentes batendo. Tentava reunir todo o seu conhecimento numa única ferroadada de veneno mortal. Mas Larpskendya não tinha medo da mágica de Dragwena. Fechou gradualmente o bico até prender os braços da Bruxa e espremer seus joelhos de encontro ao peito. Dragwena não pôde mais suportar. Sua espinha afinal estalou. Avançando a mandíbula, soltou um último grito desesperado.

— Irmãs — guinchou —, *vinguem-me!*

No instante em que o bico de Larpskendya se fechou, matando a Bruxa, uma minúscula luz verde subiu no ar onde havia estado o corpo de Dragwena. Sem ser notada por ninguém, a luz voou diretamente ao céu. Perfurou a atmosfera exterior e se projetou no espaço. Uma vez aí, serpenteou em direção a uma estrela distante, a um mundo alerta, cheio de Bruxas...

21

A ESCOLHA



Na Barreira do Asco, todos olhavam com espanto para Larpskendya, que pairava e batia as grandes asas no ar. Eric correu, atravessou o monte e saltou, aninhando-se na asa do grande pássaro. Mas Larpskendya só tinha olhos para Rachel.

Naquele breve instante, através do seu olhar multicolorido, o Mago lhe comunicou muitas coisas: uma apologia pelo sofrimento que tinha permitido; uma escolha que todos teriam de fazer; e felicidade, enorme felicidade, repleta de lágrimas de alegria pelo que estava por vir. Por fim, próximo a Rachel, Larpskendya inclinou-se e tocou seu rosto. Uma sensação extraordinária a percorreu, fazendo-a vibrar.

— Uma dádiva — ele disse. — Uma dádiva que ser humano algum já recebeu.

Rachel estremeceu, compreendendo-a e tentando encontrar palavras para agradecer. Mas Larpskendya imediatamente associou à dádiva uma tarefa e um aviso.

Afinal, o Mago virou a cabeça e ergueu-se nos ares, distanciando-se no céu ocidental.

— Adeus, Larpskendya — disse Rachel, baixando os olhos, por não suportar olhar tão de perto sua magnificência.

O silêncio se abateu sobre a Barreira do Asco. Todos acompanhavam com o olhar seu lento desaparecimento na distância, a cauda salpicada por raios solares dourados.

E, aí, duas sombras imensas bloquearam toda a luz do sol.

— Cuidado! — gritou Trimak.

Mesmo enquanto os Sarren e as crianças observavam Larpskendya, os oceanos de Ithrea continuaram descendo em sua direção. Subitamente, como uma inundação para pôr fim ao mundo, poderosas ondas se abateram sobre a Barreira do Asco. Não havia tempo para ninguém se proteger, não havia lugar para onde correr ou se esconder. Mas, em vez de se lançarem sobre todos, os oceanos pararam à beira do monte e, mais suavemente que neve descendo, deixaram cair uma coisa qualquer.

Morpeth ficou de boca aberta quando, sem mais nem menos, deslizou da água um guarda Neutrana, aportando a seus pés. O homem se levantou, com um largo sorriso.

— Estou... livre! — gritou, esfregando a cabeça.

Fazendo reverências em todas as direções, anunciou seu nome a tudo e a todos.

— Livre? — riu um Sarren. — Você está um pouquinho atrasado para a batalha, isso é certo! — E puxou o recém-chegado da água. — Seja lá como for, de onde veio?

Mas, antes de ele poder responder, outro passageiro das ondas foi lançado ao monte, sem cerimônia.

— Muranta! — espantou-se Trimak, ajudando a esposa a levantar-se. — Como chegou até aqui?

— Como vou saber? — ela respondeu, irritada. — Uma hora estou em casa, preocupada com *você*, de repente sou apanhada por aquela... grande onda... — apontou com o braço para trás — e agora estou... seja lá qual for este lugar gelado!

Espanou a água do vestido.

Mas mal houve tempo para se tratar disso também porque da crista das ondas saltou um Leifrim desajeitado. Uma vaga o depositou aos pés de Fenagel. A filha curvou-se para beijá-lo.

— Não é possível! — disse Morpeth. — Não seriam capazes. Isso é...

— É verdade! — gritou Rachel, os olhos repletos de lágrimas de alegria. — Olhe!

Agora tudo acontecia de uma vez. Todo tipo de criatura, animal e humano, descia das ondas tão depressa que um par de olhos não conseguia absorver. Vieram Sarren, adultos e crianças de toda a

Ithrea; e, aos pulos, junto com eles, Neutrana, multidões deles, as expressões tomadas de surpresa. Onda após onda chegaram, de todos os pontos onde viviam, Sarren ou Neutrana, as águas entregando-os na Barreira do Asco.

Lobos chegaram aos bandos. Scorpa à frente. Os grandes flancos cinza cobertos de água salgada. Prapsies derramados pela maré revoavam por ali, falando as bobagens habituais.

Vinham e vinham, e aquilo não acabava nunca. Centenas de milhares surgiam das ondas, até que a Barreira do Asco tornou-se uma massa fervilhante de criaturas que um dia tinham se curvado à vontade de Dragwena. Ronnocoden chegou, com as orgulhosas companheiras águias, batendo as asas encharcadas e cantando de botar os corações para fora, depois de um silêncio de séculos. E vieram criaturas extraordinárias que ninguém conhecia.

Criaturas que tinham vivido e se criado debaixo das neves de Ithrea, esquecidas na escuridão anos sem conta. Retorciam-se, deslizavam e arrastavam-se umas sobre as outras, os dentes brilhando, cobrindo os olhos sensíveis do sol que jamais tinham visto.

Afinal, a coisa terminou e as águas recuaram um tanto, dando a todos uma oportunidade de se espalhar.

E como se espalharam!

Os lobos ladravam, saltando no úmido capim novo que brotava do nada embaixo de suas patas. Crianças acariciavam os lobos, correndo atrás deles em círculos, tentando passar as mãos em seu pêlo, mas dificilmente conseguindo alcançá-los. As águias, então, deixaram que montassem em suas costas e fizeram vôos curtos pela terra, implicando com os prapsies, quando passavam.

E os Sarren e Neutrana, por um motivo qualquer, sobre o qual não tinham controle, começaram a dançar, cantar e girar. As vozes formaram um clamor com os pássaros no ar, que não tinham parado de cantar um segundo. O barulho dos gritos, risadas, latidos e gorgeios tornou-se tamanho que o solo sacudiu com ele, retribuindo a felicidade.

Aproximando-se de Rachel e Eric, Morpeth, pensativo, pronunciou as seguintes palavras:

— *Será uma menina morena*
A libertar inimigos
Cantar em harmonia
Do mar do sono e da clara aurora
Eu surgirei...

Rachel olhou amorosamente nos olhos dele:

— *E guardarei sua alegria de criança.*

E estava certa, pois ao mesmo tempo que Sarren, águias, lobos e outras criaturas pulavam, brincavam e dançavam, lentamente iam se transformando, até se tornarem crianças e filhotes de lobos e aves. Os prapsies sacudiam fora as cabeças de bebês e voltavam a ser pintinhos de corvos, as bocas vermelhas gritando pelas mães. Morpeth transformou-se num menino de cabelo cor de areia e olhos azuis vivos e Trimak sorria, com co-vinhas nas bochechas gorduchas.

— Bem — disse Eric, sacudindo a cabeça, sem olhar para ninguém em particular. — Bela virada!

— Exatamente! — riu Trimak.

— Mas, e agora? — perguntou Morpeth. — Todos somos crianças de novo. O que vamos fazer?

Com essas palavras, como se tivesse dado início a um encanto - coisa que, aliás, ele fez, embora sem saber —, todas as criaturas de Ithrea ficaram em silêncio e olharam para Rachel.

Esta traçou uma forma no ar. Apareceu o umbral de uma porta, que levava aos fundos de um sótão com espessas paredes de pedra.

— Que lar será? — perguntou. — Ithrea ou Terra? Larpskendya deixou a escolha para cada um de vocês.

Escolha? As criaturas de Ithrea olharam atônitas umas para as outras. Tinham conhecido a servidão à Bruxa por tanto tempo que mal sabiam como reagir. E como escolher? Pois, para quase todas as crianças, a Terra representava apenas uma vaga memória. Os animais jamais tinham sequer conhecido a Terra. Para eles, Ithrea era lar.

Os filhotes de lobos sentaram sobre as patas e uivaram, confusos. Os filhotes de aves se acotovelaram, piando, incertos, e as criaturas mais estranhas de Ithrea soltaram ruídos em suas línguas próprias, imaginando o que fazer. Afinal, os animais voltaram-se para as crianças, em busca de aconselhamento, mas os antigos Sarren e Neutrana estavam enlouquecidos. Rachel e Eric observavam milhares de meninos e meninas a se questionar urgentemente uns aos outros, tentando lembrar as vidas na Terra, as famílias e amigos que um dia compartilharam.

E, lentamente, dolorosamente, *todos* começaram a se lembrar.

— Oh, Rachel — disse Eric. — Olhe. Eles estão... chorando.

Começou na forma de uns poucos soluços abafados, mas logo grupos inteiros choravam incontrolavelmente. Cambaleavam pela Barreira do Asco ou caíam de joelhos.

Cada criança no seu próprio mundo de sofrimento, enquanto imagens, palavras e sentimentos voltavam a assombrá-las: de pais há muito tempo mortos, irmãos e irmãs, amigos de valor incalculável que jamais veriam ou tocariam outra vez.

Um jovem Leifrim, com o cabelo preto espetado, contorceu o rosto.

— Minha mãe — ele disse. — Lembro a maneira como me abraçava, mas... — olhou em volta, envergonhado, esperando que alguém pudesse ajudá-lo. — Qual era o nome dela? Não consigo...

Fenagel abraçou o pai. Ela tinha nascido em Ithrea. Toda a vida só conhecera suas neves escuras. Mas muitos não tinham filhos para confortá-los, pois a Bruxa só tinha permitido a poucos servos mais chegados essa honra. Em minutos, todas as crianças na Barreira do Asco, curvadas, choravam suas lágrimas particulares ou se agarravam aos entes amados que pudessem encontrar, tomadas de um onipotente sentimento de perda.

— Não — implorou Eric. — Rachel, por favor, acalme-os. Use um encantamento. Não era para terminar desse jeito. Com certeza Larpskendya não teve a intenção de que terminasse assim.

— Espere — ela disse, os próprios olhos cheios de lágrimas. — Larpskendya me disse que isto ia acontecer. Não é só pelas famílias mortas que estão chorando, Eric. É pelo que a Bruxa fez com eles, todos esses séculos de sofrimento.

Ela sorriu em meio às lágrimas.

— O que vai acontecer em seguida é impressionante.

A angústia das crianças continuou por longo tempo. Demorou mais tempo do que levaram os oceanos de Ithrea para deixá-los todos na Barreira do Asco. Continuou enquanto a última criança teve forças para chorar. Finalmente, o choro terminou e o silêncio se abateu sobre a Barreira do Asco. Era um silêncio tão profundo que até os filhotes de prapsy pareceram se dar conta de que não deviam tagarelar. Tamparam os bicos com as asas curtas e esperaram.

E um vento suave se fez sentir na Barreira do Asco.

Trimak foi o primeiro a notá-lo roçando em seu rosto. Ele secou suas lágrimas, espalhando calor.

— Olhem! — gritou, apontando para todos os lados. Até aquele momento ninguém tinha se preocupado com imaginar o que poderia estar acontecendo além da Barreira do Asco. Agora viam que as águas dos oceanos tinham recuado, derretendo toda a neve. Solo preto, cheio de cicatrizes, sem vida, cobria o mundo todo. Ithrea estava nua. Até o capim tinha sido arrancado da terra. Nem uma única coisa crescia ou se movia. Uma criança soltou um suspiro e sua voz ecoou através do vazio árido.

— Não — sussurrou Trimak. — Foi por isso que nós esperamos todos estes séculos? Até as neves eram mais confortáveis do que isto.

Rachel riu.

— Então deseje alguma outra coisa!

— Flores? — ele gaguejou. — Seriam alguma coisa, pelo menos.

No mesmo instante, brotos de plantas começaram a nascer entre seus pés. Ele pulou de lado e estes rapidamente preencheram as pegadas.

— Flores de que cor? — Rachel perguntou. — E de que formato? Que aroma deveriam ter? E quantas seriam?

— Como vou saber? — disse Trimak, tentando não pisar nelas.
— O que sei sobre flores?

Rachel sorriu.

— Já está desistindo?

- Bonitas - ele disse, debilmente. — Bonitas. Quais eram os nomes delas? Oh... Eu não sei!

Os brotos continuavam se espalhando, mas ficaram bem fechados — aguardando.

— Rosas brancas — disse Fenagel. — Narcisos cor de púrpura. Margaridas verdes. Vermelhas... oh!

Abrindo-se, os brotos viravam todas as flores nomeadas.

Continuaram se espalhando através da Barreira do Asco, e além.

— Parem! — berrou Morpeth, e as flores pararam.

— Rosas que cantem! — gritou Trimak.

E, imediatamente, as rosas brancas começaram uma cantilena desafinada, as pétalas batendo para lá e para cá.

— Não cantem como eu! — ele disse. — Cantem lindamente, suas coisas estúpidas!

Então, as rosas mudaram de tom. O som não saiu bonito, mas estúpido.

— A mágica não sabe o que significa bonito — disse Rachel. — Diga, *você*, coisa estúpida!

Trimak sentiu vontade de rir, mas os outros tomaram a si o desafio.

— É como a felicidade!

— Como papagaios!

— Como gorgolejo de bebês!

As flores puseram-se a cantar como todas essas coisas.

— Como isso pode estar acontecendo? — disse Morpeth.

Ali perto, uma menina pressionou o ouvido de encontro a um copo de leite que zumbia. Rachel piscou.

— Mágica. Larpskendya deu a vocês tudo aquilo de que precisam.

— Para fazer o quê? — ele perguntou.

— Para fazer o que vocês quiserem! — respondeu Rachel. — Não se intimide, Morpeth. Imagine uma coisa qualquer!

Morpeth estava perdido, sem o que dizer. Nervoso, criou um sol minúsculo na palma da mão e o soprou no céu.

— Oh, pense *maior* que isto — disse Rachel. — Olhe o que os outros já estão fazendo.

Morpeth ergueu os olhos e em toda parte que olhava via crianças testando a imaginação, inventando o resto de Ithrea. Florestas com pernas marchavam subindo as encostas das Montanhas Esfarrapadas. Fenagel correndo pelo monte com jóias que a seguiam como se fossem obedientes bichos de estimação. As crianças escreviam seus nomes no céu. Montanhas em forma de melões passaram a luzir a distância, cuspidando pintas, como vulcões. Uma grande pedra rolou até um menino, oferecendo um sortimento de balas. Quanto às flores, as primeiras criações da nova Ithrea, logo foram esquecidas. Mas não se importaram. Continuaram cantando alto. Isto é, até que Muranta pediu que se calassem. Depois disso, só sussurravam.

Na distância, Eric viu um dragão que respirava fogo erguer-se do Lago Ker. Entre tantas outras formas bizarras que apareciam por toda a parte, ele mal teria notado não fosse o dragão estar se dirigindo às pequenas águias.

— Ei, parem com isso — ele avisou aos pintos prapsies, que riam, mas as águias já tinham transformado o dragão num bico. O bico saiu atrás dos prapsies assustados, até que o mandaram de volta para bicar as águias.

Eric disse a Rachel:

— Isto não está ficando meio... perigoso?

— Eles não podem machucar uns aos outros — ela respondeu.

— Larpskendya não permitiria. Deixe-os brincar. Faz tanto tempo que não brincam.

Um pouco de geléia numa torrada apareceu pairando diante de sua boca.

— Você gosta de geléia, espero — disse a torrada.

Rachel virou-se, e viu Morpeth sorrindo para ela.

A maluquice da pura imaginação continuou, continuou, até que uma parte de Ithrea pertencesse a todo mundo. A certa altura, Trimak pediu um intervalo breve.

— Eu sei o que quero! — trovejou. — Ficar! Ithrea agora é meu lar. Já fiz minha escolha.

— Escolha brilhante! — disse, num estrondo, uma voz. Vinha do Pico Hoy nas Montanhas Esfarrapadas. A antiga montanha sacudia um boné com entusiasmo. Atrás de Trimak, um menino abafava o riso.

— Desculpe — ele disse, ligeiramente embaraçado. — Não pude resistir.

Depois disso, com toda Ithrea acenando sua absurda beleza selvagem, não demorou muito para a maior parte das criaturas também fazer sua escolha. Algumas pediram mais informações sobre a Terra, mas, quando descobriram que não havia mágica naquele mundo, logo perderam o interesse.

Para surpresa de Rachel e Eric, um punhado delas decidiu retornar com eles. Umas minhocas que moravam nas profundezas enrolaram-se nas pernas de Eric e não queriam soltar. Scorpa se destacou de um grupo de filhotes, vindo lamber com tanta violência os joelhos de Rachel que esta, a toda hora, caía para trás. Um par de prapsies, sem qualquer motivo, ou pelo menos sem motivo que alguém pudesse entender, subiu nos pés dela, tagarelando uma coisa qualquer sobre voar em meio a novos céus.

— Pensei que agora seriam simplesmente filhotes de corvo — disse Eric. — Como é que estão falando?

— Larpskendya não ia tirar deles esse dom — Rachel disse. — Os filhotes de lobo também falam. Mas preferem latir.

— É verdade — Scorpa disse a Eric. — Não fique me tratando como animal de estimação. Odeio esse negócio.

— Isso jamais me passaria pela cabeça — respondeu Eric, por cuja cabeça isso acabava de passar.

Ronnocoden, de repente, pousou no ombro de Rachel. Olhou soberana por sobre as cabeças dos filhotes prapsies, como se estivessem além de sua atenção.

E, ao final da primeira manhã da nova Ithrea, realizou-se uma cerimônia simples. Os corpos de Grimwold e dos outros guerreiros assassinados por Dragwena tinham sido levados pelas águas que recuavam. Mas eles não foram esquecidos. Trimak marcou o ponto onde tinham caído com um feixe de espadas: uma para cada um dos guerreiros. Enfiou as lâminas no solo rico e pôs

os punhos em tal ângulo que ficaram para dentro, virados uns para os outros.

A tarde avançava. A certa altura, Eric disse:

— Acho que nenhum Sarren voltará para casa conosco, Rachel. Eu compreendo.

Mas estava errado. Uma criança decidiu retornar à Terra.

Rachel a observou durante horas. Abraçava as outras, chorava, ria, caía em prantos outra vez, despedindo-se — despedindo-se de um sem-número de Sarren e Neutrana que tinha conhecido.

Tanta gente, pensou Rachel. Quinhentos anos de gente. Como é que se pode dizer adeus, um adeus *final*, àqueles que você amou e com quem compartilhou toda vida e toda morte por tanto tempo?

Afinal, depois que abraçou Trimak — abraço que pareceu durar uma hora, numa despedida quase sem palavras, como se estas não fossem necessárias —, Morpeth estava pronto.

O rosto tão desfeito em lágrimas que Rachel mal conseguia encarar seu olhar.

— Tem certeza de que quer ir? — ela perguntou. — Todos os seus amigos estão aqui.

— Não todos — disse Morpeth, com firmeza. Tocando nas pálpebras dos olhos multicoloridos dela, olhou-a de viés.

— Você nem podia imaginar ter estes olhos, não é? Vi o que aconteceu quando Larpskendya tocou em você — ele disse. — Agora, você tem o olhar do Mago. Pensou que eu não ia notar? Larpskendya lhe deu um presente, não deu?

— Psiu — disse ela. — Não posso contar o que é. Um presente... e uma missão a cumprir.

Morpeth bateu palmas, deliciado. Depois, virou-se para ver que maravilhas tinham sido criadas em Ithrea nos últimos poucos segundos.

— É inacreditável! — berrou.

— E ridículo — riu Eric. — O que *pretende* ser aquilo?

Apontou um porco gordo flutuando pelo céu. Confortavelmente deitado numa nuvem, usava óculos escuros e tomava limonada com canudo. Embaixo, no chão, uma menina pequena de cara franzida, concentrada, obviamente imaginava o que inventar em seguida.

— É totalmente estúpido — disse Eric.

— Ah, eu gosto... — sorriu Morpeth. — Mas, olhe ali. Aquilo, sim, é *realmente* estúpido.

E ficaram por ali apontando, espiando: riachos borbulhantes cheios de sapos, dragões aos saltos, cavalos cor de arco-íris a galopar e coisas que nenhum deles era capaz de reconhecer, tudo brotando e se apagando no fulgurante céu amarelo. Peixes armados com varas expulsavam Bruxas de imitação do Lago Ker, e o confortável porco gordo agora tinha uma amiga - a menina pequena, agarrada à sua cauda enrolada, voava em torno da Barreira do Asco. Diversas outras crianças entravam também na brincadeira ou voavam para longe, em outras direções, apostando corrida. Em segundos, em cada canto, faziam transbordar a imaginação, conquistando e transformando o antigo mundo de inverno da Bruxa.

A certa altura, o sol começou a se pôr, e um menino criou uma nova lua. Levantou os braços e ela subiu lentamente, com um astuto sorriso na cara. Apontando para o céu, uma nova constelação de estrelas fulgurantes fez descer à terra seu calor.

Morpeth tentou absorver todo aquele mundo fantástico num último olhar de grande espectro, mas não foi possível. Estava acontecendo coisa demais.

— Bem, tem de tudo — disse Eric.

— Não, não tem — Rachel o corrigiu. — Está faltando uma coisa. Uma coisa escura e fria!

Morpeth explodiu:

— É verdade! Não tem *neve*!

Todos riram, dando-se conta de que as neves escuras de Ithrea tinham desaparecido para sempre.

— Na verdade, não precisamos ir correndo, não é? — Morpeth quase implorou. — Há tanto para ver, tanto para fazer!

— Lamento — disse Rachel. — Larpskendya me disse que seria perigoso deixar o portão aberto por muito tempo. Temos de partir agora.

— Por quê?

— Não sei dizer.

— Tem alguma coisa a ver com Bruxas?

Vigorosamente, Rachel fez que sim com a cabeça.

— Não me pergunte mais nada. Não posso dizer enquanto não voltarmos.

— Se eu for — perguntou Morpeth —, posso voltar um dia?

— Não tenho certeza — respondeu Rachel, solene. — Larpskendya não me falou. Pode ser que nunca mais voltemos a Ithrea.

Morpeth concordou, tristemente, e tornou a olhar para Trimak. A maioria das crianças mais velhas começava a se dispersar, mas Trimak não se mexia. Ainda estava parado no meio da Barreira do Asco, o braço em torno da mulher, Muranta. Rachel sabia que ele não ia tirar os olhos de Morpeth enquanto o velho amigo não partisse.

Morpeth caminhou relutante em direção ao porão, ainda olhando por sobre o ombro para ver o que a próxima criança iria conjurar. Uma minhoca aproveitou a oportunidade para deslizar da perna de Eric e se enrolar na canela de Morpeth.

— Depressa, então — disse Morpeth, segurando a mão de Rachel. — Antes que a minhoca e eu mudemos de idéia.

Rachel deu um passo para dentro da porta. Um de seus olhos estava no escuro; o outro viu Morpeth ainda hesitando no mundo fulgurante de Ithrea.

— Você tem certeza? — ela perguntou. — Morpeth, você tem *certeza*?

— Sim — ele disse. — Não. Sim... Quer dizer... Oh...

Ele a empurrou porta adentro.

Rachel piscou. A poeira suspensa no ar dificultava a visão. Seu pai estava sentado no chão, a cabeça nas mãos, o machado a seus pés. Olhou devagar para o alto e, quando se deparou com ela, caiu num pranto de alívio.

— Eu pensei que você... — gaguejou, procurando as palavras. — Você estava dentro da parede. Eu pensei...

Rachel o abraçou. Quando olhou para ele de novo, seus olhos multicoloridos brilhavam muito.

— Você está diferente — ele disse. — Você *mudou*.

Rachel beijou-o.

— Tudo mudou.

— Onde está Eric?

— Está vindo — disse Rachel. — Na verdade, não vem sozinho.

— Rachel, o que está querendo dizer? — Quero dizer que...

Mas não teve tempo. Scorpa batia as patas, prapsies saltitavam, Ronnocoden batia as asas... e Morpeth e Eric, arrastando as minhocas da melhor maneira possível, entraram pela porta.



O SORTILÉGIO

“Um mundo vivido de possibilidades mágicas.”
The Times

“Uma magnífica voz nova
escrevendo para crianças.”
The Bookseller

“Arrebatador... de raça... (as crianças)
brigam para tomá-lo emprestado.”
The Guardian

“Uma leitura mágica, cheia de perigo, traição
e empolgação... Em nenhum momento
O *sortilégio* deixa de arrebatá-lo e cativar.”
Amazon.co.uk

“Um novo romance de fantasia...
um romance arrebatador que deixará as crianças
desesperadas pelos próximos desdobramentos.”
Express Parent



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

A Bruxa tem a pele vermelho-sangue, os olhos tatuados, quatro dentaduras e a boca torcida de cobra. Na língua costuma enrolar aranhas e sua risada é feia, aguda e desumana.

Naquela noite, entretanto, a Bruxa mostra-se entusiasmada demais pois sabe que uma criança especial está para chegar.

Essa criança chama-se Rachel.

Mas Rachel também tem pela frente a missão de salvar o planeta gelado das trevas e das garras do mal. Aos poucos, a menina descobre o verdadeiro poder da magia e percebe que todas as pessoas são capazes de exercê-la.

A Bruxa acredita que ganhará uma aliada, mas...

"McNish criou um mundo real, de possibilidades mágicas em que os jovens descobrem seus assombrosos poderes."

The Times

